

## DESVELANDO A PAISAGEM DA VILA FERROVIÁRIA DE PARANAÍACABA

ELAINE MORAES DE ALBUQUERQUE



ELAINE MORAES DE ALBUQUERQUE

# **Desvelando a paisagem da Vila Ferroviária de Paranapiacaba**

Tese apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da  
Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em  
Arquitetura e Urbanismo.

Área de concentração: Paisagem e Ambiente  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Catharina P. C. S. Lima

SÃO PAULO  
2018

Exemplar revisado e alterado em relação à versão original sob responsabilidade da autora e anuência da orientadora

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço Técnico de Biblioteca  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Albuquerque, Elaine Moraes de  
Desvelando a paisagem da Vila Ferroviária de  
Paranapiacaba / Elaine Moraes de Albuquerque;  
orientadora Catharina Pinheiro Cordeiro dos Santos  
Lima. - São Paulo, 2018.  
165 p.

Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e  
Urbanismo da Universidade de São Paulo. Área de  
concentração: Paisagem e Ambiente

1. Paisagem. 2. Pesquisa Qualitativa. 3.  
Experiência. 4. Modos de Vida. 5. Vínculo. 6.  
Vivenciadores. I. Lima, Catharina Pinheiro Cordeiro  
dos Santos, orient. II. Título.

ALBUQUERQUE, E. M. **Desvelando a paisagem banal da Vila Ferroviária de Paranapiacaba.**  
Tese apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para  
obtenção do título de Doutora em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovado em: 22/06/2018

**BANCA EXAMINADORA**

Prof.<sup>a</sup> Dra. Catharina Pinheiro Cordeiro dos Santos Lima – Orientadora

Prof. Dr. Eugênio Fernandes Queiroga – FAU-USP

Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani – FFLCH - USP

Prof. Dr. Raul Isidoro Pereira – Externo

Prof. Dr. Caio Boucinhas – FIAM-FAAM



*“Eu sempre sonho que uma coisa gera,  
nunca nada está morto.  
O que não parece vivo, aduba.  
O que parece estático, espera.”*

ADÉLIA PRADO



## AGRADECIMENTOS

A elaboração deste trabalho teve a colaboração de diversas pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para que fosse possível sua conclusão. Gostaria de expressar a todas elas, meu sincero agradecimento.

À professora Catharina, que muito me ensinou ao longo de todo o processo, pela preciosa orientação carregada de sabedoria, acolhimento e incentivos.

À Vânia, pela supervisão do método utilizado, pelas preciosas conversas e colaboração no trabalho de campo.

Aos professores das disciplinas e, de maneira especial, ao professor Magnani, pelas ricas contribuições.

Aos “Argonautas”, às colegas pesquisadoras do LABPARC, pelo grande apoio às expedições e oficinas paranapiacabanas.

À Prefeitura de Santo André, pela disponibilização de materiais de pesquisa e apoio logístico às atividades.

Ao Felipe Nalesso de Freitas, pela cuidadosa elaboração gráfica deste trabalho.

Aos amigos e amigas, que na troca de ideias me encorajaram ao longo desse processo.

Aos vivenciadores de Paranapiacaba que gentilmente nos receberam e compartilharam suas histórias e anseios, por meio dos quais pude conhecer outras Paisagens de Paranapiacaba.

Aos meus pais, pelo contínuo apoio na construção de meu conhecimento - um precioso presente que me trouxe até aqui.

Ao meu tão querido Waldo, por todo o amor, compreensão e incansável companheirismo - fundamentais para o desenvolvimento desta tese.



Aos meus meninos, Jairo e Joel, que  
enchem minha vida de alegria.

Amo vocês.



## RESUMO

A pesquisa buscou compreender como a paisagem de Paranapiacaba acontece em sua complexidade, a partir da ótica daqueles que tecem o cotidiano e fazem da Vila o que ela é de fato. Ao considerar o desafio de articulação entre distintos olhares sobre a paisagem, optou-se pela abordagem qualitativa, lançando mão de ferramentas vindas de diferentes disciplinas, com a intenção de abrir o diálogo com outros campos do conhecimento favoráveis à leitura do fenômeno da vida cotidiana. De um modo geral, a pesquisa constatou que a paisagem acontece no dia a dia de Paranapiacaba por movimentos de inconstâncias e ambiguidades que por vezes se revelam de maneira intensa e mostram que, apesar de essa ser uma relação de afetos, nem sempre é uma relação afetuosa. Além de ambígua e paradoxal, aquela paisagem revelou suas múltiplas feições: não somente grandiosa, monumental e exuberante, mas também, pequena, recolhida. Por se revelar à luz do corriqueiro, da rotina e do trivial, definem aquilo que denominamos *paisagem banal*.

**PALAVRAS CHAVE:** PAISAGEM, VIDA COTIDIANA, VIVENCIADOR, VÍNCULO



## ABSTRACT

The current research sought to understand the means by which the landscape of Paranapiacaba happens in its complexity, from the perspective of those who weave the daily life and make the Vila what it really is . In face of the challenge of articulating different perspectives on the landscape, we chose a qualitative approach, using tools from different disciplines, with the intention to open the dialogue with other fields of knowledge related to the understanding of the phenomenon of daily life. In general, the research realized that the landscape of Paranapiacaba happens in the daily life through movements of inconstancy and ambiguities that sometimes reveal themselves in a very intense way, showing that although this is a relation of affections, it does not mean that the relationship is always affectionate. In addition to being ambiguous and paradoxical, this landscape revealed its multiple features: not only magnificent, monumental and exuberant, but also, small and withdrawn. By revealing itself in the light of the ordinary, the routine and the trivial, it is defined as a *banal landscape*.

KEY WORD: LANDSCAPE, DAILY LIVING, USERS, CONNECTIONS



## LISTA DE FOTOS E TABELAS

	A Vila vista por dentro.	foto: Júlio Bastos	Capa
<b>CAPÍTULO 1</b>			
Fig. 1	A Chegada da Neblina		Pag. 28
Fig. 2	An Artist Studying from Nature		Pag. 30
<b>CAPÍTULO 2</b>			
Fig. 3	Vista da ponte e castelinho		Pag. 44
Fig. 4	Serra do Mar, Igreja do Bom Jesus e Cemitério		Pag. 44
Fig. 5	Vista da Vila do Mar		Pag. 44
Fig. 6	Relógio da Vila		Pag. 44
Fig. 7	Localização de Paranapiacaba no ABC Paulista; em destaque a vila dividida em três setores habitacionais		Pag. 45
Tab. 1	Reconfiguração da amostra		Pag. 54
Fig. 8	Treinamento e preparação do campo, realizados nas instalações da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/USP.		Pag. 58
Fig. 9	Expedição etnográfica, trecho a caminho do Rabique – Vila Ferroviária de Paranapiacaba.		Pag. 58
Fig. 10	Iniciando as derivas pela Parte Baixa.		Pag. 65
Fig. 12	Roda de conversa nas instalações do Clube Lyra Serrano, primeiro momento somente com os pesquisadores e momento posterior com todos os participantes (professores e moradores presentes).		Pag. 66
Fig. 13	Oficina realizada no Clube Lyra Serrano.		Pag. 67
Fig. 14	Intervenção artística na Vila		Pag. 67
Fig. 15	Equipes produzindo o mapa dos afetos de Paranapiacaba.		Pag. 68
Fig. 16	Trecho ilustrativo da transcrição com as observações das primeiras leituras		Pag. 70
Fig. 17	Trecho ilustrativo do quadro de conteúdos		Pag. 70
Fig. 18	Texto ilustrativo da pré análise.		Pag. 71
Fig. 19	Mapa conceitual com destaque a um dos eixos temáticos tratados.		Pag. 72
<b>CAPÍTULO 3</b>			
Fig. 20	Caminho do Mens		Pag. 78
Fig. 21	Mapa do Macrozoneamento do Município de Santo André e localização de Paranapiacaba.		Pag. 81
Fig. 22	Vista para o Morro.		Pag. 88
Fig. 23	Janela da minha casa.		Pag. 88
Fig. 24	“O que vejo da minha janela”.		Pag. 88

Fig. 25	“Locobreque” na entrada da Vila pela Parte de Baixo.	Pag. 89
Fig. 26	Casas dos operários na Serra	Pag. 97
Fig. 27	Trabalhadores da estrada de ferro e casas ao fundo.	Pag. 97
Fig. 28	Obras do PAC e com os “Tapumes Interativos” (projeto de educação patrimonial do IPHAN, desenvolvido com adolescentes da Vila).	Pag. 105
Fig. 29	Vagão abandonado.	Pag. 113
Fig. 30	Imóveis à espera de restauração.	Pag. 113
Fig. 31	Residência no Morro.	Pag. 113
Fig. 32	Ruínas da Rua Direita- até a ancoragem está degradada.	Pag. 113
Fig. 33	Vista para a Igreja na hora da neblina.	Pag. 125
Fig. 34	Vista para a Igreja em hora de sol.	Pag. 125
Fig. 35	No caminho, voltando pra casa.	Pag. 133
Fig. 36	Poço do Rabique.	Pag. 136
Fig. 37	Poço do Formoso.	Pag. 136
Fig. 38	Água da fonte.	Pag. 136
Fig. 39	Água do Céu.	Pag. 136
Fig. 40	Vista da Cruz.	Pag. 139
Fig. 41	Ponte, para a Parte Baixa.	Pag. 139
Fig. 42	Locobreque.	Pag. 139
Fig. 43	Vista de quem desce a Ladeira da Memória.	Pag. 143
<b>SÍNTESES E CONSIDERAÇÕES SOBRE O DESVELADO</b>		
Fig. 44	A Volta do Trabalho	Pag. 148
Fig. 45	Fotos Paranapiacaba	Pag. 161

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>CONDEPHAAT</b>	Conselho de Defesa do patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo
<b>COMDEPHAAPHASA</b>	Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arquitetônico-Urbanístico e Paisagístico de Santo André
<b>ENANPUR</b>	Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional
<b>IPHAN</b>	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
<b>LABNAU/FFLCH</b>	Núcleo de Antropologia e Urbanismo / Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
<b>LABPARC/FAU</b>	Laboratório Paisagem, Arte e Cultura / Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
<b>PAC-CH</b>	Programa de Aceleração do Crescimento - Cidades Históricas
<b>PSA</b>	Prefeitura de Santo André
<b>RFFSA – “Rede”</b>	REDE FERROVIÁRIA FEDERAL SOCIEDADE ANÔNIMA
<b>SPR</b>	São Paulo Railway
<b>UNESCO</b>	United Nations Organization for Education, Science and Culture



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	23
<b>CAPÍTULO 1 - APROXIMANDO-SE DA PAISAGEM VIVIDA</b>	27
1. SENTIDOS DE PAISAGEM COMO EXPERIENCIA ESTÉTICA	33
2. SENTIDOS DE PAISAGEM NA EXPERIÊNCIA COTIDIANA	36
<b>CAPÍTULO 2 - OS CAMINHOS PERCORRIDOS - JUNTANDO AS TÉCNICAS</b>	43
1. O CONTEXTO	45
2. A PREPARAÇÃO E O CONTATO COM O CAMPO	51
3. A ANÁLISE DO CAMPO	69
4. O AS LIÇÕES APRENDIDAS	73
<b>CAPÍTULO 3 - SOB ALENTE DO VIVIDO</b>	77
<b>PARTE I - OS EIXOS TEMÁTICOS</b>	
1. OS IMPACTOS DA LOCALIZAÇÃO E SEUS PARADOXOS	82
2. UMA HISTÓRIA DE PESO	90
3. A AMBIGUIDADE DE SENTIMENTO	117
4. O SENTIMENTO DE INVASÃO	107
<b>PARTE II - JOGO DE PAISAGEM</b>	125
<b>PARTE III - PISTAS DA PAISAGEM PARA NOVAS POSSIBILIDADES</b>	147
1. LAÇOS HUMANOS NA PAISAGEM DA VILA	145
2. MOVIMENTOS DA PAISAGEM	148
3. PAISAGEM MÚLTIPLA E PARADOXAL	149
4. AS TEMPORALIDADES DE PARANAPIACABA	151
5. OUTRAS OBSERVAÇÕES DA EXPERIÊNCIA PAISAGÍSTICA POR JANELAS	152
<b>SÍNTESES E CONSIDERAÇÕES SOBRE O DESVELADO</b>	157



## INTRODUÇÃO

A relação sociedade-natureza é mediada por uma gama de fatores culturais, políticos, ideológicos, simbólicos, econômicos e religiosos. Nessa mediação, à proporção que a natureza é “significada”, atribui-se às sociedades as possibilidades e os modos de lidar com ela. Por sua vez, é também na paisagem que a cultura se expressa, manifestando-se em suas diversas dimensões. Sob esse aspecto, a paisagem é um ponto central para a compreensão da tríade natureza-cultura-sociedade.

Os sentidos que articulam a ideia de sociedade-natureza de alguma maneira sempre despertaram a atenção da pesquisadora, principalmente a relação entre a gestão pública das cidades e o “viver cotidiano” de seus habitantes – esfera na qual a paisagem está intimamente imbricada.

Para além do que se manifesta nos aspectos valorizados pelas ciências naturais e na experiência produzida pela arte, a paisagem tem muito a revelar a respeito do modo de vida das pessoas. Nesse sentido, ela se torna um ente fundamental a ser considerado nas proposições voltadas às questões da qualidade urbana dos lugares de vida, na medida em que se coloca como uma espécie de lente para capturar aspectos da vivência, disponibilizando uma visão muito preciosa para o planejamento das cidades.

Tendo em vista o aprofundamento do contexto colocado, compreender “a paisagem vivida pelas pessoas no dia a dia” é o tema ao qual a pesquisadora vem se dedicando ao longo de sua trajetória profissional.

Durante o mestrado, debruçou-se sobre os assuntos pertinentes às tensões presentes na gestão de áreas que margeiam os córregos no meio urbano. Assim sendo, ao eleger uma bacia hidrográfica do município como recorte territorial, examinaram-se os conflitos e limitações, avanços e desafios da instituição pública e a possibilidade de gestão compartilhada dessas áreas - considerando a participação de sua população.

Ainda que naquele momento a paisagem tenha sido abordada de maneira mais objetiva e do ponto de vista ambiental, os resultados da pesquisa mostraram que a subjetividade também tinha um papel importante nesse jogo, cabendo um aprofundamento da questão. Percebeu-se, então, que para a devida compreensão da paisagem dos lugares, era preciso buscar a superação da visão técnica fragmentada da cidade, por meio da ampliação de distintos “olhares” (inclusive o vernacular).

Entretanto, os resultados apontaram que além da integração de saberes, para interpretar a paisagem era necessário considerar outros aspectos que não podiam ser apreendidos pelo foco “socioambiental” somente. Constatou-se que, como a paisagem é uma entidade complexa e está inter-relacionada a uma variedade de elementos, processos, fluxos que

perpassam seus aspectos objetivos e subjetivos, materiais e imateriais, visíveis e invisíveis, ela rejeita um “olhar” racionalizado e reducionista e requer daquele que se propõe a interpretá-la, um empenho que faça jus a essa complexidade<sup>1</sup>.

Particularmente, o caso da Vila Ferroviária de Paranapiacaba – foco deste trabalho - tem mostrado claramente a fragilidade da salvaguarda do patrimônio e da preservação ambiental, partindo de um debate que desconsidera suas contradições. Em que pese os esforços e virtudes dos projetos, muitos deles com forte preocupação social, os objetivos de *conciliar a preservação das características físicas da Vila com sua dinâmica urbana* não têm sido alcançados efetivamente.

Por isso, entender o lugar por meio da percepção sensível de seus vivenciadores revelou a possibilidade de uma chave para aproximar o pensamento técnico na gestão pública à experiência concreta da vida.

Essa perspectiva de paisagem dirige a pesquisa ora apresentada, tendo como propósito compreender como *acontece* a paisagem de Paranapiacaba, reconhecendo-a nas relações das pessoas com seu meio - na instância do mundo vivido - e através do que revelam os sentimentos e intuições de seus vivenciadores, interpretar como ambos (as pessoas e suas paisagens) se afetam mutuamente<sup>2</sup>.

Trabalhou-se a hipótese de que na dimensão sensível da paisagem estariam os fragmentos de realidade necessários para guiar a interpretação mais próxima daquilo que, de fato, acontece no lugar.

Para reconhecer os aspectos sensíveis revelados, juntamente com o que se mostra factualmente, lançou-se mão de um conjunto de ferramentas metodológicas que proporcionasse maior aproximação à realidade vivida, privilegiando a compreensão dos vínculos das pessoas com o lugar.

---

1 - Este pode ser um dos fortes motivos porque a noção de Paisagem (em sua complexidade) não tem sido devidamente incorporada à gestão pública das cidades brasileiras, a despeito de sua pertinência aos estudos urbanos. Ademais, pode-se afirmar que a dificuldade de muitos planejadores urbanos em incluir a “dimensão imaterial da paisagem” em seus trabalhos decorre principalmente da incipiência de uma cultura paisagística na história do país capaz de ampliar as condições para seu reconhecimento nas instâncias da esfera pública.

2 - Paranapiacaba tem sido “objeto” de muitos estudos acadêmicos. Grande parte dessa produção se centraliza em sua relevância natural, cultural e histórica. São poucos os que focalizam seus habitantes, entre os quais se destacam as seguintes pesquisas: UVINHA (2003) trata da participação das pessoas nas propostas de desenvolvimento de turismo de aventura na Vila; MORETTO Neto (2005), aborda os aspectos sociais, econômicos e comunitários durante a iniciativa de revitalização da Vila em 2001; JÖRG (2011) trata do processo de construção de identidades com sentido emancipatório dos moradores da Vila diante do seu tombamento histórico; PASSOS (2016) relaciona a expressão do patrimônio habitado e a experiência do vivenciado no âmbito da casa. No campo do urbanismo, entretanto, não foi encontrada nenhuma pesquisa em Paranapiacaba que abordasse a relação de seus vivenciadores com a experiência da paisagem.

A busca por esse conhecimento vislumbrou um caminho técnico mais acurado para as proposições urbanas em áreas protegidas ao identificar o que se entende por *paisagem banal* como sinalizadora dos vínculos que existem e daqueles que podem surgir.

A pesquisa divide-se em três capítulos:

O primeiro capítulo, *“Aproximando-se da paisagem vivida”*, apresenta a proposta da investigação e as bases teóricas que amparam o sentido de paisagem como experiência estética e constituinte do âmbito existencial humano - que acontece na vida cotidiana. Entre eles, BERQUE (1994-2008); SIMMEL (1988); RITTER (1997); SERRÃO (2010-2013); DARDEL (1952); HILLMAN (1993).

O segundo capítulo, *“Os caminhos percorridos – juntando as técnicas”*, caracteriza o campo empírico e apresenta a abordagem metodológica escolhida para fundamentar a pesquisa, a amostra considerada e as técnicas empregadas. Descreve também o percurso metodológico construído ao longo da investigação, os percalços e superações, bem como as lições aprendidas a respeito da contribuição do método para os estudos urbanos e paisagísticos.

O último capítulo, *“Sob a lente do vivido”*, traz as análises e interpretações do relatório das pesquisas de campo, subdividido pelos seguintes eixos de análises: Impactos de localização; História de peso; Ambiguidade de sentimento; Sentimento de invasão e Jogo de paisagem.

É, portanto, um material que resulta de uma construção coletiva, pois é formado por relatos que os próprios vivenciadores de Paranapiacaba concederam a respeito de como “a paisagem deles” acontece no lugar.





# Capítulo I

APROXIMANDO-SE DA PAISAGEM VIVIDA



Fig. 1: A Chegada da Neblina  
Foto: Israel Lopes, 2018

*“Para que fossem expostos à luz do mundo, e aí se desenvolvessem, foi preciso que alguém se desse conta, por exemplo, da energia contida na força da água; da madeira contida no tronco da árvores; do alimento contido nas frutas; do amor contido no beijo; da generosidade contida num gesto; da justiça contida numa lei; ou num sistema político (...). Enquanto não fossem “vistos” como tais, o tronco da árvore permaneceria sendo apenas o tronco da árvore, e a queda da água apenas como uma queda d’água. Mas depois que a madeira e a energia foram desveladas, podemos falar que elas não estão ali na árvore e na água, mostrando-se a princípio no modo de velamento”. (CRITELLI, 2006: 76)*

A interpretação do *real*, segundo CRITELLI, consiste em compreender o movimento que faz algo *tornar-se real*. Para ela, *“quando um ente aparece (...) ele já foi forjado como real”*. Isto não quer dizer que as coisas se mostram primeiro para só depois serem convertidas em realidade, mas ao contrário, *“A própria percepção de algo pressupõe que esse algo tenha sido o resultante de um movimento de realização”* (idem: 75).

Entre os elementos que compõem esse movimento que faz “aparecer” o ente está o *desvelamento* que ocorre *“quando algo é tirado de seu ocultamento, desocultado”*.

A autora descreve que, enquanto as coisas não são expostas à luz e *desveladas*, permanecem no reino do *nada*<sup>1</sup>, *ocultas*; mas acrescenta que, aquilo que for trazido à luz não necessariamente, permanece desvelado para sempre, nem de uma mesma maneira (idem:76).

A argumentação sobre como acontece a *compreensão da realidade* trouxe inspirações a esta investigação, no contexto em que foi desenvolvida. O sentido atribuído para *desvelamento* traz à memória a forte presença da neblina - um elemento tão singular da paisagem de Paranapiacaba. Suas idas e vindas contribuem para a incidência de luz e sombra, permitindo o “aparecimento” de outras facetas da paisagem (nem sempre evidentes).

Pensar no desvelamento como “retirada do véu” também dispara associações: *Véu da Noiva* é uma das expressões usadas naquela Vila para definir sua neblina. (Fig. 1)

Sob essa perspectiva fenomenológica, a presente investigação buscou interpretar a paisagem que acontece na Vila de Paranapiacaba a partir das relações das pessoas com seu meio, compreendendo-a na instância do mundo vivido.

O objetivo deste capítulo é apresentar os fundamentos teóricos que ancoraram a pesquisa com base em autores para os quais a paisagem é uma experiência estética no âmbito existencial humano. Entre eles estão, o sociólogo Georg Simmel (1988), o filósofo Joachim Ritter (1997) e o geógrafo Augustin Berque (1994-2008). A geograficidade de Eric Dardel (1952) e a ideia de “alma ligada à cidade” do psicanalista James Hillman (1993), também guiaram a

1 - CRITELLI explica que o *reino do nada* é apenas uma *condição* de algo que ainda não recebeu iluminação, não foi trazido à luz.

busca pela compreensão de vínculo humano com a Terra como sentido de paisagem no âmbito onde a vida cotidiana acontece.

Entretanto, para elucidar do assunto proposto, é preciso antes fazer uma pequena reflexão sobre como se forma a noção de paisagem.

A acepção mais enraizada da ideia de paisagem decorre da relação dos seres vivos com seu meio. Suas primeiras ocorrências surgem discretamente nas pinturas de temas religiosos no século XIV, por meio do “enquadramento” do ambiente natural, dentro de pequenas janelas ao fundo da cena. Essas janelas foram ampliadas progressivamente até a representação da paisagem assumir seu protagonismo por completo, no Renascimento<sup>2</sup>, como gênero da pintura.

Graças aos recursos como a perspectiva, as pinturas de paisagem trouxeram as figuras para o campo aberto, dando destaque à celebração da natureza, como expressão do deleite artístico pelas belezas naturais. Desse período decorrem as visões idílicas e pastorais, impressas no imaginário popular urbano. Esta ênfase na beleza e a visada campesina, advindas das pinturas, norteou os jardins ingleses como contraponto aos malefícios das cidades industriais ainda é muito presente na associação de paisagem como lugar verdejante, fresco e calmo.



Fig. 2 - “An Artist Studying from Nature” - de Claude Lorraine, 1639.

---

2 - Muitos estudiosos do assunto remontam a origem da noção de paisagem ao Renascimento europeu, mas há outros autores que mencionam o surgimento da noção de paisagem no séc. IV, na China – entre eles Augustin Berque (1994-2008) e Donadieu et Périgord (2007). A primeira ocorrência registrada seria o primeiro tratado sobre paisagem, denominado “Introdução à pintura de paisagem” de Zong Bing (375-443) e segundo o qual a paisagem possui uma “forma material que tende ao espírito”.

Entretanto, mais antiga que a noção de paisagem atrelada à representação pictórica, existe outra, baseada numa abordagem antropológica, mais ligada à *terra* ou *região*, e associada à preferência e contemplação de lugares pitorescos:

*“A [concepção] mais comum toma a paisagem como uma evidência, um ingrediente da experiência milenar dos seres humanos, que desde sempre se maravilharam com a realidade natural circundante e escolheram sítios privilegiados para se instalarem e fundarem comunidades de vida.” (SERRÃO, 2013:13)*

A noção ocidental de paisagem, que surgiu na modernidade, traz um resíduo de sentimento, desde a antiguidade, relacionado à ligação afetiva humana com a superfície da Terra.

Essa relação tão vinculada ao vivencial - definida como “*sentimento de natureza*” (SIMMEL) ou “*ecúmeno*” (BERQUE) – está entrelaçada à noção de paisagem, ainda que o termo tenha passado a sugerir nostalgia e, portanto, a separação entre a Terra e o Homem moderno.

A ambivalência nessa ideia de paisagem, como *relação humana com a Terra* também pode ser percebida no processo de sua formação etimológica: os prefixos que compõem a palavra, ‘*pays*’ (nas línguas neolatinas) remete à *aldeia natal, lugar de origem familiar e próximo*, enquanto ‘*land*’ (nas línguas germânicas e anglo-saxônicas), carrega o sentido de *região, parcela de terreno ou limite territorial*. Assim, a palavra *paisagem* pode estar relacionada tanto ao “*vínculo entre as pessoas e seus lugares de vida*” como pela “*representação pictórica de regiões naturais*” (idem, 14).

Essa mudança de significado de “*ligação direta com a terra, pela presença física*” para “*indiretamente vinculada pela memória*” teve outro desdobramento mais recente: o enquadramento do “*alcance da vista*” do observador:

*“Em contraste com a formação recente dos derivados de ‘pays’, estes são termos antigos que coexistem com a raiz Land e significam a forma de uma região ou a parte do território ocupado e trabalhado pelas populações (...). A disseminação posterior do termo pelas línguas neolatinas aliará um terceiro sentido, como que decalcado já da arte sobre a natureza: o aspecto geral de uma porção de território que se oferece à vista de um observador.” (Ibidem, 14)*

Entretanto, conforme destaca a mesma autora, a palavra paisagem sempre esteve associada à descrição de “*imagem de mundo*”, apesar de poder significar tanto “*imagem pintada*” como, metaforicamente, “*perspectiva de mundo*”. Essa característica dual é também se observa na definição do termo pelo Dicionário Epistemológico da Língua Portuguesa, que atribui à *paisagem* tanto o sentido de *ser* (coisa) como *a sua representação* (imagem). Sua natureza multifacetada, segundo SERRÃO, contribuiu para a conformação segregada da noção de paisagem, dividida em dois grandes grupos do saber: a Arte e a Ciência.

Tal segregação decorre do mesmo princípio que fundamentou a modernidade: a ruptura, a dissociação do sujeito em relação ao mundo, a distinção entre o mundo físico e o mundo fenomenológico. O projeto moderno resultou em aceleradas transformações em escala global como nunca antes sob a égide da “eficácia” - visão que contribuiu para o avanço e enaltecimento do conhecimento científico. Por outro lado, nas palavras de RITTER (1997), “o progresso das ciências naturais só foi possível com a transformação da natureza em objeto e o consequente divórcio do homem e a natureza”.

Desse modo, as ciências modernas foram colocadas em uma espécie de plataforma distanciada da vida cotidiana e, provavelmente devido a essa condição hermética, tornou-se comum certa deficiência na formação do especialista para acolher e decodificar o saber não-científico.

Essa dissociação também se repetiu nos estudos de paisagem, quando esta passa a ser historicamente entendida como um objeto teórico especializado e (novamente) segregado do mundo vivido, de acordo com cada campo de conhecimento, tanto das ciências naturais como das ciências humanas. Já no século XX muitos pensadores indicavam que a visão dualista moderna era inviável. Em contrapartida emergem simultaneamente a ecologia e fenomenologia com uma proposta de substituir o olhar que separa o sujeito do objeto por outro capaz de compreender entidades relacionais complexas – as quais “*põem em jogo ao mesmo tempo, a corporeidade, os laços sociais e os trofismos ecológicos*” (BERQUE, 1994).

Nesse contexto, a dimensão subjetiva da paisagem passa a ser considerada com maior acuidade, despontando uma nova concepção.

BERQUE explica a valorização do subjetivo na paisagem: ela não foi apenas uma mera reação à degradação ambiental da modernidade, mas aconteceu no “ambiente”, de modo que não se pode mais considerá-lo como simples objeto:

*“a distinção ontológica, anteriormente operada pela alternativa moderna, invalidou-se a si própria diante desta evidência sempre mais gritante: o ambiente está impregnado pela nossa subjetividade. Não estamos somente imersos biologicamente nele; **ele condiciona também nossa identidade e nossa personalidade através de valores que nós lhe apomos.** Em outras palavras: enquanto paisagem”* (BERQUE, 1994 – grifo nosso).

A *relação* é destaque na concepção de paisagem de Augustin Berque. Para ele, a paisagem faz parte de um jogo que ocorre simultaneamente em várias dimensões. Assim, a paisagem não pode ser reduzida puramente à “*morfologia do ambiente*” e nem à “*psicologia do olhar*”. Abarcá-la com inteireza significa considerar simultaneamente seus aspectos paradoxais - o sensível com o factual, o físico com o fenomenal.

“... a paisagem não reside somente no objeto, nem somente no sujeito, mas na interação complexa desses dois termos (...). É na própria complexidade desse cruzamento que se fixa o estudo paisagístico” (idem: 26)

Do mesmo modo que o autor argumenta que a paisagem não pode ser inteiramente compreendida por uma única dimensão, a paisagem não é igual em todas as épocas e nem em todas as sociedades. Para ele, essa distinção de paisagem não acontece no âmbito sensorial dos seres humanos, mas “no nível da interpretação que as diversas culturas fazem de seus ambientes”, pois “as sociedades interpretam seus ambientes em função da organização que elas lhes dão e, reciprocamente, eles o organizam em função da interpretação que elas fazem deles”<sup>3</sup>. (ibidem, 34)

Nesse sentido, além de dialógica, relativa<sup>4</sup> e dinâmica, a paisagem é também uma construção cultural, pois não existe sempre e nem em todo lugar.

## 1. SENTIDOS DE PAISAGEM COMO EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

Pensadores contemporâneos da paisagem a associam à experiência estética (aesthesis) - relacionada à “compreensão dos sentidos” ou à “faculdade de sentir”, não somente como conceito racionalizado, mas remontando à ideia da paisagem que acontece no momento em que o ser humano se dispõe a contemplar a natureza “sem uma finalidade específica”.

A carta na qual Francesco Petrarca relata sua ascensão ao Monte Ventoux (1336), na França, contém o primeiro registro histórico sobre a experiência moderna de paisagem. Motivado a buscar a unidade entre o “eu e o mundo”, Petrarca teria empreendido uma escalada para tão somente “contemplar”:

“...Petrarca, decidindo escalar a montanha para simplesmente fruir da vista que pode ser desfrutada do seu cimo, teria sido o primeiro a encontrar a fórmula da experiência paisagística no sentido próprio do termo: **a contemplação desinteressada**”. (BESSE, 2006:15– grifo nosso)

A paisagem que marcou aquela experiência e foi associada à *contemplação*

3 - Essa relatividade da paisagem demanda um trabalho cuidadoso que, por não ser de fácil compreensão, muitas vezes deixa de ser observada nos estudos pertinentes ao tema. Essa dificuldade embasa o argumento de uma abordagem estritamente objetiva da paisagem. Quanto ao vínculo com a natureza em civilizações que a consideram não-paisagística, Berque afirma: “... somos do mesmo modo cegos aos seus critérios e não temos outras palavras para expressá-los, a não ser mediante um paciente e humilde trabalho de aprendizagem e de tradução...” (BERQUE, 1994).

4 - Entretanto, a despeito das distintas formas de interpretação da paisagem, BERQUE aponta para uma espécie de denominador comum a todo o ser humano: a *proto-paisagem* - uma “espécie motivação fundamental” que faz as pessoas se sentirem bem em um ambiente apropriado, onde a apreciação “se refere à vista sem, por isso implicar uma estética propriamente paisagística” (idem).

*desinteressada*, seria em outras palavras: “a natureza esteticamente presente, se mostrando a um ser que a contempla provando sentimentos”. (RITTER, 1997)

Entretanto, a conquista do cume e a vista de longo alcance não apaziguou Petrarca; ao contrário, abalou seus pressupostos a respeito da noção de paisagem como externa ao sujeito. A paisagem vivenciada no descortinar do horizonte, deflagrou um prazer estético que levou o poeta ao deslumbre, ao mesmo tempo em que o conduziu a olhar para si mesmo.

*“A ambiguidade de sentimentos que acomete Petrarca – o desejo de pacificação interior, que o impulsiona a escalar a montanha e ver o mundo de cima, e a insatisfação ao atingir o cume, que o compele a se deslocar continuamente para outros lugares – marcará a experiência moderna diante da paisagem.”* (BARTALINI, 2005:118)

É justamente essa espécie de colisão de sentimentos ambíguos, provocada pela presença estética de natureza que “*funde o interior e o exterior, o sujeito e o objeto, gerando a paisagem*” (BARTALINI, 2013:15).

Essa ideia de experiência estética que funde é reforçada nas contribuições de SIMMEL ao apresentar a paisagem como “uma nova unidade”. Segundo ele, para que a paisagem seja “vista” conscientemente não basta observar os objetos soltos “na natureza”:

*“A nossa consciência, para além dos elementos, deve usufruir de uma totalidade nova, **de algo uno**, não ligado às suas significações particulares nem delas mecanicamente composto - só isso é a paisagem (...) não se há de negar que a ‘paisagem’ só surge quando a vida pulsando na intuição e no sentimento é em geral arrancada à unicidade da natureza e o produto particular assim criado, transferido para **um estrato inteiramente novo**, se reabre então, por assim dizer, de per si à vida universal, acolhendo o ilimitado nos seus limites inviolados.”* (SIMMEL, 2009: 5 e 8 – grifo nosso).

Ao considerar a paisagem como categoria do pensamento humano, SIMMEL a vê como uma entidade que une, denominando-a ‘*pedaço de natureza*’, um ‘recorte’ produzido pelo olhar<sup>5</sup>.

Para elucidar como acontece o processo que engendra essa nova unidade (a paisagem), o autor destaca a ação de um “*componente instaurador de unidade e qualidade*” que imprime uma forma à paisagem: é a *Stimmung*<sup>6</sup>, um fenômeno unificador semelhante à

5 - Paisagem como recorte do olhar: “*Um pedaço de natureza’ é, em rigor, uma contradição em si; a natureza não tem frações; é a unidade de um todo (...). Mas, para a paisagem, é justamente essencial a demarcação, o ser-abarcada num horizonte momentâneo ou duradouro; a sua base material ou os seus fragmentos singulares podem, sem mais, surgir como natureza (...). Ver como paisagem uma parcela de chão com o que ele comporta significa então, por seu turno, considerar um excerto da natureza como unidade - o que se afasta inteiramente do conceito de natureza”.* (SIMMEL, 2009:06).

6 - *Stimmung* pode ser traduzida por “alma”, ou “estado da alma”. (BARTALINI, 2013:12).

disposição anímica que atua nos conteúdos psíquicos humanos:

*“... assim como por **disposição anímica de um homem** entendemos o elemento unitário que colora constantemente ou só no momento presente, a totalidade dos seus conteúdos psíquicos singulares, em si mesmo nada de individual, muitas vezes, nem sequer apenso a um elemento particular referível, mas é, todavia o universal onde agora se reúnem todas estas singularidades - assim também a **disposição anímica da paisagem** penetra todos os seus elementos particulares, sem que, muitas vezes, nela se consiga fazer sobressair um só; cada qual, de um modo dificilmente designável, tem nela parte - mas ela nem subsiste fora destes contributos nem deles é composta.” (SIMMEL, 2009: 13-14).*

O sentido de *Stimmung*, como “componente unificador” produzido na paisagem a partir da intuição e do sentimento, alinha-se ao pensamento de DARDEL (1952), define a paisagem como “um conjunto, uma convergência, um momento vivido. (...) uma ligação interna, uma ‘impressão’, unindo todos os elementos.”, considerando ainda que esta paisagem “se unifica em torno de uma **tonalidade afetiva dominante**, perfeitamente legítima, embora refratária a toda redução puramente científica” (DARDEL, 1952:41 – grifo nosso).

Em sua obra, *O Homem e a Terra – 1952*, DARDEL insere a paisagem no escopo da existência humana na Terra, destacando, deste modo, outra perspectiva na apreensão sensível transcendente àquela que se faz pelo “olhar contemplativo”:

*“A paisagem não é em sua essência feita para ser olhada, mas inserção do homem no mundo, lugar de um combate pela vida, manifestação de seu ser com os outros, base do ser social”. (DARDEL, 1952:41)*

Assim sendo, a paisagem, que se apreende na dimensão do sensível, toma força no campo dos afetos nestas perspectivas: se a experiência estética da fruição desinteressada permitiu sobrepujar a aceção do belo (ainda que beleza faça parte da noção de paisagem), de igual modo a paisagem diz muito a respeito da existência humana na Terra, e assim também é uma forma de ver o mundo:

*“A paisagem pressupõe uma presença do homem, mesmo onde ela toma forma de ausência. Ela fala de um mundo onde o homem realizava sua existência como presença circumspecta e atarefada”. (idem :42)*

## 2. SENTIDOS DE PAISAGEM NA EXPERIÊNCIA COTIDIANA

Ao iniciar a pesquisa, havia uma questão intrigante: como a paisagem é apreendida pelas pessoas comuns que habitam os lugares de excepcional beleza natural e importância histórica?

Uma das chaves que abriu o processo da pesquisa foi fornecida por Dardel (1952): ***“Há uma visão primeira da Terra que o saber, em seguida, vem ajustar”***.

Nesse sentido, há uma dimensão na relação humana com a Terra deflagrada no campo sensorial que é fundamental para a interpretação da paisagem por ser anterior e oferecer elementos ao conhecimento. Trata-se de uma experiência universal que, independente de tempo e espaço, está disponível a qualquer ser humano – pois todos temos sensibilidades – independentemente de conhecimento prévio:

*“a paisagem é um lugar fenomênico, definido por nosso olhar, nossas tarefas, nosso mundo de implantação diante das coisas, como resultante da coexistência entre nós e o mundo”* (PALLAMIN et alli, 2014: 25-26)

Diferente de autores que tratam a experiência estética da paisagem como essência inteiramente cultural e artística, a ser apreendida estritamente por intermédio da arte<sup>7</sup> esse *“lugar fenomênico”* - onde o ser humano empreende o *“recorte de uma porção da Natureza, transformando-a em paisagem”* - também acontece, por meio de pessoas comuns, nos seus lugares de vida onde estabelecem seus laços de pertencimento e fincam as suas memórias. Augustin Berque está entre os principais teóricos que trabalham essa corrente.

Enquanto a primeira corrente trabalha a paisagem como um conceito restrito e erudito de cultura e resultado da instauração pela arte, a segunda vê a paisagem a partir do modo como as populações se consolidam nos territórios; *“assim, ao invés do elogio ao artista, o trabalho do camponês é valorizado enquanto nexo direto da paisagem”* (SERRÃO, 2012:20).

*“é então como se fosse da paisagem (...) solicitar a intervenção humana, através do corpo de quem a habita e cuida (...). O verdadeiro elemento de ligação com a paisagem não seria primeiramente nem a ação nem a percepção, mas a integração permitida pelo corpo, seja do camponês das sociedades vernaculares, seja do jardineiro moderno”*. (BERQUE apud SERRÃO, 2012:20 – grifo nosso)

A esfera da vida de *“quem cuida e habita”*, também pode ser denominada como aquela que SIMMEL (1998) chamou de *“vida empírica”*. Nela, a paisagem pode ser acessada no estado de matéria-prima, podendo ser posteriormente processada pela religião, pela

7 - Entre eles, Alain Roger, em *Natureza e Cultura. A dupla artialização* (2011).

ciência e pela arte<sup>8</sup>. Ainda que esses três campos estejam circunscritos às formações culturais, submetidas a um tipo de regramento descolado do *“emaranhado da vida cotidiana”* e *“alheias a todas as opacidades da vida contingente”*, é da vida empírica que recebem os subsídios para consolidarem suas formações. É no dia a dia que se encontram *“os detonadores destas formações que a partir dela, se elevam a um nível de desenvolvimento autônomo, cristalizado em torno de sua ideia”*. (SIMMEL, 2009:09)

Essa espécie de “matéria-prima” acontece na vida cotidiana, como um “estágio” que se dá entre *“a primeira impressão das coisas tomadas em sua singularidade até o quadro de paisagem”* (produto final da arte). Por isso, onde acontece uma experiência estética de paisagem se vê *“realmente uma paisagem e não mais um aglomerado de objetos naturais, vemos uma obra de arte ‘in statu nascendi’”* (idem:23)

Isso nos faz retornar à *Stimmung* como um *“processo afetivo exclusivamente humano”* e participante da esfera do mundo vivido, que se expressa, sobretudo, na experiência cotidiana.

BERQUE partilha desse pensamento e faz destaque à dimensão ordinária<sup>9</sup> da paisagem, que acontece no âmbito do senso comum, enlaçando as pessoas aos seus lugares de vida: *A paisagem é extraordinária na sua historicidade e ordinária no senso comum*. (BERQUE apud VERAS, 2014:76)

A paisagem cotidiana não se apresenta apenas em sua exuberância, mas também nos *vínculos afetivos da terra natal, ou em um novo lugar para estabelecer um lar*.

Para exemplificar a distinção de olhar a paisagem a partir dessa nova abordagem, fora da lógica cientificista e guiada *“por uma verdade mediada estética”*, RITTER (1997) menciona a metáfora do “grande e o pequeno sol” descrita por Baumgarten em seu livro *Aesthetica*, de 1750, referindo-se às distinções explicitadas nas escalas.

8 - A esse respeito, Simmel explica que existem sentimentos que se engendram *“no desenrolar contínuo da vida empírica”* – como o amor, a sensibilidade pela natureza, os impulsos idealistas, a dedicação ao coletivo - definidos pelo autor como religiosos, apesar de serem anteriores, mas independentes da religião. Quanto ao conhecimento científico, sua autonomia indica justamente o cotidiano como seu ponto de origem: *“não seriam formas autonomizadas do conhecimento cotidiano, içadas à hegemonia? (...) a ciência ainda não é outra coisa senão a purificação e a sistematização deste saber disperso na vida, por meio do mundo cotidiano”* (Idem: p.23 – negrito nosso). A arte, por sua vez, reconhecidamente *“vem da vida”*, ainda que *“nenhum conceito de arte está operando quando o homem se expressa cotidianamente em palavras ou gestos, ou quando sua visão dá forma à matéria conferindo-lhe sentido e unidade. No entanto, em tudo isto, atuam modelos que, ato contínuo, chamamos de artístico (...) quando esses modelos se liberam da função que os vincula à vida, dão forma a um objeto em si, que é um produto deles, tem-se então uma ‘obra de arte’ ”* (Ibidem: p.23).

9 - A palavra ordinária não se refere necessariamente à *paisagem ordinária* como tratada na Convenção Europeia de Paisagem (ou Convenção de Florença – Dec. N. 04/2005), pois apesar de significar grande avanço nas políticas públicas de proteção à paisagem, por incluir outras paisagens além das consideradas *extraordinárias*, o conceito focaliza a ideia de *desenvolvimento sustentável* e identidade nacional, aspectos distintos do sentido de paisagem trabalhado nesta investigação..

*“... o trajeto que o sol realiza pelas constelações no decorrer do ano e que o pastor, entretendo-se com seus companheiros e com sua bem amada, tem diante dos olhos, não é reconhecido nos conceitos de que se serve o astrônomo para pensá-lo na qualidade de físico”. (RITTER, 1997)*

Nessa metáfora ele argumenta que as ciências modernas - e aqui se inclui o pensamento técnico das instituições governamentais, que comumente é dirigido pelo conhecimento gerado por essas mesmas ciências - percebem e valorizam o “grande sol”, mas não consideram o “pequeno sol” que também participa e interfere nas dinâmicas que acontecem no cotidiano.

Entretanto, ao retomar o sentido dialógico da paisagem em BERQUE (1994), destaca-se novamente suas ambivalências: a paisagem é extraordinária e ordinária, grande e pequena ao mesmo tempo. Neste sentido, o autor aponta a complexidade inerente à paisagem, *“é uma entidade relativa e dinâmica, onde natureza e sociedade, olhar e ambiente estão em constante interação (...) que põe em jogo várias escalas de tempos e de espaço, implica tanto na instituição mental da realidade, como na constituição material das coisas”*.

Desta forma a paisagem também pode ser apreendida de diversas maneiras pelas pessoas que com ela estabelecem relações distintas: *“... a paisagem está implicada na vida social (e reciprocamente a vida social está associada à paisagem), ela é condicionada permanentemente por relações sociais”* (BERQUE, 2008 apud MARIA, 2010:77).

Como resultado de sua experiência nos estudos da paisagem no Oriente - baseada no contato com a cultura local, estudo da história dessa civilização<sup>10</sup>, confrontados aos seus próprios valores ocidentais, BERQUE destaca uma necessidade basilar: *“... foi preciso viver nesta ilha e estudar sua história para compreendê-la”*.

Para quem deseja compreender como uma determinada paisagem acontece, ele recomenda a “dúvida” como primeiro passo – é preciso *“duvidar da paisagem”* - ou seja, daquela ideia de paisagem que já carregamos dentro de nós - e não *“projetar no outro nossos próprios modos de ver”*, mas ao *“tomar distância de nós mesmos, imaginar como o mundo é percebido em outras culturas, em outras épocas, em outros meios sociais”*. (ibidem: 32-33).

Sob essa ótica, a partir do modo como as pessoas que convivem “no” e “com o” lugar é possível compreender outras características peculiares daquela paisagem, além daquelas percebidas e valorizadas por olhares de quem não é dali.

Essa busca pela compreensão de como a paisagem realmente *acontece nos lugares* também está presente em HILLMAN (1993), para quem é fundamental detectar onde

---

10 - Refere-se aqui particularmente sua imersão em Hokkaido, no Japão.

e como essa “*alma*” existe na cidade<sup>11</sup>. Ela pode se manifestar (física e metaforicamente) onde há reflexão e profundidade, nos pontos onde há memória emotiva, nas imagens e símbolos, mas, principalmente, nas **relações humanas**. Para o autor, a cidade poderia ser remodelada a partir dos corpos que compõem as relações humanas, a fim de abrir oportunidades para o aparecimento da *alma*. Uma ideia que também remete à valorização das pessoas na relação que constitui a paisagem dos lugares e, a partir das quais, a paisagem precisa ser interpretada.

Todos esses argumentos reforçam a ideia de que a paisagem deve ser considerada como uma instância que não pode ser inteiramente compreendida em uma única visão, pois por ser complexa, demanda uma multiplicidade de abordagens e sentidos.

Para abarcar essa complexidade é imprescindível considerá-la a partir de vários pontos de vista e isso implica somar (e fundir) em seu próprio olhar o olhar do outro. Trata-se de um empenho coletivo, que inclui não apenas o olhar técnico do especialista, mas o de todos os que vivem esta paisagem.

Observe-se, entretanto, que a ampliação de olhares sobre a paisagem, por meio da inclusão de pessoas que a vivenciam - ainda que leigas - significa uma quebra de paradigma, considerando que ao longo da história sua apreensão foi tratada como algo condicionado à sofisticação e instrução prévia.

Desde o seu surgimento, tanto na China como na Europa, a paisagem era acessível apenas para a elite letrada - por ser a única classe com o de “tempo livre” e preparo adequado, suficientemente sofisticado para “contemplá-la”.

Para BERQUE (2008), a noção de paisagem se estruturou em fatores associados à a urbanidade e ao ócio de uma classe *consumidora de lazer*. Uma classe culta, que não estava interessada nos negócios da cidade e era sustentada por uma classe de trabalhadores. Esta condição de ociosidade veio a favorecer que o entorno fosse “olhado” de outra forma – instituindo, assim “*o olhar desinteressado sobre o ambiente*”. Por sua vez, de modo geral as pessoas comuns - excluídas dessa condição - mantinham a relação com “o natural” de maneira distinta e mais restrita ao aspecto funcional (uso da terra) ou religioso.

Mesmo a partir da Revolução Industrial e Científica, quando foi sacramentada como um conceito das ciências naturais, o tratamento da paisagem ainda permaneceu dentro restrito dos limites do saber técnico e, nesse sentido, ainda elitizado.

Entretanto, as transformações da superfície da Terra, ocorridas no século XIX, no contexto das cidades industriais, deflagraram uma reação com movimentos contrários

---

11 - Para ele, a cidade deve ser cuidada a partir do bem-estar da alma: “*uma cidade que negligencia o bem-estar da alma faz com que a alma busque seu bem-estar de forma degradante e concreta*” (HILLMAN: 1993:42)

à remodelação de antigos centros urbanos, destruição de monumentos e desfiguração de paisagens consideradas de valor excepcional. Esses movimentos encontraram amparo junto aos outros que lutavam pela causa ecológica<sup>12</sup>, também devido às transformações causadas pelo “desenvolvimento e progresso”.

A consolidação desses movimentos, na esfera política-institucional, favoreceu a implantação de órgãos governamentais de proteção de ambas as causas, no início do século XX. Esses fatores colaboraram para uma importante abertura aos cidadãos no debate público, a respeito de temas pertinentes às suas vidas no âmbito da coletividade.

Ainda que nesse contexto a preservação das paisagens fosse muito enfatizada pelo aspecto de beleza e monumentalidade e a abertura para a participação das pessoas leigas no instância pública muitas vezes se reduziu ao esforço de moldá-las em uma espécie de guardiões dos bens protegidos, a “entrada” de pessoas comuns na discussão sobre a paisagem deu início a um novo tempo:

*“Chega-se à atualidade, neste momento em que o mundo da paisagem está mudando de forma acelerada e mais democrática, trazendo novas figuras paisagísticas e propiciando uma identidade cada vez maior do ser humano com a paisagem, reafirmando-se o sentimento de pertencimento social, local e mundial”*  
(CUSTÓDIO, 2014:35)

Os reflexos dessas mudanças se consolidaram na concepção de paisagem mais atual das instituições públicas de patrimônio: a *Paisagem Cultural*<sup>13</sup>. Sua conformação foi bastante influenciada por um contexto mundial, em torno do emblemático modelo de *desenvolvimento sustentável*<sup>14</sup> e das reflexões “que valorizavam **as relações harmoniosas entre os homens e meio ambiente**. Foi em resposta a esse pensamento que a categoria de *Paisagem Cultural* passou a ser pensada mais fortemente pela UNESCO” (RIBEIRO, 2007:38 – **grifo nosso**).

Sem dúvida, a consolidação da *Paisagem Cultural* trouxe contribuições inovadoras

12 - Curiosamente, no período em que a pauta dos dois movimentos se unificou, o conceito de *paisagem* passou a ser confundido com o de *ambiente*.

13 A *Paisagem Cultural* vem sendo utilizada como categoria de patrimônio pelo Comitê do Patrimônio Mundial da UNESCO, desde 1992 e foi reconhecida como instrumento para gestão do território na Recomendação R(95) pelo Conselho Europeu em 1995. No Brasil, a concepção de paisagem cultural foi incorporada ao IPHAN por meio da Carta de Bagé (2007) e regulamentada pela Chancela da Paisagem Cultural (2009).

14 O *Desenvolvimento sustentável* é reconhecido como um modelo de reação ao estado crítico de degradação dos sistemas naturais e sua conseqüente ameaça à vida na Terra. Um de seus princípios é atender as necessidades do presente sem comprometer as necessidades das gerações futuras. A ideia de sustentabilidade se ancora no tripé ambiental-social-econômico, apesar de ter uma abordagem bastante focalizada nesse último aspecto. O termo foi definido em 1987, no Relatório “Nosso Futuro Comum” (Comissão Mundial de Meio Ambiente - CMMAD) da ONU. Em 1992, a ideia de *desenvolvimento sustentável* pautou as discussões, resultando na elaboração da Agenda 21 - um conjunto de metas assinado por mais de 170 países com o objetivo de conciliar o desenvolvimento e a proteção do meio ambiente. Nesse mesmo ano, ocorreu a inclusão da Paisagem Cultural à Lista de Patrimônio Mundial da UNESCO.

para o conceito de paisagem, sobretudo no que diz respeito ao enfrentamento de uma lógica dicotomizada de identificação de patrimônio (entre categoria de natureza e cultura), até então muito enraizada nos órgãos de proteção. Diferente dos modelos conceituais anteriormente utilizados nessas Instituições – que, de modo geral, tratavam a paisagem como algo que existe para dar maior sentido àquilo que era definido como o bem principal - a ideia trazida pela *Paisagem Cultural* considera a paisagem como um bem em-si-mesma, valorizando todas as inter-relações que nela existem.

Entretanto, apesar do importante avanço para os debates do que seria a *preservação de paisagem* para essas Instituições, tanto o conceito como a sua aplicação enredam diferentes problemas ainda difíceis de serem solucionados, visto que a própria abordagem não sintetiza todos os enfoques pertinentes ao tema (RIBEIRO, 2007:62).

Ainda muito carregada de resquícios de sua origem institucionalizada, a *Paisagem Cultural* apresenta dificuldades para compreender o fenômeno vivencial, uma vez que se ancora no olhar do especialista como aquele que define o valor de paisagem. Esse olhar, muito comumente, recorre à razão *instrumental* estritamente, sufocando o *sentido* da paisagem, reconhecida por Dardel (1952) como “*tonalidade afetiva dominante*”.

Nesse sentido, para além de uma postura mais dialógica e mais democrática proposta pela *Paisagem Cultural*, é necessário retomar o *sentido* de paisagem em sua dimensão sensível e aprofundá-lo, não a partir de pressupostos especializados, mas buscando no ponto de vista de quem a vivencia os insumos que possam *traduzir* para a gestão “qual” e “como é” a paisagem do lugar a ser preservada.

Não se trata, portanto, de suplantar a “paisagem institucionalizada”, ao contrário, a intenção é complementar e lançar luz sobre uma dimensão que perpassa e encharca os processos de identificação e gestão de paisagem. Afinal, sem a *Paisagem Banal*, a “paisagem institucionalizada” não pode se estabelecer de forma adequada, e ao mesmo tempo sua condição interferirá profundamente na outra.

A *Paisagem Banal* acontece à luz do corriqueiro, da normalidade e na lida do dia a dia e, mesmo que por vezes, pareça pouco perceptível no *embaçamento* da rotina, está mais à mão, como algo que pode acontecer (e surpreender) a qualquer momento.

É dessa paisagem, *desvelada* na vivência da Vila Ferroviária de Paranapiacaba, que trata a presente tese.





# Capítulo II

O CAMINHO PERCORRIDO – JUNTANDO AS TÉCNICAS



Fig. 3 - Vista da ponte e castelinho

Foto: Israel Lopes, 2016



Fig. 4- Serra do Mar, Igreja do Bom Jesus e Cemitério

Foto: Israel Lopes, 2016



Fig. 5 - Vista da Vila do Mar

Foto: Israel Lopes, 2016



Fig. 6 - Relógio da

Foto: Israel Lopes, 2016

## 1 - O CONTEXTO:

A Vila Ferroviária de Paranapiacaba está localizada na porção sudeste da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) no ABC paulista. A uma distância aproximada de 65 quilômetros da capital, situa-se em um dos extremos de Santo André, pouco antes da descida da Serra do Mar. Está inserida na Macrozona de Proteção Ambiental (MPA), território destinado à proteção dos mananciais área de relevantes fragmentos naturais da Mata Atlântica, que fazem parte da Reserva da Biosfera do Cinturão Verde de São Paulo (UNESCO, 1994) . (Fig. 07)

Circundada por uma exuberante riqueza natural, a Vila tem amplo reconhecimento<sup>1</sup>, não apenas como patrimônio natural, mas também como um notável exemplar de patrimônio cultural brasileiro pois preserva um significativo acervo tecnológico da primeira ferrovia implantada no Estado de São Paulo (construída a partir de 1860 pela Companhia São Paulo Railway - SPR), e mantenedora de vários elementos que testemunham um modelo de implantação urbano-arquitetônico de vila operária inglesa do século XIX.

Seja por suas belezas naturais, as peculiaridades climáticas, o relevante patrimônio histórico-arquitetônico, ou pela diversidade de eventos culturais, Paranapiacaba têm chamado a atenção de diversos estudos.

Entretanto, apesar de ser amplamente conhecida pela tríade natureza-patrimônio-cultura, Paranapiacaba pode ser também considerada como uma pequena<sup>2</sup> vila.

A Vila Ferroviária de Paranapiacaba se divide em três setores distintos: (i) a Parte Baixa, onde foi implementada a vila operária inglesa pela Companhia SPR, também chamada de “Vila dos Ingleses” (composta pela Vila Velha, Vila Nova e Pátio Ferroviário), (ii) Parte Alta, conhecida no local como “Morro”, onde os comerciantes e prestadores de serviços, que não trabalhavam para a SPR, construíram suas edificações ao estilo colonial português na mesma época que a Vila Velha foi implantada, e, (iii) Rabique, porção territorial pertencente à Vila, mas que fica fora da área turística e é considerada como assentamento precário em área de risco ambiental.

A história da Vila acompanha o contexto macroeconômico do Brasil e os efeitos da política desenvolvimentista do transporte ferroviário, sendo ela mesma um local fundamental para possibilitar o escoamento/transporte do café das áreas de cultivo (no interior do Estado) até o litoral paulista e um símbolo de superação da problemática transposição da Serra do Mar.

Por sua vez, seu modo de vida foi marcado pela sucessão de ciclos e distintas formas de Gestões. No início, entre 1867-1946, quando estava sendo implantada, a Vila foi gerida pela

1 - Reconhecida inclusive pelos órgãos de defesa do patrimônio que homologaram seu tombamento nos três níveis governamentais - municipal (CONDEPHAAPASA), Estadual (CONDEPHAAT) e Nacional (IPHAN)

2 - A Vila de Paranapiacaba abriga 0,13% da população total do município de Santo André, de acordo com o Anuário de Santo André (2015). São menos de mil pessoas que moram em uma área de 1,34km<sup>2</sup> da Macrozona de Proteção Ambiental. Entre os moradores da Vila, menos de 10% moram na Parte Alta e os demais habitantes moram na Parte Baixa (área tombada e adquirida pela municipalidade) e Rabique .

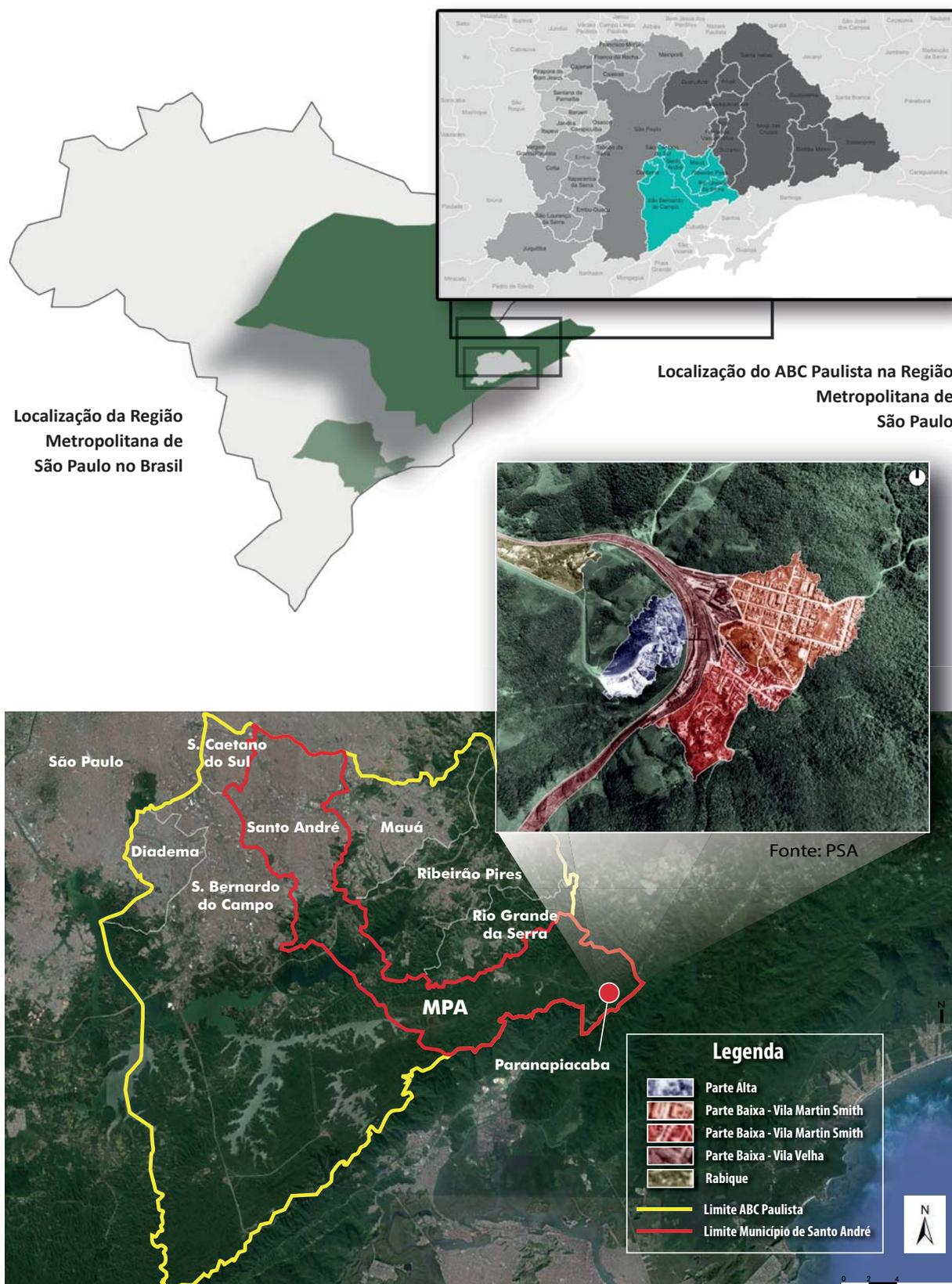


Fig. 7 – Localização de Paranapiacaba no ABC Paulista; em destaque a vila dividida em três setores habitacionais

SPR. Após o fim da concessão, a gestão do patrimônio ferroviário, incluindo a Vila, passou a ser responsabilidade do Governo Federal. Nessa ocasião nasceu a Empresa Ferroviária Santos-Jundiá (EFSJ) que em 1957 foi incorporada à, quando a Rede Ferroviária Federal (RFFSA). Esta assumiu a gestão da Vila até 2002, quando Paranapiacaba passou a ser administrada pela Prefeitura de Santo André.

Os últimos vinte anos da gestão da RFFSA são lembrados como um momento de abandono da Vila, com esvaziamento e invasão de vários imóveis e degradações do patrimônio que a deixaram vulnerável. A gravidade da situação despertou a atenção de movimentos sociais que lutaram por sua proteção junto às instituições de preservação e obtiveram seu tombamento.

Tendo em vista a preocupação com o desenvolvimento da Vila e reconhecendo seu valor enquanto “patrimônio cultural e natural” a municipalidade decide transformá-la em um polo de atração turística, quando em 1999, o então prefeito Celso Daniel, deu início a várias ações articuladas<sup>3</sup> para estabelecer políticas públicas voltadas ao Turismo Sustentável (ambiental, arquitetônica e humanamente responsável). Inúmeros fatores - de ordem política e administrativa - dificultaram a completa implementação do projeto municipal como que alimentando um “período de suspensão”.

Entretanto, nos últimos anos, uma especial inflexão tem se mostrado capaz de gerar novas oportunidades para o destino da Vila: a inserção na lista-tentativa brasileira a Patrimônio Mundial da UNESCO. A obtenção desse título a colocaria em um quadro global de salvaguarda cultural e esse fato poderia alavancar um processo socialmente responsável de inserção de sua população na nova economia e no cuidado da paisagem do lugar. No entanto há grandes contrastes entre a dura realidade da precariedade de sua população e a exuberância da paisagem que é reconhecida pelos órgãos governamentais responsáveis pela Vila. As políticas públicas que se ocupam da gestão ambiental-paisagística e patrimonial da Vila, por exemplo, enfrentam dificuldades para a envolver a população nesse processo de decisão.

O quadro se agrava ao considerarmos que segmentos de baixa renda sobrevivem ali precariamente e estão excluídos da atividade turística, apesar de pertencerem ao patrimônio que engloba a paisagem de Mata Atlântica e o histórico acervo ferroviário e arquitetônico da “Vila dos Ingleses” - porção territorial da Vila que recebe tratamento distinto das demais por ser propriedade pública municipal e estar no perímetro de tombamento do IPHAN. Esse status a tornou objeto das obras de restauração com recursos público federal.

Em contrapartida, a população não contemplada pelas iniciativas turísticas<sup>4</sup> ou obras de restauro tem sistematicamente dado mostras de insatisfação com sua condição de invisibilidade,

---

3 - Entre as quais se destacam: a estruturação administrativa de uma Gestão Local, por meio da implementação da Subprefeitura, em 2001, bem como as negociações para a compra da Vila, que se concretizou em 2002.,

4 - O rendimento médio familiar per capita dos moradores da Vila é R\$ 1.014,63 (Prefeitura Santo André, 2015:59), ou seja, há um sério problema socioeconômico a ser enfrentado. Esse indicador vem respaldando o argumento da municipalidade em incentivar atividades voltadas para o chamado Turismo Sustentável, como possibilidade de solução.

embora não pareça mobilizada para fazer reivindicações junto aos órgãos competentes.

Apesar dos processos participativos desenvolvidos pela gestão, a população parece não sentir-se ouvida, o que levanta questões sobre a adequação de métodos e abordagens utilizados nesses eventos.

As exigências dos tombamentos e a perspectiva de se tornar Patrimônio Mundial da Humanidade (UNESCO) trazem à tona outras perguntas em relação à vida no lugar:

» **O que é a Vila, do ponto de vista dos moradores?**

» **Como eles a vivenciam?**

Ao caminhar nessa direção com olhar atento, surge questão intrigante:

» **O que é Paranapiacaba, além de “uma Vila Inglesa tombada, que pode se transformar em patrimônio mundial”?**

A tentativa de responder a essas indagações traça um caminho de investigação prática: é preciso compreender o que, de verdade<sup>5</sup>, acontece em Paranapiacaba. Foi essa busca que impulsionou a pesquisa em torno da paisagem cotidiana da Vila e implicou a escolha de uma abordagem com abertura suficiente para capturar outras dimensões do viver urbano, para além dos enquadramentos objetivos, tradicionalmente acolhidos pelo aparato institucional da gestão pública.

Diante da necessidade de compreender melhor a relação vivenciadores/meio e considerando a subjetividade implícita e inerente nessa relação, a investigação partiu do ponto de vista do vivenciador, para com isso subsidiar proposições urbanísticas mais condizentes com a necessidade do lugar.

Essa é a razão da abordagem qualitativa, pois permite sondar o universo humano em seus desejos, percepções, vicissitudes, contradições e conflitos. Ela favorece o surgimento do ponto de vista de quem habita a cidade, trazendo à tona a narrativa de quem, no cotidiano, convive com suas belezas e mazelas.

Sob esse enfoque, a vantagem indiscutível é o desvelamento da complexa rede de sentimentos que, experimentados por parte ou por todos os habitantes, impactam os lugares, mesmo que de forma dissimulada.

A pesquisa buscou compreender paisagem na complexidade de seu cotidiano, a

---

5 - O entendimento para a palavra *verdade* (ou *realmente*) empregada ao longo do texto está associado à acepção heideggeriana explícita em sua obra “Ser e Tempo”. Segundo ele, a *verdade* é resultado de um procedimento que busca a revelação de determinado fenômeno, daquilo que ele “*enuncia, indica, ‘deixa ver’*” (HEIDEGGER, 2008:289). Portanto, a verdade de um fenômeno é aquilo que se descobre dele. A *verdade fenomenológica* está relacionada a “*uma questão mais efetivamente existencial. Não somente ‘um modo de pensar’ com que a metafísica instrui o homem ocidental, mas ‘um modo de ser no mundo’; um modo de habitar o mundo, de instalar-se nele de conduzir sua vida e a dos outros com quem convive de forma próxima ou distante*” (CRITELLI, 2006:16)

partir da ótica daqueles que tecem o dia a dia e fazem de Paranapiacaba o que, de fato, é. Ao compreender as motivações, compreendem-se os atos e, compreendendo-se os atos, é possível ter proposições atendam as demandas mais prementes.

A principal característica da abordagem qualitativa é valorizar a livre expressão de percepções e sentimentos do ponto de vista do pesquisado. Portanto, essa característica exige flexibilidade e atenção do pesquisador àquilo que lhe é apresentado como relevante. Sob esse aspecto a abordagem contraria metodologias que adotam procedimentos padronizados e previamente definidos, independentemente do objeto a ser estudado. Embora preocupada com a manutenção dos objetivos do estudo, os procedimentos qualitativos vão tomando corpo e foco no decorrer do percurso, ou seja, à medida que o fenômeno se mostra e revela seu sentido.

### 1.1. Adequação e papel da abordagem qualitativa nos estudos da paisagem

A partir das definições de paisagem do capítulo anterior, a pesquisa procurou compreender a paisagem que acontece no dia a dia de Paranapiacaba, pela ótica de seus vivenciadores. No estudo dessa paisagem como entidade relacional, a abordagem qualitativa também é adequada por se ocupar de pequenos segmentos amostrais, garantindo o aprofundamento dos temas mais relevantes e, ao mesmo tempo, a transferibilidade de resultados, pelos dos seguintes aspectos:

- ✓ A CAPACIDADE DE APROFUNDAMENTO é uma característica da abordagem qualitativa que algumas vezes se aproxima dos estudos de caso, fazendo com que a qualidade das informações seja mais importante do que os dados numéricos amostra;
- ✓ A DETECÇÃO DE PADRÕES COMPORTAMENTAIS é um dos objetivos sempre perseguidos por essa abordagem, já que trabalha com temas relevantes para um ou mais segmentos socioeconômicos, étnicos etc. Assumindo que padrões de comportamentos e valores são compartilháveis pela vivência dos mesmos contextos históricos é possível investigar extratos de segmentos e admitir a transferibilidade da base comportamental;
- ✓ O PONTO DE SATURAÇÃO indica o fechamento de um ciclo da investigação, pois a partir de certo número de casos os dados tendem a se repetir; isto ajuda a reconhecer o “ponto de saturação”, indicando que não é necessário prosseguir com a coleta.

Em outras palavras, a abordagem qualitativa se fundamenta na vivência compartilhada entre humanos, o que gera pontos de identificação. Esse compartilhar é reforçado na medida em que os estudos qualitativos (particularmente os de cunho fenomenológico) consideram o contexto vivido historicamente como essencial para que se forme uma base comportamental comum.

Reconhece-se que a percepção da dimensão sensível da paisagem pode ser dada por várias entradas e distintas visões - seja do técnico, do turista, ou exclusivamente do pesquisador. Entretanto, essa investigação privilegiou o ponto de vista das **pessoas que vivenciam** o lugar.

Os achados da pesquisa acabaram por reafirmar a importância do trabalho de campo do ponto de vista qualitativo, nos estudos sobre o fenômeno da paisagem. É importante notar que a postura usualmente assumida por trabalhos que ignoram a riqueza do campo pode resultar em vieses comprometedores, próprios da postura de distanciamento entre proponente e “beneficiado”. No entanto, apenas a realização do campo não é suficiente para garantir um bom projeto de pesquisa. No caso da paisagem, por exemplo:

- ✓ Seria possível conceber o campo do ponto de vista morfológico e da base física, sem levar em conta as pessoas – *a estrutura sem sujeito*;
- ✓ Também seria possível conceber um trabalho de campo que se privilegia exclusivamente as demandas sociais, sem interpretação mais abrangente do material – *sujeito sem estrutura* - onde há o risco do pesquisador /paisagista se “diluir” entre os pesquisados e ficar submerso no que MAGNANI (1996) define como “tentação da aldeia<sup>6</sup>”.
- ✓ Mas, há também a possibilidade do pesquisador/paisagista projetar a partir de uma perspectiva de campo, que busque compreender o modo de ser das pessoas do lugar.

É nesta dimensão que se ancora a abordagem qualitativa, particularmente a de caráter fenomenológico, na qual ocorre um redimensionamento da postura do pesquisador, que requer uma abertura e disposição pessoal para a construção de um novo conhecimento.

A busca por um caminho metodológico, que pudesse fazer frente ao desafio de articulação entre os múltiplos olhares sobre a paisagem e que favorecesse a compreensão do lugar, levou à adoção de uma estratégia de composição de ferramentas vindas de diferentes disciplinas, abrindo o diálogo com outras áreas favoráveis à leitura do fenômeno da vida cotidiana.

A estratégia considerava o seguinte processo: a partir do que transcorria em campo, as escolhas da pesquisadora iam sendo feitas de maneira a permitir maior interação com as situações apresentadas.

Assumir que uma das principais atribuições do urbanista é propor soluções capazes de promover qualidade urbana para os vivenciadores do lugar, em vez de encarar a cidade como entidade autônoma e composta por indivíduos atomizados, levou à escolha da abordagem qualitativa.

Entenda-se aqui que a proposição (sobretudo urbanística) implica necessariamente em uma inter-relação que traz em si a ideia de buscar pontos de identificação com o “Outro” ao qual se destina o projeto - é um “fazer para o Outro”. Isso é particularmente relevante na abordagem em questão: pois quando o paisagista projeta espaços livres públicos “para o outro”, em certa medida também o faz para si, ou seja, no momento de projetar também leva em conta o

---

6 - Em seus escritos, Magnani aponta “tentação da aldeia como uma postura a ser evitada; trata-se de uma tendência equivocada que pode levar o pesquisador a encarar o objeto de estudo - uma festa, um ritual, um bairro, uma religião - como uma unidade fechada e auto-centrada.”

que ele, paisagista, pensa e sente pelo lugar - mesmo que isso não esteja suficientemente claro no processo. Isto equivale a dizer que a identificação é inerente aos processos propositivos.

Essa identificação, no entanto, pode ser meramente a projeção de desejos e perspectivas pessoais do paisagista, o que pode gerar inadequações.

Por sua vez, quando se toma por base uma abordagem que considera os pontos de identificação entre o técnico e o vivenciador como fonte de aprendizado fica evidente a necessidade de fazer um “ajuste de lentes” que promova melhor o universo das pessoas a quem o projeto se destina.

O presente capítulo tem o intuito de discorrer sobre o caminho metodológico e se divide em duas grandes seções:

- ✓ A preparação e o contato com o campo e
- ✓ A análise do campo

## 2 – A PREPARAÇÃO E O CONTATO COM O CAMPO

### 2.1. Da visão técnica distanciada para a lente aproximada dos vivenciadores:

Tendo em vista a necessidade de compor um panorama do lugar, a pesquisa se iniciou por um levantamento de documentos e pesquisas sobre a Vila de Paranapiacaba. Essa etapa, apesar de mais distanciada, foi essencial para o processo da pesquisa, pois favoreceu a percepção de vários rebatimentos e influências da visão técnica sobre o lugar.

Conforme a narrativa institucional foi tomando forma e à medida que era dirigida por um interesse crescente da pesquisadora em compreender o que acontece no lugar, foi ficando claro que o posicionamento técnico carecia de mais detalhes sobre a realidade e as lacunas de conhecimento. Estas descobertas indicaram paulatinamente os passos seguintes da investigação, e levaram aos seguintes questionamentos:

- » **Em que medida o olhar técnico do urbanista consegue abarcar o olhar do vivenciador?**
- » **Em que medida somente o olhar técnico é suficiente para atender às necessidades “do outro”?**

Era preciso ir a campo para ver “de perto e de dentro” como o cotidiano acontecia; como o lugar acontecia a partir da lente de seus vivenciadores.

Como início dos trabalhos de campo, previu-se a utilização de duas técnicas: **as entrevistas em profundidade** e **as discussões em grupo**, ambas muito utilizadas nas abordagens

qualitativas por permitirem a livre expressão de sentimentos, sensações e desejos dos pesquisados sobre o tema em questão. As entrevistas em profundidade foram utilizadas com profissionais que trabalham diariamente na Vila e as discussões em grupo com os moradores do lugar – aos dois segmentos deu-se o nome de “vivenciadores permanentes”.

Ao término das entrevistas em profundidade tornou-se evidente a necessidade de agregar mais uma dimensão de estudo: mais do que *OLHAR o lugar pelos vivenciadores*, era preciso *EXPERIENCIAR o lugar como um vivenciador*. Isso apontou para a necessidade de incorporar outra técnica qualitativa - a **etnografia urbana**<sup>7</sup> - como forma de responder a novas interrogações:

- » **Como é viver ali?**
- » **O que realmente importa para eles?**
- » **Como os vivenciadores da Vila veem as medidas governamentais?**

É preciso registrar que essa incorporação não se deu por escolha arbitrária da pesquisadora, mas porque o tema paisagem cotidiana impôs tal necessidade. A estratégia de unir as duas abordagens foi importante para o desenvolvimento da investigação, pois permitiu que a experiência do vivenciador e a experiência do pesquisador confluíssem.

A principal vantagem do entrelaçamento de técnicas foi ampliar o olhar da pesquisadora sem perder o foco, critério ou rigor. Ao contrário, além de ser inovadora no âmbito do estudo da paisagem, essa confluência ratificou os achados analíticos, o que gerou ainda mais segurança nos resultados.

Certamente a junção das duas abordagens foi uma experiência metodológica singular. Em vários momentos, percebeu-se que as estratégias adotadas descortinavam fragmentos de realidade de modo distinto, proporcionando complementariedade e aprofundando a compreensão do tema pesquisado. Essa experiência possibilitou diferentes atividades de campo e a construção coletiva de conhecimento voltado aos estudos da paisagem.

Com a coordenação de pesquisadores do LABNAU, a expedição etnográfica aplicou a técnica – predominantemente utilizada por antropólogos - envolvendo pesquisadores do campo do urbanismo (nesse caso, especificamente pesquisadores vinculados ao LABPARC).

Além dessa experiência, pesquisa incluiu um *ensaio metodológico de percepção da paisagem sob a coordenação* do LABPARC, que teve como objetivo sensibilizar os diversos pesquisadores ligados ao estudo da cidade – urbanistas, historiadores, geógrafos, sociólogos, artistas plásticos e agentes públicos locais, participantes da 10ª Oficina de Práticas Urbanas do

---

7 - Ambas as estratégias metodológicas adotadas – tanto a etnografia urbana como a pesquisa qualitativa sob o foco fenomenológico - estão associadas à abordagem qualitativa de natureza interpretativa, privilegiando a compreensão de fenômenos na dimensão da subjetividade e do simbolismo. Por serem de natureza interpretativa, são adequadas para os estudos da realidade social, possibilitando a análise de fenômenos do cotidiano através da perspectiva de quem o vivencia.

XVII do ENANPUR<sup>8</sup>

Um dos elementos do ensaio foi o “Olhar compartilhado”, uma roda de conversa semelhante à técnica de discussões em grupo. A atividade foi desenvolvida sob coordenação de uma especialista em abordagem qualitativa fenomenológica e desta pesquisadora. Nela os participantes relataram suas sensações sobre a Vila.

Ao término do Encontro, a pesquisadora constatou que as primeiras impressões daqueles que nunca haviam estado na Vila e os relatos dos vivenciadores permanentes coletados anteriormente eram semelhantes. Dessa constatação surgiu a pergunta:

» **Como explicar o fato de que sensações e sentimentos dos recém-chegados correspondessem aos relatados pelos moradores?**

A convergência de olhares mostrou como a Vila se apresenta às pessoas, como a paisagem local afeta quem se abre a ela.

Na confluência das técnicas qualitativas empreendidas, em certos níveis, foi possível detectar o que Paulo Freire chamou de “*experiência da abertura*”<sup>9</sup>, uma pré-disposição para observar e absorver “*o saber de pura experiência feito*” (FREIRE, 1996:54). Imersa nesta experiência a pesquisadora interagiu e reagiu às demandas que surgiam, dando forma à pesquisa.

## 2.2. A etapa de elaboração do planejamento:

✓ Objetivo:

O objetivo central da abordagem qualitativa desenvolvida na presente tese foi compreender como é a vivência da paisagem cotidiana em meio à paisagem exuberante, institucionalizada pelo tombamento e reconhecida pela atratividade turística.

✓ A escolha da técnica e da amostra:

Para a consecução desse objetivo foram ouvidos diferentes segmentos envolvidos com o cotidiano da Vila.

A amostra contemplou moradores e agentes locais do poder público, na tentativa de comparar sensações, percepções e sentimentos em relação a Paranapiacaba, identificando convergências e divergências de expectativas, posturas e impasses, para com isso o mapear as principais questões e caminhos a serem seguidos.

Como dito anteriormente, a definição de dois segmentos exigiu técnicas distintas. As

8 - 10ª Oficina de Práticas Urbanas do XVII ENANPUR: detalhado mais adiante.

9 - “*A experiência da abertura como experiência fundante do ser inacabado que terminou por se saber inacabado. Seria impossível saber-se inacabado e não se abrir ao mundo e aos outros à procura de explicação, de respostas a múltiplas perguntas. O fechamento ao mundo e aos outros se torna transgressão ao impulso natural da incompletude*” (FREIRE, 1996:154)

*Entrevistas em Profundidade* foram realizadas com os agentes públicos e as *Discussões em Grupo* com os moradores. A intenção era comparar os resultados obtidos nas duas técnicas oferecendo a análise das duas perspectivas.

A opção pelas *Entrevistas em Profundidade* com agentes públicos ocorreu por permitir a exploração mais detalhada da perspectiva individual do entrevistado. Nelas, o clima de intimidade e a certeza de confidencialidade oferece a descontração necessária para expor aspectos controversos, polêmicos ou sigilosos.

Por sua vez, a *Discussão em grupo*, realizada com os moradores, é uma técnica particularmente adequada para temas que representam ou estão especificamente relacionados a segmentos da população ou comunidades.

Em um clima de informalidade, os integrantes do grupo são estimulados a refletir sobre questões relevantes, enquanto se exploram contradições, tensões, insatisfações a partir da fala grupal. Nessa conversa, os participantes têm a oportunidade de expor ideias, sentimentos, desejos, ao mesmo tempo em que podem ouvir o ponto de vista dos outros participantes.

As *Discussões em Grupo* tradicionais reúnem de sete a nove participantes por evento, e com um roteiro previamente planejado promove a discussão de forma livre e espontânea.

Nesta pesquisa optou-se por uma variante dessa técnica, denominada *Minigrupos*: composta por quatro a seis participantes, ela é particularmente adequada para que cada participante aprofunde sua contribuição com, por exemplo, histórico de vida, reconstituição histórico/cultural do lugar e perspectiva de passagem de tempo.

Em ambas as técnicas, os participantes são escolhidos intencionalmente e compõem uma amostra homogênea.

- ✓ Os segmentos pesquisados:

*Entrevistas em profundidade*: Os agentes públicos que participaram das Entrevistas em Profundidade trabalhavam na gestão local da Vila até o momento da pesquisa de campo. Os critérios gerais para participação eram: ocupar cargo efetivo há pelo menos dois anos e não estar em cargo comissionado.

Foram realizadas seis entrevistas, com:

- Quatro funcionários da Prefeitura que trabalhavam na Vila,
- Um funcionário do IPHAN e
- Um profissional ligado ao turismo, que também trabalha na Vila.

*Mini grupos*: Os minigrupos foram compostos por moradores dos três setores da Vila - Parte Baixa, Parte Alta e Rabique. Os participantes deviam ser residentes de Paranapiacaba há pelo menos cinco anos e não serem líderes comunitários ou exercerem cargos políticos, uma vez

que se buscava a ótica do cidadão “comum”.

A intenção era realizar três minigrupos:

- Antigos moradores entre 55 a 70;
- Jovens entre 15 a 25 anos e,
- Mulheres entre 35 a 45 anos.

No entanto, como o minigrupo de mulheres não participou, a amostra foi reconfigurada para: dois *Minigrupos* e uma *Entrevista pareada*<sup>10</sup>, conforme apresentado a seguir:

Tab. 01 - RECONFIGURAÇÃO DA AMOSTRA			
SEGMENTO	Justificativa da escolha	Características	Técnica empregada
Antigos moradores	Representam a tradição e a história da Vila; sua memória atesta o que a Vila foi, é e pode ser.	Grupo misto, entre 55 a 70 anos.	Minigrupo
Jovens	A usual postura de questionamento favorece a emergência de pontos de vista relevantes para compreender o presente e das possibilidades futuras da Vila.	Grupo misto, entre 15 a 25 anos.	Minigrupo
Mulheres	São força de trabalho e vetor de possível transformação, além de poderem apresentar certas demandas dos filhos em relação a lazer, paisagem, infraestrutura.	Dupla entre 35 e 45 anos	Entrevista pareada

✓ Áreas de abordagem:

Trata-se dos grandes temas abordados nas entrevistas e/ou discussão em grupo; entretanto são temas amplos, detalhados nos roteiros empregados nas atividades. Nesta pesquisa, as áreas de abordagem foram:

- Registros afetivos dos **lugares vividos** na infância – repercussões na vivência em Paranapiacaba;
- Sensações, impressões e sentimentos na **relação das pessoas com o meio**;
- Identificação da ideia e vivência de **paisagem** pela ótica dos moradores;
- O modo como veem o futuro da Vila.

<sup>10</sup> - Entrevista Pareada: a ideia inicial era ter um *minigrupo de mulheres* adultas de 35 e 45 anos que também representariam as demandas de seus filhos, no entanto, devido à abstenção da maioria das convidadas a atividade foi modificada para uma Entrevista pareada entre uma moradora e uma funcionária pública.

### 2.3. Estratégias metodológicas e ferramentas:

#### ○ Entrevistas em profundidade

As atividades de campo começaram pelas entrevistas em profundidade, pois era necessário estabelecer um quadro de impressões dos agentes públicos locais, para posteriormente espelhá-las com a visão dos moradores da Vila. Por isso, o ponto de partida foi definir os segmentos a serem trabalhados paralelamente<sup>11</sup>: *agentes públicos* e *moradores*.

Com exceção de certos detalhes, os roteiros foram praticamente os mesmos, pois a intenção era comparar a percepção dos agentes públicos com a dos moradores. A expectativa inicial era que os agentes públicos oferecessem uma visão predominantemente técnica do lugar, enquanto os moradores fizessem referências à experiência do dia a dia. Esperava-se que o espelhamento permitiria aprofundar a análise das convergências e divergências relatadas pelos segmentos, evidenciando os conflitos presentes na gestão da Vila como patrimônio.

No entanto, o que se verificou foi que os agentes públicos também responderam aos estímulos de maneira muito pessoal, indicando uma relação bastante estreita com o lugar. Isso fez com que ao longo das entrevistas as referências vivenciais fossem adquirindo importância cada vez maior, deixando claro com que intensidade o lugar e a sua paisagem afetam tanto os moradores quanto os profissionais que atuam na Vila.

A escolha dos entrevistados foi se delineando durante as visitas às áreas técnicas em busca de documentos para a pesquisa sobre a Vila (realizadas na primeira etapa da pesquisa). Já nessa etapa a pesquisadora pôde identificar os profissionais mais adequados aos critérios de amostragem.

O convite foi realizado em particular de forma a garantir o sigilo, não havendo dificuldade de adesão, uma vez que as entrevistas foram realizadas fora do horário e local de expediente. As entrevistas ocorreram em locais que preservassem a privacidade dos entrevistados.

Parte das entrevistas e minigrupos foi realizada por uma dupla de moderadoras – a própria pesquisadora e a supervisora metodológica<sup>12</sup> do Laboratório Paisagem Arte e Cultura (LABPARC). A moderação em dupla não é uma condição imprescindível para a execução do campo; entretanto esse modelo foi vantajoso para esse trabalho, por favorecer a discussão dos achados logo na sequência dos trabalhos, permitindo ajustes e organização dos dados, bem como valorização de categorias analíticas mais relevantes para o tema estudado.

---

11 - Os segmentos foram trabalhados de modo independente um do outro e os agentes não indicaram a composição dos grupos dos moradores.

12 - Vânia Bartalini é especialista em pesquisa qualitativa fenomenológica e sob esta orientação teórica é colaboradora do LABPARC (FAU/USP) onde supervisiona processos de planejamento, campo e análise de pesquisas qualitativas de mestrados e doutorandos na área de estudos do fenômeno da paisagem.

○ A expedição etnográfica:

Essa técnica resulta das pesquisas desenvolvidas pelo Núcleo de Antropologia Urbana da FFLCH/USP (LABNAU/FFLCH), sob a coordenação do Prof. Dr. José Guilherme Magnani.

O campo de estudo etnográfico focalizado por esse núcleo são as regiões urbanas, cujo objetivo é compreender as práticas sociais e as intervenções geradas por diferentes atores sociais; considera-se que a formação desses grupos não é homogênea e nem se dá isoladamente, ao contrário, os grupos se constituem em redes de interações complexas, conflituosas e campos de disputas dentro das comunidades - que formam a região urbana, como um todo<sup>13</sup>, e por isso, cada situação empírica encontrada pelo pesquisador tem sua particularidade.

Conforme MAGNANI (2009), a etnografia como metodologia, divide-se em três conceitos experimentais em um estudo etnográfico:

- **Experiência etnográfica**, a primeira impressão que o pesquisador adquire ao visitar o campo pela primeira vez. É a fase inicial, quando o pesquisador “tateia” pelas primeiras impressões, os detalhes em grande quantidade, até mesmo seu estranhamento diante do campo de pesquisados;
- **Experiência reveladora**: o conceito seguinte, onde a pesquisa se encontra em andamento, os estranhamentos são superados pelo pesquisador e o campo começa a fornecer novos desdobramentos de pesquisa.
- **Prática etnográfica**: como terceiro conceito, distingue-se das demais abordagens pelo caráter organizacional que confere a pesquisa. A prática etnográfica é sequencial, planejada, delimitada por um cronograma.

Por sua vez, a expedição etnográfica<sup>14</sup>, é uma derivação do método etnográfico, mantendo os princípios da *Descrição profunda* de Geertz (2008) baseada em pensamentos de Lévi-Strauss (1975), para explicar a observação etnográfica, que corresponde a atividades de campo, tais como descrever e analisar situações (fenômenos) particulares culturais.

Enquanto a etnografia clássica propõe a permanência por vezes solitária do pesquisador no campo por um longo período (de um a quatro anos de inserção), a proposta da expedição etnográfica considera o trabalho de um grupo de pesquisadores que vivencia o lugar em curto tempo de permanência e propõe a *multiplicação dos olhares* e o posterior compartilhamento de conhecimentos adquiridos. Mesmo utilizando táticas distintas, a expedição etnográfica lança mão de dinâmicas muito parecidas com as da etnografia clássica, permitindo que vários pesquisadores

13 - Sobre a *totalidade* na etnografia, Magnani argumenta que: “diz respeito à dupla face que apresenta: de um lado, a forma como é vivida pelos atores sociais e, de outro, como é percebida e descrita pelo investigador” (MAGNANI, 2009:137)

14 - Para Magnani (2009), a etnografia é o momento em que o pesquisador estabelece relações de contato com o pesquisado, a partir da pesquisa de campo, acompanhando-o em suas atividades até que seja possível avançar no entendimento daquela realidade, ou encontrar uma pista nova, até então não descoberta. Para o professor, a etnografia não se reduz à busca infinita de detalhes em campo, mas está na atenção a estes detalhes. (MAGNANI, 2009: 136)

observem e interajam com o mesmo objeto e registrem dados de um mesmo contexto de acordo com a peculiaridade de cada olhar.

Preliminarmente foram realizados dois encontros entre pesquisadores do LABPARC/FAU sob a coordenação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Catharina Lima, e pesquisadores do LABNAU/FFLCH. O objetivo dos encontros foi o treinamento da expedição etnográfica voltada para os estudos da Paisagem e Ambiente.

A expedição foi composta por treze pesquisadores<sup>15</sup>, entre os quais quatro eram antropólogos e nove, arquitetos, e se estendeu por quatro dias.

A experiência respeitou o princípio básico da observação-participante, provocando uma intersecção de conhecimentos entre os “de dentro” e os “de fora”, isto é, entre pesquisadores, moradores, frequentadores e turistas.

A multiplicação de olhares não se restringiu ao momento de campo. O compartilhamento de olhares dos vários pesquisadores – etnógrafos e paisagistas – e o confronto dos pontos de vista em relação às situações presenciadas, compuseram os relatos de campo. A expedição etnográfica de Paranapiacaba dividiu-se em três sub-etapas:

- O treinamento, ministrado por quatro pesquisadores-antropólogos do LABNAU para o preparo de campo dos demais pesquisadores, um grupo de arquitetos urbanistas do LABPARC (Fig. 08);
- A realização do campo por quatro dias, incluindo dias de semana e final de semana (Fig. 09);
- A elaboração e compartilhamento de relatos.



Fig. 8- Treinamento e preparação do campo, realizados nas instalações da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/USP. Foto: Albuquerque. Elaine (2016).

15 - Colaboraram com esta expedição os seguintes pesquisadores: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Catharina Lima (LABPARC/FAU) e Prof. Dr. José Guilherme Magnani (LABNAU/FFLCH); Elaine Moraes de Albuquerque; Enrico Spaggiari; Greta Comolatti; Hulda Wehmann; Maria Isabel Magalhães; Mariana Nogueira; Paula Martins Vicente; Rafaela Izeli; Rodrigo Chiquetto; Tatiana Reis; Yuri Bassichetto Tambucci.



Fig. 9 - Expedição etnográfica, trecho a caminho do Rabique .  
Foto: Paula Vicente (2016)

O treinamento preparou a ida dos pesquisadores para a convivência com os vivenciadores do lugar, de acordo com o método etnográfico. Ao longo desse convívio os pesquisadores coletariam “pistas explicativas” sobre o lugar, para serem discutidas ao fim do dia num alojamento da Vila<sup>16</sup>, no qual estavam hospedados. O conjunto de relatos mostrou como as vivências cotidianas podem reproduzir significados diferentes, possibilitando uma ampliação do entendimento sobre a Vila.

As “pistas” advindas dessa experiência acabaram por corroborar os achados analíticos das entrevistas; entre eles as diferentes temporalidades, as diversas formas de habitar o lugar e o sentimento recorrente de invasão. Desse modo, foi possível ajustar a etapa a seguir (discussões em grupo) e ter mais segurança para interpretar os resultados (ver Cap. 3).

A permanência de quatro dias consecutivos permitiu que a equipe convivesse com comerciantes não moradores e com os turistas, favorecendo o aparecimento de olhares distintos.

É imprescindível registrar que a experiência também afetou a pesquisadora (e, conseqüentemente, a pesquisa) de maneira particular. A utilização de técnicas como a *observação-participante* proporcionou-lhe uma instância literal de entrega e exposição àquela paisagem. Esse aspecto “participante” permitiu que a pesquisadora compartilhasse a experiência do dia a dia dos habitantes em tempo real, ainda que num período tão curto, e obtivesse uma visão distinta e complementar daquela que ia se constituindo por meio das entrevistas em profundidade e

16 - O Centro de Visitantes (a ala do alojamento) foi cedido para acolher os pesquisadores participantes dessa atividade, pela antiga SGRNPPA (Secretaria de Gestão de Recursos Naturais de Paranapiacaba/ Prefeitura de Santo André), responsável pela gestão local da Vila.

minigrupos, ainda em construção naquele momento.

Isto permitiu, por exemplo, compreender claramente o que as pessoas queriam dizer quando afirmavam que havia uma espécie de “hostilidade do lugar” - expressão mencionada várias vezes nas entrevistas dos agentes públicos como uma “face pouco conhecida” que só se apresenta no contato do dia a dia. A mesma sensação foi relatada diversas vezes pelos moradores em momentos posteriores da pesquisa, muitas vezes de modo até mais contundente. Mas a expressão ficou totalmente clara quando a pesquisadora se sentiu submetida às mesmas dificuldades do cotidiano, muitas vezes expressas nos imprevistos e intensos processos naturais, nas restrições decorrentes da precariedade da Vila, nas regras de convivências, nas peculiaridades dos arranjos sociais etc.

De todo modo, mais do que um mapeamento de atores sociais, a contribuição da expedição etnográfica foi muito além do esperado, trazendo para a pesquisa a experiência vívida do campo<sup>17</sup>.

o Discussões em grupo:

No preparo dos minigrupos ficou evidente a dificuldade de sensibilizar os participantes para a atividade e assim garantir sua presença. Pouco afeitos a eventos dos que “vem de fora”, os moradores se mostraram simpáticos, mas reticentes ao convite - o que exigiu esforço extra para mobilizá-los.

O acesso direto aos moradores foi um desafio importante pelo fato de a pesquisadora não ser “da Vila”. Ao reconhecer essa dificuldade, ela lançou mão de várias táticas para diminuir resistências.

Conquistar os “aceites” exigiu muitas idas a campo (durante a semana e/ou finais de semana) e muito tempo para conversar. Essa sondagem incluiu a retomada de alguns contatos realizados durante a expedição etnográfica, na maioria das vezes, apenas por parte da pesquisadora.

O convite direto não surtiu o efeito esperado: entre quase vinte pessoas abordadas, apenas duas pessoas contatadas na expedição etnográfica e outra na sondagem fizeram parte dos

---

17 - Na aproximação dos conteúdos dos métodos foi possível perceber importantes contribuições para a pesquisa de campo, entre as quais se destacam: (i) O método etnográfico tem capacidade de “captar determinados aspectos da dinâmica urbana que passariam despercebidos, se enquadrados exclusivamente pelo enfoque das visões macro e dos grandes números” (MAGNANI, 2002:16). Do mesmo modo, a postura fenomenológica contradiz o olhar racionalista - predominantemente adotado, delineando formas de investigar a realidade social constituída pelas pessoas por meio de uma perspectiva subjetivista. (ii) Enquanto a abordagem fenomenológica procura compreender melhor a essência e a estrutura invariável da experiência, reconhecendo que ela tem um significado unificador (visto que todas as experiências têm uma estrutura subjacente), o objetivo final da etnografia é a construção conceitual de padrões e a explicação da ordem social desses significados; (iii) As duas estratégias valorizam a interpretação do lugar pelos olhos de quem o vivencia, tendo como premissa que o ponto de vista do pesquisado permite compreender melhor o fenômeno social. Uma das principais distinções entre ambas as estratégias metodológicas seria a forma de extrair seus produtos: o produto da pesquisa qualitativa é resultado da reflexão do(s) pesquisado(s), estimulada pelo uso de ferramentas metodológicas como entrevistas individuais ou grupos de discussão e a posterior interpretação do pesquisador; ao passo que o produto da etnografia resulta diretamente da experiência do pesquisador imerso na vivência do pesquisado. Nessa abordagem, há um esforço para compreender a visão de mundo do “outro” em seus próprios termos.

grupos<sup>18</sup>.

Como que reforçando um padrão de comportamento local, as pessoas se mostravam gentis e abertas ao primeiro contato<sup>19</sup>, mas a maioria (explicitamente ou não) recusou o convite para participar do grupo. Alguns chegaram a propor conversar individualmente, em suas próprias casas, sem a presença de vizinhos.

Essas dificuldades mostravam que a maneira de realizar o convite não estava produzindo os resultados esperados: a composição dos minigrupos. No decorrer do processo percebeu-se que a recusa não significava necessariamente que não queriam participar da pesquisa; indicava, sim, ressalvas à condição de participar em grupo - como se não quisessem se expor<sup>20</sup>. Portanto, não era um comportamento de recusa, nem de desdém à proposta de falarem de si, pois a negativa era acompanhada de uma sutil abertura.

Concluiu-se que era o momento de repensar a tática, sem descartar o trabalho realizado até ali. Os contatos amistosos feitos durante a expedição etnográfica foram cultivados ao longo do processo, por isso recorreu-se aos mesmos moradores com uma proposta de colaboração adaptada.

A reformulação do convite foi mediada pelos *moradores-âncora*, ou seja, pessoas que fizeram parte do primeiro grupo de moradores contatados e demonstraram interesse na continuidade da pesquisa. A proposta feita a eles era que se valessem de sua inserção histórica na Vila para apresentar à pesquisadora pessoas que atendessem aos critérios de amostra. As âncoras teriam o papel de reforçar os convites, deixando claros os propósitos da pesquisa.

Eles tiveram uma atuação importante para ganhar a confiança dos moradores, aspecto fundamental num lugar sempre “invadido pelos de fora”, em que os moradores resistem se envolver em atividades coletivas.

Paralelamente ao trabalho das âncoras, uma servidora pública com boa inserção na comunidade prestou uma importante colaboração. Além de participar de iniciativas socioculturais reconhecidas pelos moradores, a funcionária auxiliou na formação dos grupos, disponibilizando seu espaço de trabalho (biblioteca) e deu apoio logístico para a realização das reuniões dos grupos.

A escolha e os preparativos do espaço para os encontros dos minigrupos também

18 - Observação da pesquisadora: esse foi um momento que gerou bastante insegurança quanto aos procedimentos metodológicos planejados, porque a ação estava fora do meu controle e dependia de terceiros; essa dificuldade produziu certa hesitação se deveria mudar o procedimento metodológico ou não.

19 - Observação da pesquisadora: em muitos momentos, antes mesmo de começar a me apresentar, tive a impressão de que eles já possuíam informações prévias sobre mim e, somente por isso, davam espaço para a conversa se desenvolver. Por meio de comentários como: “*Você é aquela moça que conversou com o fulano na semana passada, né?*” Ou, até mais diretamente: “*Eu tenho visto você por aqui e gostaria de saber do que trata sua pesquisa*”. Pareciam querer mostrar que eles percebiam minha entrada em sua “esfera” (seu cotidiano), mas felizmente deram-me permissão para continuar.

20 - O feed back de um morador-âncora a respeito das dificuldades de formar grupo foi bastante esclarecedor a respeito dessa resistência: “*Foi uma pena não ter dado certo, mas o pessoal aqui não gosta de se reunir. Você tem que ir nas casas das pessoas, fazendo entrevistas com cada um. A maioria não quer se juntar. Se você quer entrevista tem que ir nas casas*”.

demandaram planejamento e adaptações. A biblioteca foi escolhida por ser considerada um “lugar neutro”<sup>21</sup>, que proporcionava um ambiente acolhedor e intimista. Os grupos se reuniram em uma sala ampla e arejada em torno de uma mesa com um lanche simples trazido por uma moradora (devidamente paga).

Ao final das discussões, os participantes concordavam em não divulgar os assuntos tratados, sob o argumento de “não estragar a surpresa” dos próximos grupos e, na sequência, cada um recebia uma pequena lembrança (um chocolate com um cartão de agradecimento) por sua contribuição.

Apesar dos cuidados não foi possível evitar todos os imprevistos: atrasos consideráveis, participantes que chegavam com o grupo já iniciado, algazarra das crianças do lado de fora, entre outros, deixaram evidente a importância de ser flexível e ajustar os procedimentos às ocorrências.

No decorrer dos grupos os participantes afirmaram que a comunidade tem dificuldade de se reunir – “*o povo daqui é assim...*” – e que eles próprios nunca haviam estado juntos antes com o objetivo explícito de conversar sobre seu dia a dia e sobre a Vila (alguns nem mesmo tinham entrado na biblioteca).

De maneira muito interessante, rica e ao mesmo tempo descontraída, os grupos mais velhos apontaram a possibilidade de conversarem livremente sobre o que os aflige e o que os vincula ao lugar. O grupo de jovens foi além: ao término do grupo perguntaram se teriam acesso ao material sistematizado e indicaram o desejo de participar de eventuais trabalhos futuros decorrentes da pesquisa.

Apesar de estarem previstos dois grupos de moradores antigos - um com homens e outro com mulheres - as dificuldades de composição levaram à formação de um grupo misto, mantendo os critérios de faixa etária e representação dos três setores da Vila.

Havia também a previsão de um terceiro grupo - um minigrupo de mulheres adultas. Contudo, a grande abstenção inviabilizou sua realização, talvez devido à dupla jornada de trabalho feminino ou ao tipo de ocupação de muitas delas - cabelereira, comerciárias, professoras etc. - que as impedia de comparecer no horário proposto para o grupo. Além disso, por causa da precariedade no transporte público foi impossível propor grupos na parte da noite, pois a pesquisadora não conseguiria sair da Vila.

Os horários disponíveis para a realização dos grupos possivelmente contribuíram para a maior adesão dos moradores mais antigos, muitos aposentados, e dos jovens, entre os quais alguns estavam desempregados ou fora do mercado de trabalho.

Outra dificuldade foi o recolhimento dos moradores das âncoras: a atividade de

---

21 - Segundo depoimentos obtidos na expedição etnográfica e sondagem, a biblioteca é um dos poucos equipamentos públicos que não está entre os que sofrem “restrições de acesso” pelos moradores.

pesquisa coincidiu com o início de alternância de administração municipal e é possível que esse momento de ajustes e incertezas tenha inibido uma participação mais ativa das âncoras. Além disso, por questões externas à pesquisa, o grupo de mulheres se distanciou dos demais cerca de dois meses depois, o que pode ter ocasionado um “esfriamento” no campo como um todo. Por causa desse afastamento foi preciso que se explicasse novamente o propósito da pesquisa, imprimindo um esforço maior para obter a participação (agora sem a ajuda das âncoras) para um número maior de convidadas para compensar as possíveis abstenções<sup>22</sup>.

A opção pela entrevista pareada se deu em meio a essas circunstâncias e foi a solução encontrada para acolher as duas pessoas presentes no local - uma moradora e a agente pública, recentemente nomeada para cuidar da biblioteca. Ao final, essa decisão se mostrou satisfatória, pois permitiu um ambiente de intimidade, em que as participantes puderam expor questões pessoais mais dolorosas, demonstrar com mais liberdade seus sentimentos e angústias em relação ao modo de vida do lugar.

De modo geral, o maior desafio foi a composição dos minigrupos e, mesmo que os esforços de adaptações das táticas tenham permitido a continuidade e o fluxo do processo de investigação, essas dificuldades revelaram um “nó” importante e de difícil solução: **Como garantir a participação depois de fazer os convites?**

Nesse mesmo ponto, há outra questão intrigante: **Por que as pessoas não compareceram no dia marcado, mas continuaram cultivando o contato após o evento<sup>23</sup>?**

Será que há nisso uma questão em torno de temporalidades distintas entre o cronograma estabelecido para o campo, externo ao viver cotidiano da Vila (e, talvez semelhante aos processos administrativos da gestão pública) que carecia de mais alinhamento? Será que isso traz um recado silencioso, tal como: *“Vou colaborar contigo, mas no meu tempo”,* ou *“Ainda não estou pronto para me expor, mas considero importante o interesse demonstrado pelo meu lugar”*?

Apesar dos entraves, no entanto, essa etapa parece ter enraizado laços amistosos, gerando um clima de colaboração mútua entre a pesquisadora<sup>24</sup> e os pesquisados - sobretudo com o grupo de jovens, que cultivaram contatos com a pesquisadora mesmo após o término do campo.

---

22 - Para compor um minigrupo de quatro a seis pessoas, foram feitos mais de vinte contatos, com a confirmação prévia de doze pessoas.

23 - Muitas pessoas que não compareceram ao encontro combinado, deram-se ao trabalho de continuar investindo na relação de amizade, seja justificando a ausência e se dispondo a colaborar em outra oportunidade. Algumas ainda perguntam sobre o resultado da pesquisa, mesmo após o encerramento, Outras perguntam se não seria possível acrescentar entrevistas individuais com elas ou com alguém que elas julgam ser importante para a pesquisa, sugerindo que se houvesse uma adequação ao tempo delas haveria, sim, possibilidade de maior colaboração.

24 - Para a pesquisadora, a comparação dos minigrupos iniciou uma fase bastante especial, pois a partir dela o sentimento de “confusão” e a sensação de desconforto, que se parecia com um “esvaziamento de certezas” e “perda do controle”, foi superado pela riqueza de dados que se começaram a tomar forma, numa espécie de aglutinamento das pistas posteriormente aprofundadas na análise.

o *O ensaio metodológico de percepção da paisagem:*

A partir da apresentação de resultados parciais da pesquisa a um grupo de pesquisadores da FAU/USP<sup>25</sup> e por ocasião do XVII ENANPUR - Encontro Nacional da Associação Nacional de Planejamento Urbano - realizado em maio de 2017 - surgiu uma proposta para desenvolvimento de uma “Oficina de Práticas Urbanas”<sup>26</sup> na Vila de Paranapiacaba.

Ainda em caráter experimental e, sob a coordenação dos pesquisadores do LABPARC, realizou-se o ensaio metodológico de percepção da paisagem, intitulado *Oficina Cartográfica dos Afetos e Insurgentes em Paranapiacaba*. Seu objetivo era obter visões distintas da paisagem incentivando um olhar atento, não somente aos aspectos técnicos especialistas, mas às impressões e sentimentos vivenciados na interação com o lugar. A tentativa era explorar a ideia de que a subjetividade (individual e coletiva) pauta as ações cotidianas e é um material muito rico na proposição de soluções arquitetônicas e paisagísticas para o lugar.

Para refletir sobre a apreensão do sensível no planejamento urbano, a Oficina se estruturou numa sequência de atividades inspiradas em quatro ferramentas para estimular os *Olhares*<sup>27</sup>, abarcando momentos de fruição e registros paisagísticos de modo coletivo.

Os três primeiros momentos destinaram-se a fomentar o debate sobre a pluralidade de percepções e sentidos que fluem no contato com a paisagem. O resultado dessas vivências se materializou no último dia, numa atividade denominada “cartografia dos afetos”.

A experiência como um todo envolveu cerca de trinta pessoas, entre elas, pesquisadores e profissionais de várias áreas do conhecimento inscritos no Encontro, além de agentes públicos municipais, e estendeu-se por um final de semana. As atividades foram realizadas da seguinte maneira:

**1º momento – “O olhar desinteressado”:**

Os participantes realizaram suas derivas em dois percursos propostos - um na área urbana da Vila e outro em uma área ambientalmente protegida, dentro do Parque Natural Municipal Nascentes de Paranapiacaba. A proposta era fazer um caminhar errático, deixando-se guiar pelo que a paisagem oferecesse à fruição desinteressada. (Fig. 10 e 11)

25 - O encontro interno contou com a presença de integrantes do LABPARC (Laboratório Paisagem Arte e Cultura) e do LABHAB (Laboratório de Habitação e Assentamentos Humanos), ambos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP – FAUUSP.

26 - As Oficinas de Práticas Urbanas foram adotadas a partir do XVII ENANPUR, que abordou temas relacionados aos diversos contextos da Região Metropolitana de São Paulo. Com isso, foi necessário ampliar o espaço de desenvolvimento de práticas de leitura ambiental e urbana, envolvendo processos participativos associados à paisagem e à produção da cidade.

27 - Olhares: apesar da importância do sentido da visão, reconhecemos que o olhar não é a única forma de apreensão paisagística.



Fig. 10 - Iniciando as derivas pela Parte Baixa. Foto: Monica Bertoldi, 2017.

Para permitir uma conexão maior entre o corpo e a paisagem, os participantes foram orientados a desligar os celulares e a realizar a atividade o mais silenciosamente possível com o objetivo de obter *“uma imersão afetiva mais profunda, na qual pudessem ser mais bem percebidos visuais, cores, texturas, sons, cheiros e sensações táteis, além de memórias que os caminhantes pudessem ter ao longo dos percursos escolhidos, mantendo-se atentos”* (LIMA et al, 2017).

Dessa atividade resultaram as primeiras impressões do campo, que compuseram os debates posteriores.

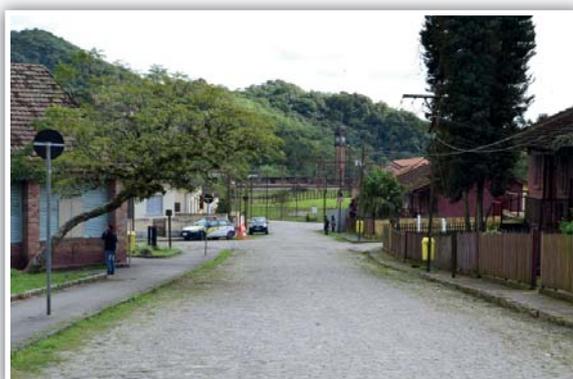


Fig. 11 – Divididos em dois grupos, uma parte seguiu pela Vila (na Parte Baixa) e outra adentrou (devidamente monitorados por um agente público) ao Parque Natural Municipal Nascentes de Paranapiacaba. Fotos: Mônica Bertoldi e Paula Vicente, 2017.

## 2º momento – “Olhar compartilhado”:

O debate sobre as primeiras impressões que a Vila despertou ocorreu nos moldes de uma *roda de conversa*, composta pelos pesquisadores que participaram das derivas e visitavam a Vila pela primeira vez. Sob coordenação das mesmas mediadoras dos minigrupos, procurou-se

sensibilizar o grupo para uma leitura partilhada do lugar, por meio da abordagem qualitativa. Nos momentos finais da roda de conversa, os professores e quatro moradores convidados se juntaram ao grupo inicial e acompanharam a roda de conversa, colhendo em silêncio as impressões compartilhadas pelo grupo e identificando em si vivências semelhantes ou não às relatadas pelo grupo.

*Captar o sentido desse lugar significa se abrir à possibilidade de desvelamento do que acontece no contato com uma paisagem que se oferece e se retrai. (...) Idas à Vila comprovam que a verdade do lugar, embora se mostre a cada vez particular e distinta, se apresenta também como compartilhamento. Talvez seja por isso que, de tarde, na “roda de conversa” pós deriva, as sensações relatadas pelo grupo se avizinhassem das sensações de quem habita o lugar há décadas (...). Este é o sentido da abordagem qualitativa fenomenológica: olhar pelos olhos do pesquisado, apreendendo no singular o que é partilhado por muitos, sem com isso diluir a experiência no simples discurso “de todos”. Essa forma de capturar a verdade coloca em foco o que por séculos foi escanteado – a dimensão sensível como material precioso para a compreensão do humano. (LIMA et al, 2017)*



Fig. 12 - Roda de conversa nas instalações do Clube Lyra Serrano, inicialmente apenas com os pesquisadores e depois com todos os participantes. Fotos: Paula Vicente e Cleonice Pinto, 2017.

### 3º momento – “Olhar artializado”:

No dia seguinte à roda de conversa, seus integrantes foram convidados a participar de uma intervenção artística na Vila, dirigida pelo Coletivo MeioFio<sup>28</sup> e relacionada ao conto “Infinita Fiandeira”, de Mia Couto.

A proposta era confeccionar teias de crochês que seriam instaladas nos pontos das derivas que os participantes consideraram mais significantes. A demarcação desses “pontos de afetos” funcionava como uma espécie de re-significação de sentidos da paisagem por meio das

28 - MeioFio é um coletivo composto por mulheres que trabalham com arte urbana a partir de técnicas de tecelagem, em especial o crochê, considerado por muitos ultrapassado. Trata-se de uma proposta duplamente insurgente: ao revisitar técnicas de produção associadas ao feminino, à produção caseira e às formas supostamente menores de expressão artística, o coletivo intervém de forma autoral e inovadora, questionando o que se convencionou chamar arte urbana e o papel do feminino na cidade.

práticas artísticas e servia também para estimular o olhar do “outro”, que podia ser qualquer transeunte do lugar.



Fig. 13 - Oficina realizada no Clube Lyra Serrano. Fotos: Paula Vicente e Cleonice Pinto, 2017.



Fig. 14 – Intervenção artística na Vila. Fotos: Paula Vicente, 2017.

#### 4º momento – “O mapa dos olhares”:

A elaboração da cartografia dos afetos foi desenvolvida a partir de “temas disparadores” - como memória, símbolos, personagens, arte, cultura, sentimentos, conflitos, possibilidades e lugares - preestabelecidos pelo coordenador da atividade<sup>29</sup>. Divididos em três grupos, os participantes compartilhavam suas referências, registrando sua leitura coletiva do lugar a partir das atividades dos dias anteriores e, desse modo, dando forma às cartografias elaboradas.

<sup>29</sup> - Para coordenação dessa atividade contamos com a colaboração de Gustavo Seraphim, funcionário público da Secretaria da Cultura/PSA (naquele momento) e experiente em projetos relacionadas à cartografia afetiva.

O objetivo era uma reflexão coletiva que se desenvolveu a partir da sinergia do grupo (Fig. 15).



Fig. 15 – Equipes produzindo o mapa dos afetos de Paranapiacaba. Fotos: Paula Martins Vicente e Cleonice Pinto, 2017.

Quanto a contribuição que tanto a *expedição etnográfica* quanto o *ensaio metodológico para a percepção da paisagem* trouxeram para a presente pesquisa, ambas foram fundamentais para corroborar a **opção de paisagem como afeto** e aguçar o **campo de sensibilidade do pesquisador**.

Se a *expedição etnográfica* proporcionou uma importante experiência dentro dos propósitos de ver “de perto e de dentro”, o *ensaio metodológico para a percepção da paisagem* ofereceu aos pesquisadores envolvidos a oportunidade de deixar se afetar por aquela paisagem através de uma experiência paisagística, permitindo que se lançassem de forma mais direta no lugar e o sentissem à flor da pele.

Graças aos aportes da arte, ao percurso errante (com tempo e silêncio), à cartografia, abriu-se uma porta para a possibilidade de trabalhar com essa chave da paisagem no campo do sensível, relacionando a dimensão humana e seu meio, relação constantemente sacudida por afetos.

### 3. A ANÁLISE DO CAMPO

A definição tradicional de análise é a decupagem, separação do todo nas partes que o compõe a fim de entender as partes.

Em sentido quase oposto, na abordagem qualitativa a análise acontece por entrelaçamentos que vão construindo um sentido. Nela, a descrição dos fragmentos das vivências colhidas em campo se entrecruza na composição de um todo multifacetado.

Não se trata da captura aleatória de elementos, e sim de perceber a teia de realidade que compõe determinado tema, sempre levando em conta as circunstâncias históricas e as peculiaridades do segmento estudado. O foco da análise qualitativa é a máxima aproximação possível da vivência do pesquisado, de modo que o conjunto de sensações e

percepções advindo dela possa oferecer “pistas” que vão se unindo e entrelaçando no decorrer do processo.

O processo de análise qualitativa deve dar voz à intuição do pesquisador, favorecendo a percepção dos temas mais relevantes e a partir dele fazer sua tessitura. Portanto, o entrelaçamento dos fragmentos ocorre ao longo de todo o processo, pois é característica da abordagem qualitativa seguir rente ao fenômeno, acompanhando os processos e dinâmicas dos temas pesquisados e, quanto mais se observa, mais as dinâmicas próprias ao tema aparecem.

Foi o que ocorreu no presente estudo.

Mesmo antes de haver uma clara noção do processo como um todo, a pesquisadora notou que os temas mais significativos surgiam: os que tocavam mais as pessoas, os que geravam mais conflitos, os que se repetiam.

O primeiro passo foi a **preparação** do material coletado para o início do processo analítico:

A transcrição dos áudios das entrevistas e discussões em grupo foi digitalizada em um formato único, com título, local e data da realização, segmento e codinome dos pesquisados. As perguntas foram registradas em negrito e as respostas, sempre antecedida pelo codinome do pesquisado em fonte comum.

Conforme os conteúdos eram transcritos, os trechos diretamente relacionados ao tema (a paisagem e cotidiano) foram sendo sublinhados, para facilitar uma segunda leitura mais filtrada. Nas leituras posteriores, atentou-se para os conteúdos mais relevantes - recorrentes, retumbantes, contraditórios – dentro de um mesmo discurso. Esses trechos foram realçados e ao lado dos destaques a pesquisadora registrava suas impressões, sentimentos, dúvidas, inquietações.

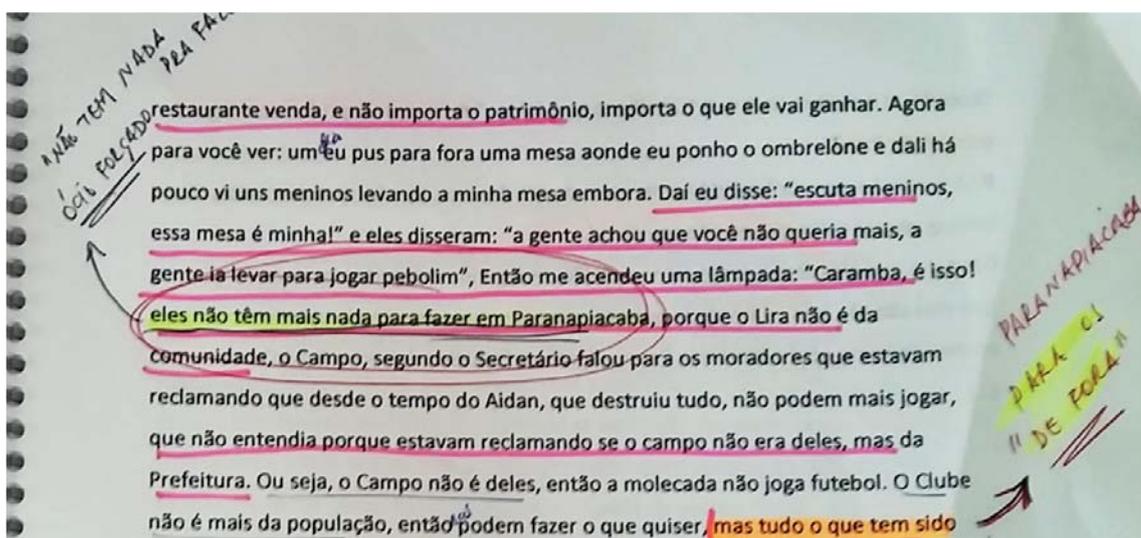


Fig 16 - Trecho ilustrativo da transcrição com as observações das primeiras leituras

Já na primeira leitura apareceram ideias que se entrelaçavam ou remetiam aos discursos de outros pesquisados. Essas anotações, com as comparações entre os discursos

– convergências e contraposições – também passaram a ser destacadas ao longo dos textos.

O segundo passo foi elaborar um **quadro de conteúdos**, pois percebeu-se a necessidade de organizar o conteúdo de modo transversal, ou seja, entre os segmentos estudados, para assim captar convergências e divergências nos discursos e comparar as entrevistas entre si e os minigrupos entre si.

O registro dessas observações comparadas exigiu outra representação gráfica, com colunas onde se anotavam os principais tópicos, os textuais, seguidos do segmento/codinome.

Quadro de conteúdos (PRIMEIRAS ENTREVISTAS)		
	Tema	Citação/observação
1	Vínculos com o lugar	<p><b>Lugar de enraizamento:</b> Para mim, Paranapiacaba tem importância para contar a minha própria história. Ela conta a minha história: se hoje eu estou em São E03 e estou formando família, é porque o venho desse embrião, pois se não houvesse indústria na região de Utinga, meu avô (que trabalhava ali) não teria vindo para cá. Devido a isso eu tenho um embrião na ferrovia e, conseqüentemente Paranapiacaba faz parte disso. Essa minha visão de hoje não era assim antes de entrar em Paranapiacaba, eu não tinha nenhuma relação de afetividade com Paranapiacaba (E03)</p> <p><b>Sensação de aconchego familiar:</b> “Mas cheguei ali na Vila eu ‘estou em casa’ na hora que eu chego à Vila e olho ao redor, me sinto em casa” (E01)</p> <p><b>História familiar:</b> Idas e vindas – E02 (transcrever)</p>
2	Lugar estigmatizado	<p><b>Lugar de mochileiro:</b> “... antes da primeira ida que foi no Festival de Inverno, Paranapiacaba era um lugar que sempre me apresentaram como ‘ah, não vai pra lá não, só tem mochileiro!’. Então depois que fui para Paranapiacaba eu adorei, mas ainda não tinha o sentimento de pertencimento que hoje tenho hoje (...). Acho que isso me marcou mais: <u>saber que eu fiquei 30 anos sem ligar a importância de Paranapiacaba com a minha vida.</u>” (E03)</p> <p><b>Lugar de castigo:</b> “principalmente nesse momento da Rede Ferroviária (<u>que durou 30 anos</u>) e posteriormente da Prefeitura Municipal de Santo André, Paranapiacaba foi considerada como um lugar de castigo. Então para um mal ferroviário, o castigo pra vir pra Paranapiacaba – o que era até então privilégio morar aqui, pois todo mundo queria vir para Paranapiacaba, <u>depois nesses 30 anos o lugar foi usado como castigo.</u> Então temos um problema: porque inclusive teve pais fossem</p>

Fig. 17 - Trecho ilustrativo do quadro de conteúdos

Os registros apontaram para aproximadamente vinte tópicos relevantes, que foram organizados por relevância. Na sequência, esses tópicos passaram por uma nova seleção, avaliando se faziam parte diretamente do recorte da pesquisa. Essa seleção resultou na indicação dos subtemas a serem trabalhados na análise.

O terceiro passo foi a elaboração da **pré-análise**. A organização das informações importantes demandou a elaboração de outra planilha, na qual as informações do “quadro de conteúdos” foram reestruturadas por subtemas definidos, seguidos dos textuais, por segmento e de modo mais detalhado: agente/morador antigo/morador jovem/mulheres. Essa planilha também recebeu uma coluna para observações.

PRÉ ANÁLISE – Entrevistas e Mini Grupos	
Temas	Observações
<b>CICLOTÍMICA / INTERMITENTE</b>	
<p>(Antigos): Por outro lado, como monitor, é melhor trabalhar na chuva do que no sol. Imagina pegar duas ou três horas de trilha debaixo de sol! Naquele sol escaldante, nossa! / Tem dia que você acorda com aquele sol, aí põe as roupas para secar, baixa a neblina, daí você tira a roupa, sai o sol de novo! Ah, não! / Dia 27 de outubro, agora, tivemos o evento dos fuscas na Vila. No dia 26 a noite estava tempo bom, estava tudo certo. Quando foi no dia 27 pela manhã, fechou o tempo, caiu aquela chuva. Daí, tivemos que descer assim mesmo, era nosso trabalho. Mas não é fácil! [Mas essa história de não ter horário, não transtorna a vida não?]: Não, a gente acostuma. / [Neblina]: É horrível, mofa tudo! Algumas casas mesmo fechadas sobre a umidade do chão. (PAISAGEM CICLOTÍMICA / INTERMITENTE)</p>	<p>MUITO SOL – MUITA CHUVA. Mudanças de temperatura bruscas. A hostilidade da Paisagem também se manifestou na rotina dos agentes. Dominação da natureza.</p>

Fig. 18 - Texto ilustrativo da pré análise.

Os materiais produzidos não foram anexados, para manter o anonimato pactuado com os entrevistados.

A tarefa agora era iniciar uma análise comparativa entre os discursos, destacar as observações e as ideias interligadas. A planilha resultante sofreu muitas revisões, pois ao longo de todo o trabalho de campo (como as pistas da expedição etnográfica e do ensaio metodológico) foram se incluindo novas observações sobre os subtemas definidos

Assim, a pré-análise fundamentou a escolha dos grandes eixos para aprofundamento e interpretação.

O quarto passo foi **preparar o relatório**. Após ler e reler as planilhas os eixos temáticos ficaram mais e mais claros. Os eixos temáticos mais relevantes foram:

- ✓ Os impactos da localização e seus paradoxos;
- ✓ História de peso;
- ✓ A ambiguidades de sentimentos;
- ✓ Sentimento de invasão;
- ✓ Jogos de paisagem.

Para estruturar o texto analítico, a pesquisadora elaborou um mapa conceitual em um painel fixado em uma parede, com espaço para inserir todos os textuais pertinentes a cada eixo temático. Os textuais selecionados foram organizados de forma que pudessem dar um encadeamento lógico para a análise. Depois de organizar os textuais entrecruzados aos temas, foi possível iniciar o relatório.

A organização do painel permitia que as partes que o compunham pudessem ser movidas para facilitar o encadeamento do texto. O fato de permanecer exposto durante todo

o período da escrita e a possibilidade de mudança de posição dos textuais favoreceu a rápida consulta e garantiu a “presença dos pesquisados junto ao pesquisador”. Isso, sem dúvida foi muito inspirador.

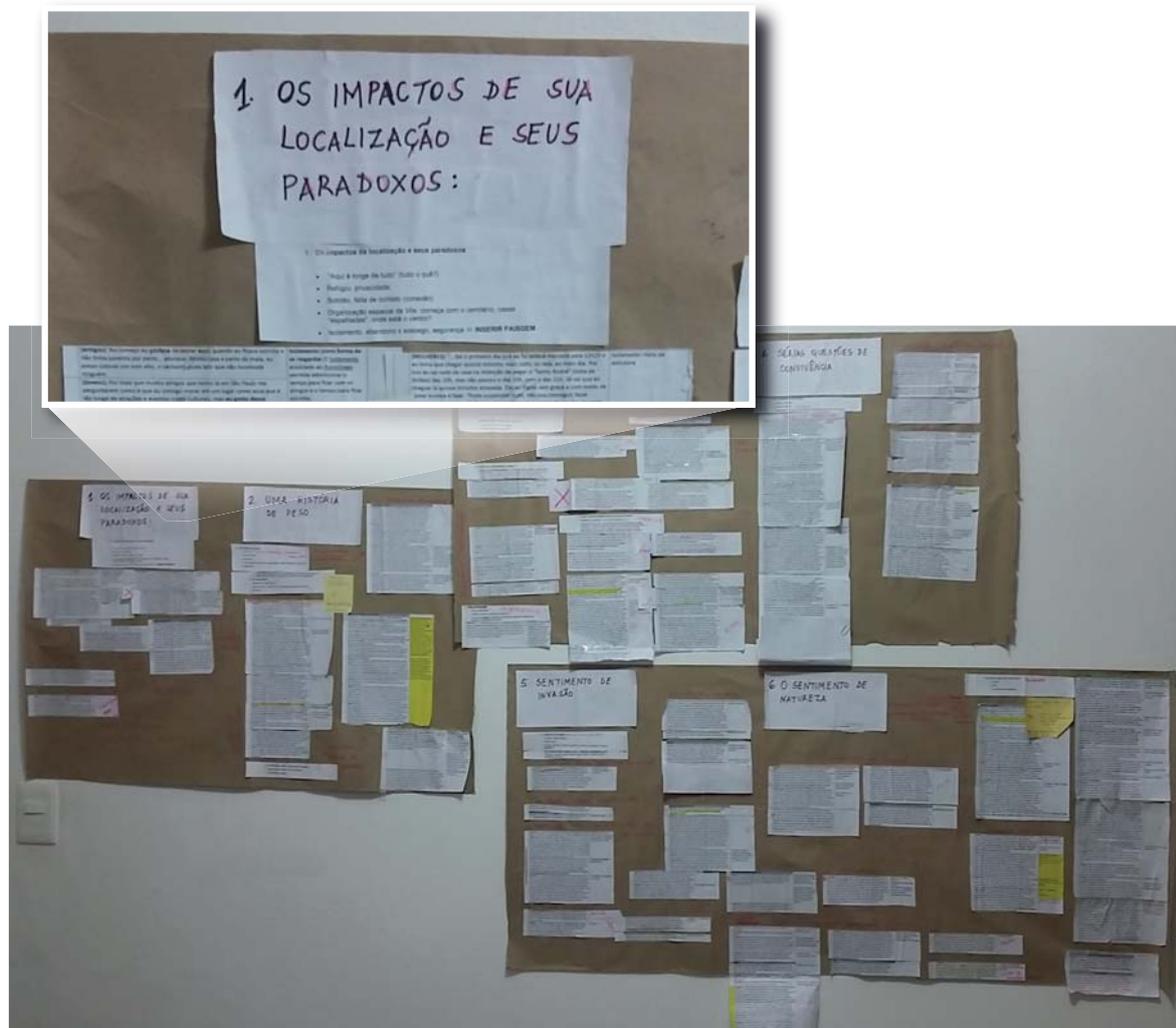


Fig. 19 - Mapa conceitual com destaque a um dos eixos temáticos tratados.

O quinto passo foi elaborar o **relatório de campo** – que compõe o capítulo 3.

Enquanto o relatório se desenvolvia, o material se entrecruzava com as observações sobre a expedição etnográfica, o ensaio metodológico, e as citações teóricas.

#### 4 - AS LIÇÕES APRENDIDAS:

Os aprendizados resultantes da pesquisa reafirmaram a importância do trabalho de campo para os estudos de paisagem e a escolha do método adequado.

A abordagem qualitativa favorece uma abertura ao Outro e com isso proporciona uma espécie de conexão prancheta/campo, o que permite intercalar as escalas (macro e micro) e cruzar o conhecimento técnico com o vivencial. Isso pode e deve remeter o pesquisador paisagista à sua atribuição de origem: ser propositivo.

○ A volta à escrivaninha

A prancheta é a ferramenta do urbanista e não deve ser usada como instrumento de dominação tecnocrática, distante do modo como a vida acontece no lugar. Por outro lado, a função propositiva da prancheta não pode ser descartada.

Há um propósito no *fazer* do arquiteto urbanista que é a intervenção.

Portanto o trabalho de campo é parte importante do processo, mas certamente a volta à prancheta é fundamental. Do mesmo modo, a “volta à escrivaninha” foi fundamental para o processo completo da investigação, com o diálogo entre as técnicas qualitativas empregadas. Esse é um momento que GEERTZ (1989) chamou de análise microscópica: “*Se é importante ir a campo, mais ainda o é escrever sobre o que foi visto*”.

Essa análise, que se aprofunda nos detalhes e confronta o que foi aprendido no campo com o que se produz em forma de texto, ocorre no confronto de olhares que articulam os fragmentos de realidade.

○ Ouvir o campo, ouvir a si mesmo:

O trabalho de campo permite que o especialista “suspenda” brevemente seus pressupostos, se despoje do saber técnico e conseqüentemente se abra ao “desconhecido” (novo saber). Nessa abordagem, o que se desvelou para a pesquisadora foi a realidade do Outro. Mas não apenas isso: a partir da possibilidade de compreender o Outro por ele mesmo, em seu modo de ser, houve uma aproximação verdadeira e, em certa medida, uma identificação com algumas dimensões humanas apreendidas na pesquisa, e isso ampliou na pesquisadora a compreensão sobre si mesma.

Sendo assim, é seguro afirmar que o desafio para compreender o fenômeno da paisagem requer uma abertura para o Outro e não deixa espaço para a negação do posicionamento do pesquisador.

“Ouvir o outro” implica um esforço para compreendê-lo e ao mesmo tempo convida a uma reflexão sobre si. “Ouvir sem refletir” parece complacência, e “intervir sem ouvir” parece autoritarismo. As duas posturas geram resultados indesejáveis.

Para a pesquisadora a opção pela abordagem utilizada não foi sempre fácil. A necessidade de uma atitude de “abrir-se para ouvir o Outro” exige uma entrega ao campo, mas também pede recolhimento para a depuração dos achados e isso gerou vários momentos de desconforto e insegurança. Por ser um percurso que gera questionamentos – de pressupostos, de conhecimentos teóricos, de certezas construídas de antemão – também transforma o pesquisador. E o processo de transformação, que é condição básica para a imersão na abordagem, tem sua riqueza, mas por vezes dói.

\*\*\*

Esse trabalho consistiu de experimentações que podem ser ponto de partida para outras tantas a serem realizadas a partir de onde essa pesquisa terminou.

A pesquisa procurou mostrar as várias possibilidades de engate entre “distintos olhares” sobre o lugar e sua dinâmica, o que pode contribuir muito para qualificar as interferências da administração pública na cidade, à medida que proporciona compreensão melhor do que realmente acontece na vivência de um lugar.

Pode-se afirmar que tem havido um forte empenho para atrelar outros possíveis olhares ao “olhar técnico”, o dos vivenciadores e dos acadêmicos. Ambos se mostraram fontes importantes para compreender o que a paisagem cotidiana revela sobre si, resultando em rica composição de pontos de vista.

A apreensão e a fusão desses “vários olhares”, norteados pela identificação de certas dimensões do humano, impuseram questões, cobraram reflexões e aprofundamento sobre o que estava sendo tratado, do mesmo modo que também corroboraram a visão da pesquisadora. Foi, portanto, o entrecruzamento de olhares que apontou um sentido de proposições mais condizentes com o tema em questão.







# Capítulo III

A PAISAGEM SOB A LENTE DO VIVIDO

Fig. 20 - Caminho do Mens  
Foto: Israel Lopes, 2016



Do sopé do Maciço Serra de Paranapiacaba se avista a Vila.

À altura de quase 800 metros e encravada num trecho da Serra do Mar, ela faz jus ao nome anteriormente recebido: Alto da Serra, afinal, indiscutivelmente, a altura é um dos seus destaques.

Horizontalmente, ao imaginar o deslocamento de um pássaro em linha reta, entre Paranapiacaba e o Oceano, a Vila Ferroviária de Paranapiacaba está a se distancia aproximadamente 20 quilômetros do Porto de Santos, uma das históricas “portas de entradas” da rota comercial marítima do País desde os tempos da Colônia.

Apesar de muito próxima da Baixada Santista, o desnível acentuado continua sendo um elemento de “desconexão” física com o litoral, pois a única possibilidade de conexão ainda é mecânica, sobre os trilhos da linha ferroviária. Esse trajeto é hoje realizado exclusivamente para transporte de cargas, operado pela Concessionária MRS Logística S.A. No entanto, o trajeto de pessoas entre o mesmo ponto de partida e o mesmo destino é realizado por uma estrada, cujo percurso é quatro vezes maior do que seria em linha reta

Todavia, a dificuldade do caminho por terra é superada pela vista exuberante, graças à sua localização elevada. A Vila fica sobre um grande promontório, que em condições ideais é um belo mirante, o que explica a origem do nome atual, *Paranapiacaba*. Vários documentos afirmam que Paranapiacaba é nome originado do grupo linguístico tupi-guarani, que significa ‘*lugar de onde se vê o mar*’ ou ‘*caminho estreito que leva ao mar*’, através da junção de *paranã* (mar), mais *epiaki* (ver) e *aba* (lugar).

Sua localização inspira muitas narrativas históricas em relação à estratégia comercial e paisagística<sup>1</sup>, que justificam sua implantação: por estar tão próxima da “entrada” para o mar e parecer tão “imponente” devido à altura, Paranapiacaba se revela um lugar especial.

Desde sua criação, a Vila foi um entroncamento importante. Primeiramente reconhecido como ponto inicial do Planalto Paulista e elo entre Santos e São Paulo, sobretudo a partir das viagens de passageiros; quando se transformou em Vila, o entrelaçamento de paisagem exuberante e conjunto arquitetônico, fez com que Paranapiacaba passasse a ser vista como “um *lugar de parada*” e providencial intervalo em meio a um longo trajeto.

A construção da Vila com seus aspectos tecnológicos e arquitetônicos, associada à

---

1 - Há registros que afirmam que desde os tempos iniciais de Colônia, havia um posto de observação para o litoral, onde hoje está a Vila de Paranapiacaba. “*Usuário da trilha dos Tupiniquins, João Ramalho utilizaria a atual vila de Paranapiacaba como posto de observação permanente da orla de São Vicente, visando acompanhar o tráfego de embarcações na baía e no porto, seja para fins de comércio, seja com finalidade defensiva. Assim, constatado o movimento de navios na costa, seria muito mais prático e rápido descer a serra pelo vale do Moji do que pelo Perequê, reforçando a praticabilidade da primeira como via de acesso à costa*”. (CARDOSO, 2016:06).

beleza natural do lugar, desenhou uma fisionomia urbana que lhe conferiu um reconhecimento relevante, não apenas como escolha estratégica (ainda que sua localização a tenha transformado num importante *ponto de ligação* entre o litoral e interior), mas também por sua importância histórica como representante de um empreendimento que trouxe modernidade, em contraste com as práticas do período colonial.

Entretanto, com o esgotamento do sistema ferroviário, a dinâmica socioeconômica da Vila se viu despida do glamour dos tempos em que funcionava como a vila ferroviária inglesa.

O cotidiano da Vila de Paranapiacaba passou a ser muito diferente daquele que em sua origem a apresentou como precursora da modernidade. Em sua implantação, a Vila foi símbolo de um empreendimento alinhado aos modelos do desenvolvimento e progresso do século XIX. Assim assumiu uma respeitável posição como lugar que se abre ao mundo pelo mar. Entretanto hoje a situação da Vila é mais condizente com a posição de “porta dos fundos” da metrópole, sobrevivendo afastada de importantes centros econômicos, como a Região Metropolitana de São Paulo e seu próprio município - Santo André

Sim, do ponto de vista geográfico, a vila está isolada dentro de seu próprio município: não somente pela distância física - já que pertence a uma parte do território considerada área de manancial<sup>2</sup> e que por si só tem uma dinâmica urbana bem distinta da região central – mas pelas dificuldades específicas de estar nos extremos dessa área.

O termo “afastado”, não se reduz à distância física. Embora faça parte da região do ABC Paulista, a Vila de Paranapiacaba tem relações urbanas mais estreitas com os municípios vizinhos - Rio Grande da Serra, Ribeirão Pires, São Bernardo do Campo e Mogi das Cruzes - do que com a área central da sua cidade.

Um dos fatores que agravam essa sensação de distanciamento da área urbana de sua cidade é de ordem física: a Represa Billings separa o território municipal em duas partes (Fig. 21). Esse impedimento de acesso viário por dentro do território andreense obriga a circulação pelos municípios vizinhos - Rio Grande da Serra e Ribeirão Pires.

A própria distância *aparece*, de saída, como fator de interferência nas relações entre os habitantes de ambos os lados do município, separados pela Represa. Apesar do Distrito de Paranapiacaba estar nos domínios político-administrativos de Santo André, os relatos dos moradores traduzem um sentimento de impossibilidade de apropriação plena da identidade de morador andreense:

---

2 - A Vila se localiza numa porção denominada Macrozona de Proteção Ambiental (MPA). Este território é considerado área de mananciais, com poucas pressões urbanas resultantes da baixa densidade demográfica e da aplicação de restrições ambientais e urbanísticas específicas (PSA, 2008).

“Acho que eles [a Prefeitura] têm a gente como cidadão de segunda categoria, daí eu diria que eles são tão sem criatividade que usam a mesma estratégia da REDE<sup>3</sup> (...) e depois vem dizer que Paranapiacaba é ‘aquele povo complicado!’” – explicou uma moradora antiga<sup>4</sup>.

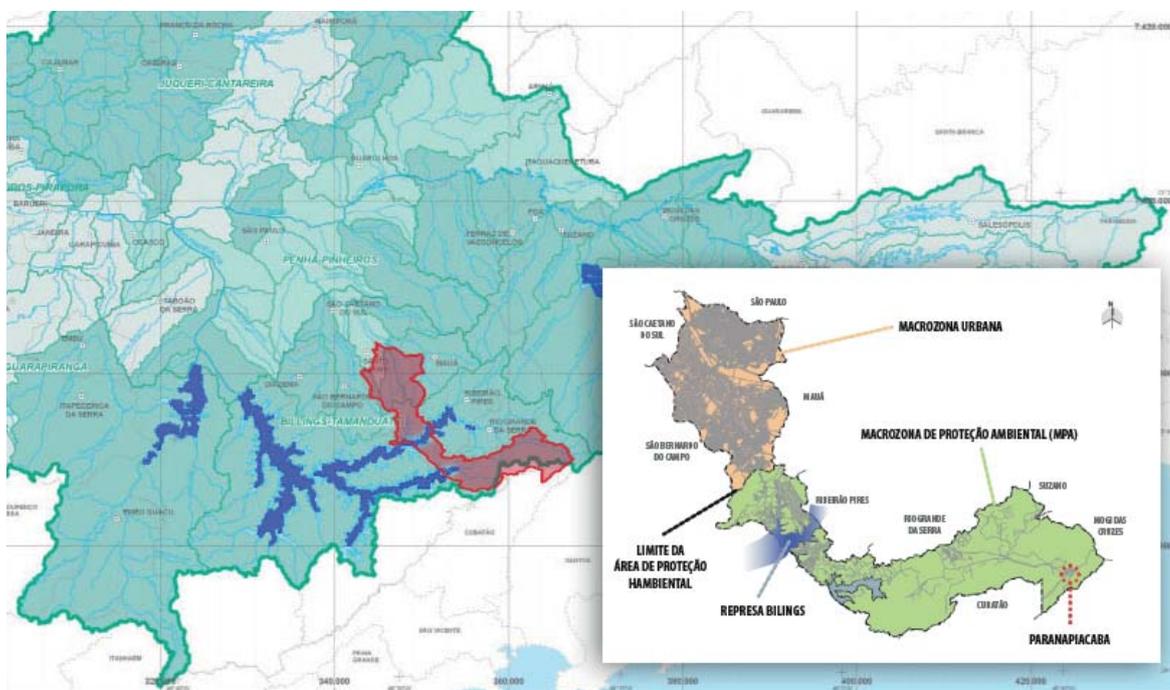


Fig. 21 - Mapa do Macrozoneamento do Município de Santo André e localização de Paranapiacaba. Fonte: PSA.

Os depoimentos sinalizam que argumentos fundamentados numa visão tecnicista e que restringe suas questões à coordenada geográfica da Vila não são suficientes para explicar os impactos advindos de sua localização e da distância dos centros de desenvolvimento. Em outras palavras, a distância física não dá conta de dimensionar a dor imposta pela distância que é, antes de tudo sentida, vivenciada no dia a dia.

Paranapiacaba nos mostra que o sentimento de “*estar longe*” tem várias dimensões que só podem ser percebidas na escuta e observação do cotidiano de seus vivenciadores, bem como no modo como tais dimensões repercutem no espaço vivido.

É nesse sentido que a presente análise foi guiada.

3 - REDE: é a expressão utilizada pela população de Paranapiacaba para se referir à Rede Ferroviária Federal S/A (RFFSA); a empresa pública que em 1957 assumiu a administração de uma extensa malha ferroviária espalhada por todo o país e, conseqüentemente, da Vila Ferroviária de Paranapiacaba.

4 - *Morador antigo* não se refere necessariamente à idade, mas àqueles que moram na Vila desde o período anterior à REDE. Todas as vezes em que a expressão for empregada aqui ela se referirá aos participantes do “minigrupo moradores antigos” (ver Capítulo 2).

## PARTE I: OS EIXOS TEMÁTICOS

### 1 – OS IMPACTOS DE LOCALIZAÇÃO E SEUS PARADOXOS:

Depoimentos colhidos no trabalho de campo mostraram camadas de percepção que extrapolam a dimensão das dificuldades de deslocamento ou restrições legais. Para descortinar essas camadas é fundamental conhecer o que se desperta mediante a perspectiva da sensação de *isolamento*, afirmada por seus moradores e agentes públicos.

*“Paranapiacaba é longe de tudo!”* é fala recorrente nos depoimentos. Mas o que estaria norteando esse *“longe de tudo?”*.

A expressão foi usada em diversos sentidos, distintos entre si, e às vezes opostos. Ao longo da análise/do trabalho, ela revelou paradoxos que interferem diretamente na maneira de se viver em Paranapiacaba.

O campo de observação começou a ser ampliado quando os vivenciadores do lugar<sup>5</sup>manifestaram algum incômodo quanto às relações sociais entre os moradores e os municípios vizinhos. O relato de uma agente pública andreense e moradora do município vizinho, também em área de manancial - revelou certo estigma de *“ser alguém de um lugar distante”*:

*“Tem uma coisa que me incomoda - hoje acontece menos - mas quando a gente tem reunião com o pessoal da Prefeitura, no centro da cidade [e perguntam]: Como é que está lá pela ‘sua terra’? - as pessoas não falam por maldade, talvez, mas falam. Eu me sinto mal, apesar de ‘estar’ Paranapiacaba e não ‘ser’ Paranapiacaba. Embora eu goste de ‘estar’ Paranapiacaba, sou mais do que isso! Então tem um pouco de preconceito, às vezes mais claro, às vezes mais velado”.*

O relato sobre o sentimento de ser depreciado por causa da distância não é exclusivo dessa entrevistada, mas repetiu-se também entre outros agentes públicos que deram seus depoimentos. Com um sentimento de exílio em sua própria terra, a agente expressa o que está contido nas demais entrevistas: estar (trabalhar) em Paranapiacaba ou ser (morar) lá é compartilhar uma espécie de *“dor irmã”*, que aflora quando até colegas de trabalho o consideram um *“estrangeiro”*, mesmo que oficialmente pertençam à mesma cidade. A *estranheira*, segundo a entrevistada, denota uma predisposição reducionista e de caráter jocoso.

O mesmo sentimento se repete nos relatos dos moradores, afetando-os numa

5 - Conforme detalha o Capítulo 2, a pesquisa qualitativa definiu dois segmentos para a amostragem - moradores e agentes públicos (que trabalham na Vila diariamente). Ambos os segmentos serão tratados genericamente nesse texto como vivenciadores do lugar.

dimensão mais grave. Nas falas sobre o cotidiano da Vila, a condição de *estar longe de tudo* tem um sentimento profundo de *abandono* e a sensação de isolamento se torna ainda maior quando se sentem diminuídos pelo outro:

*“Acham que a gente mora em uma tribo, tem gente que chama a gente de índio (...). A questão de emprego é uma das mais difíceis, a gente está passando por essas dificuldades; se aqui tem alguma coisa é por causa dessas construções que estão fazendo aí [obras do PAC<sup>6</sup>], mas parece que o único serviço que tem é para peão (...). E eu não acho que precisava ser assim; um lugar que tem tudo para crescer... Aqui tem pessoas que tem bom currículo, que são estudadas, e poderiam crescer na vida, mas não conseguem pelo fato de morar aqui”*, relatou um morador jovem<sup>7</sup>.

O desgaste pela dificuldade de deslocamento resulta em situações como perda de oportunidades de emprego, desistência de tratamento médico, impasse entre deixar a Vila e fazer uma faculdade ou postergar os estudos.

Um integrante do grupo de moradores destacou o que vivem sobretudo os moradores recentes<sup>8</sup>:

*“... morar aqui é complicado para algumas pessoas. Desse grupo que estou falando, há também aqueles que vieram para cá, não porque amavam Paranapiacaba, mas porque era o último lugar da cidade que poderiam entrar, porque ‘estava abandonado e eu entrei’. Vieram pela necessidade de um teto para se cobrir e colocar o filho, mas ele olha para a mata, ele olha para a chuva, ele olha para a rua, ele olha para o aluguel, ele tem que trabalhar lá fora... só que muitas empresas lá fora, se falar que mora em Paranapiacaba, não dão emprego.”*

A distância física potencializa as dificuldades para aproveitar oportunidades e direitos, pois interferem diretamente nos planos e na organização pessoal. Isso acaba por aprofundar o sentimento de abandono dos moradores e até o desprezo por parte dos que “não são de Paranapiacaba”.

A situação atual da Vila obriga os moradores a buscarem o que precisam fora dela, o que não é fácil, dadas as condições de mobilidade – o transporte público é precário e a estrutura viária inadequada para circulação cotidiana.

6 - É como são chamadas as obras de restauração de imóveis na Parte Baixa da Vila. São intervenções realizadas sob a responsabilidade da Prefeitura (proponente), com recursos do governo federal por meio do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC).

7 - Morador jovem: Sempre que esta expressão for empregada neste texto, ela se referirá aos participantes do “minigrupo moradores jovens” (ver Capítulo 2).

8 - Os chamados “moradores recentes” são pessoas que mudaram para Paranapiacaba após a saída da RFFSA, a partir de 2000. É curioso que mesmo depois de quase vinte anos, essas famílias continuem sendo tratadas pelos outros moradores como recém-chegados. Talvez isso esteja associado a uma sensação generalizada de que por algum motivo o tempo tenha parou e existe certa dificuldade para absorver esse “novo grupo”. As pessoas classificadas como “moradores recentes” não participam da história pregressa da ferrovia e muitas delas não têm ligação com o turismo.

*"...daí o primeiro dia que eu fui estava marcada para 12h15 e eu tinha que chegar quinze minutos mais cedo, ou seja, ao meio dia. Por isso eu saí cedo de casa na intenção de pegar o "Santo André" [linha de ônibus] das 10h, mas não passou o das 10h, nem o das 11h. Só sei que eu cheguei lá quinze minutos atrasada. Daí eu fiquei sem graça e com medo de tomar bronca e falei: 'Pode suspender tudo, não vou conseguir fazer, porque eu moro longe'. Pois é, desempregada e agoniada por ter chegado atrasada e ainda ter que levar bronca do médico?"*, exemplificou uma moradora.

Acompanhando parte da rotina de alguns moradores, tem-se a impressão que sem o lastro do trabalho e com um projeto turístico tímido, Paranapiacaba nada mais é do que um pequeno núcleo urbano, apartado da mancha central da Cidade.

Os moradores sentem que física e subjetivamente a Vila está distante, o suficiente para receber menos atenção política dos órgãos competentes. Mesmo tombada pelos três níveis de governo e assumida pela gestão municipal, as entrevistas e grupos revelam a percepção de uma tutela insuficiente diante das carências decorrentes das transformações sociais sofridas.

Observa-se aqui um descompasso importante: espetacular por natureza e pelo tipo de implantação, hoje a Vila parece recolher-se numa dor comum aos lugares desfavorecidos, como que entregue às mazelas típicas de periferia. Para seus habitantes, e mesmo para os agentes públicos, a falta de estrutura da Vila "dói".

Apesar de ter recebido significativos investimentos da gestão municipal, a oferta de estrutura urbana atual é considerada incompleta ou, pelo menos, desproporcional:

*"Quando eu cheguei aqui tinha uma bela padaria, uma mercearia, farmácia, açougue; não precisava sair daqui. Depois com a saída dos ferroviários os comércios foram se arruinando e tudo acabou"* - lamentou uma moradora antiga.

A despeito de todos os esforços da Prefeitura, o que existe hoje contrasta com a situação do início do século XIX no auge do funcionamento da Vila, com a linha férrea em operação.

Era parte da estratégia da Companhia Inglesa administrar não somente a Vila e as moradias, mas também a circulação de bens, as atividades médicas, religiosas e recreativas, garantindo assim o exercício de "um governo local de fato" (PLENS, 2016:69). Além do que a Companhia oferecia, o comércio local permitia a aquisição de produtos de primeira necessidade, sem que os moradores tivessem que sair da Vila. Independentemente das muitas, e bem fundamentadas, críticas a esse tipo de gestão, os relatos dos mais velhos indicam certo saudosismo do tempo em que a Vila era "independente" e "bem servida".

Para os mais velhos, que viveram da época áurea do funcionamento da ferrovia, os

tempos atuais não são nem uma pálida sombra da vida que levavam.

A sensação de precariedade não se restringe a moradores ou funcionários públicos que trabalham na Vila diariamente, mas atinge também aos visitantes que ficam desapontados com a oferta dos serviços prestados<sup>9</sup>.

É verdade que quando a Prefeitura de Santo André assumiu a gestão da Vila no início dos anos 2000, ela constatou seu declínio e empenhou-se em recuperar sua dinâmica, aplicando outro modelo de gestão local: o conceito de *turismo sustentável*. Desse modo pretendia atender as demandas urbanas da população de forma compatível com os critérios de preservação do patrimônio. Para isso, foram implementados equipamentos públicos como posto de saúde, escola infantil e de ensino fundamental, biblioteca, além de programas de desenvolvimento comunitário voltados ao empreendedorismo e geração de renda. Atualmente a Prefeitura vem realizando obras<sup>10</sup> de restauro e reconstrução de exemplares (imóveis), vinculados às atividades ferroviárias, tipos residenciais da Vila Smith e equipamentos culturais.

Entretanto, os próprios agentes públicos entrevistados afirmaram que perduram fortes indícios de insatisfação por parte dos moradores:

*“Em Paranapiacaba há uma estrutura de gestão muito encorpada, considerando, por exemplo, que um lugar com menos de 1000 pessoas tenha os três níveis de escolas - creche, ensino infantil e fundamental - além de ter posto de saúde e moradia. Isso é muito mais que qualquer favela na área urbana da cidade pode ter. Não entendo por que eles [os moradores] acham isso tão insuficiente...”*

A evidente frustração no relato - quase como um... “não sabemos mais o que fazer para solucionar o problema” – repetiu-se em quase todas as entrevistas com agentes públicos locais. Eles manifestaram um sentimento de desgaste, já que as proposições parecem nunca atender as expectativas da comunidade.

- » **Por que os investimentos públicos não resolvem (mesmo que parcialmente) as queixas?**
- » **Por que mesmo com equipamentos destinados a eles, os moradores se sentem isolados e destrutados?**

9 - Essa queixa por parte dos visitantes está presente nos relatos de campo desenvolvidos por diversos pesquisadores que participaram da expedição etnográfica na Vila de Paranapiacaba (ver Capítulo 2). A recorrência do tema chamou a atenção da pesquisadora.

10 - Estas obras fazem parte de um projeto de revitalização das edificações na Vila (dentro dos limites de tombamento do IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), que em 2013 foi contemplado com recursos públicos federais no âmbito do Programa de Aceleração do Crescimento - Cidades Históricas (PAC-CH). O PAC-CH é um programa coordenado pelo IPHAN. Uma das justificativas do empreendimento é atender os critérios para candidatura da Vila à Patrimônio Mundial da UNESCO.

À primeira vista, as reivindicações por melhorias pareceram muito semelhantes às aquelas que ouvimos em regiões carentes de infraestrutura, porque mesmo tendo uma morfologia urbana distinta dessas localidades, a população de Paranapiacaba é considerada pobre, em sua maioria<sup>11</sup>. No entanto, prestando um pouco mais de atenção nota-se algo além da incômoda precariedade do transporte público ou da estrutura insuficiente oferecida. A sensação de desgaste entre os moradores “por estarem longe” revela também certo constrangimento por dependerem de uma cidade (Santo André) da qual não se sentem participantes. Assim é possível compreender que os aproximadamente trinta e cinco quilômetros até o centro são mais longos do que se supõe.

A distância vivida em relação aos polos mais desenvolvidos não corresponde à distância física e nisso é possível vislumbrar mais um nível de frustração: de que adianta estar potencialmente perto do que o mundo contemporâneo disponibiliza em termos de acesso, tecnologia, entre outros, se o que se sente é uma enorme distância *emocional*?

Desse modo, quando falam da dificuldade de acesso, não estariam eles também reclamando de uma possível falta de *conexão*? Talvez essa seja uma das pistas para compreender o sentimento de destrato e desprezo, apesar de todos os esforços do serviço público.

Por outro lado, estar longe de tudo não é inteiramente ruim; há lados compensadores. Apesar de dar a sensação de isolada, Paranapiacaba se oferece como *um refúgio* (com qualidade de vida) para aqueles que não tiveram muitas chances nos grandes centros urbanos.

Cabe aqui destacar a atuação do poder público para manter a Vila como um lugar mais “protegido”. Nesse aspecto, a aplicação de restrições legais com a finalidade de preservar seu conjunto de bens naturais e culturais, atrelada à distância da mancha urbana, pode ter contribuído significativamente para inibir as pressões urbanas daquela região. Alguns moradores<sup>12</sup> consideram positivas certas restrições, pois com elas o “governo” garantiria a preservação e segurança do lugar, evitando um afluxo maior pessoas, o que poderiam mudar sua dinâmica

A maioria dos relatos dos moradores revela uma sensação de “refúgio e privacidade” justamente por sua localização afastada dos centros.

*“No começo eu gostava de morar aqui, quando eu ficava sozinha e não tinha parente por perto... adorava! Minha casa fica perto da mata, eu posso colocar um som alto, o cachorro pode latir que não incomoda ninguém” – disse uma moradora antiga.*

11 - A renda per capita de Paranapiacaba é R\$ R\$ 1.014,63 (PSA, 2015:59)

12 - Esse posicionamento consta nos relatos de campo da expedição etnográfica e nos minigrupos.

Assim, para os moradores ouvidos pela pesquisa “*estar longe de tudo*” é refúgio, uma forma de se resguardar:

*“Gosto do lugar e não pretendo sair nunca, principalmente, porque onde eu moro, que é um ‘buraco’, como as pessoas falam, mas é maravilhoso!”* – declarou uma jovem moradora de um setor da Vila chamado Rabique.

É possível supor que mesmo com poucas oportunidades de inclusão social, como é o caso dos moradores do Rabique, o fato de residirem em um lugar onde desfrutam de privacidade, sossego e contato com a natureza seja percebido como vantagem em relação às pessoas que moram nas franjas das grandes cidades. A “vantagem” de estarem afastadas, inclusive do centro da Vila, permite que preservem a dinâmica público/privado e exposição/recolhimento, importante para a manutenção do bem-estar e do equilíbrio pessoal. Sobre isso outros jovens moradores do Setor descrevem:

*“Quando eu mudei para cá eu pensava: ‘Caramba, esse lugar é bonito, mas eu moro afastado de todo o mundo’. Mas hoje não; eu gosto muito de morar afastado, porque ao mesmo tempo em que você pode se enturmar com todo mundo, quando você não quer estar com ninguém, você pode ficar ali sozinho. Talvez eu seja um cara diferente, mas eu gosto de ficar sozinho. Tem horas que eu gosto de pensar no que eu vou fazer e pensar na minha vida, e aqui é o lugar. Acho que vim morar no lugar certo.”*

*“Eu também tive esse problema quando vim morar aqui, eu tinha seis anos de idade, eu achava ruim esse lugar por morar distante. Fiquei com esse pensamento até uns doze anos, mas depois, acho que a melhor escolha da minha mãe foi morar aqui.”* – completou a outra.

O grupo de jovens moradores pareceu ver como privilégio a possibilidade de se “refugiar” em Paranapiacaba e por isso descreveu um sentimento totalmente distinto do desgaste de percurso ou da sensação de isolamento, já comentados. Esse grupo relacionou o fato de “*estar longe*” a um sentimento muito próximo da *fruição da viagem*:

*“Muitos amigos que tenho lá em São Paulo me perguntam como é que eu consigo morar em um lugar como esse que é tão longe de atrações e eventos culturais, mas eu gosto dessa questão da viagem até determinado lugar (...) é bom saber que você mora longe da bagunça”.*

*“... eu gosto de abrir a janela da minha casa e contemplar o que tem aqui (...) e isso é muito diferente de São Paulo. Pelas fotografias que tiram do Centro, a gente vê as coisas de cima e de cima a gente vê beleza, mas o que tem em baixo? Em baixo tem outra realidade, mais concreto...”*



Fig. 22 - Vista para o Morro. Foto Israel Lopes, 2017.



Fig. 23 - Janela da minha casa. Foto: Israel Lopes, 2016.



Fig. 24 - "O que vejo da minha janela". Foto: Geovana Rocha, 2018.

O sentimento de refúgio também apareceu no grupo dos mais antigos:

*"Meus parentes moram tudo em Mauá, eu sempre vou visitar, mas quando eu termino de ver todo mundo eu já quero voltar para casa. Quando a gente está voltando que passa da Solvey, parece que o coração até se abre. Lá, parece que a gente fica sufocada, é muita agitação, muito carro, muito trânsito, aquele calor, um abafamento. Quando vai chegando aqui, a gente sente aquele ar puro... que delícia!"*

Observa-se aqui um ponto importante que é a recorrência de paradoxos quando tratam de descrever sua vivência e percepção sobre morar em Paranapiacaba. Os moradores parecem dizer que a distância até outros centros é ruim, por conta do sentimento de abandono e desconexão, mas paradoxalmente essa distância é boa, pois isso faz de Paranapiacaba o “meu lugar”, um lugar de abrigo e silêncio, um “ninho acolhedor”.

Esse sentimento de *refúgio e privacidade*, descrito pelos moradores, corresponde ao sentimento descrito por agentes públicos, que usam termos como *acolhimento e intimismo* para descrever sua relação com a Vila. Segundo eles, a vivência de certo acolhimento se intensificou à medida que tomavam mais contato com ela. Esses entrevistados comentam que passaram a infância em lugares com grande oferta de espaços abertos. A maioria deles trouxe dessa memória uma sensação de aconchego e intimidade. Os motivos que os levam a Paranapiacaba são distintos, mas quando refletem a respeito, muitas vezes afirmam sentir em Paranapiacaba um encontro ‘com o aconchego’ ou uma volta à infância:

*“Eu não sei dizer, mas quando eu chego à Vila, pela Parte de Baixo e vejo aquele gramadão, aquela locomotiva só o pó (principalmente, na época quando está florindo fica cheio de hortênsias) é a coisa mais linda! (...) É meio como me sentir em casa, de estar chegando num lugar que é a minha casa. (...) na hora que eu chego à Vila e olho ao redor, me sinto em casa.”*

*“Eu adoraria, se pudesse, fazer minhas vistorias de trem (ainda mais porque moro ao lado de uma estação de trem)! Tem uma coisa que me traz de volta aquela sensação intimista da infância: é muito gostoso chegar a uma Vila ferroviária de trem, não de carro.”*

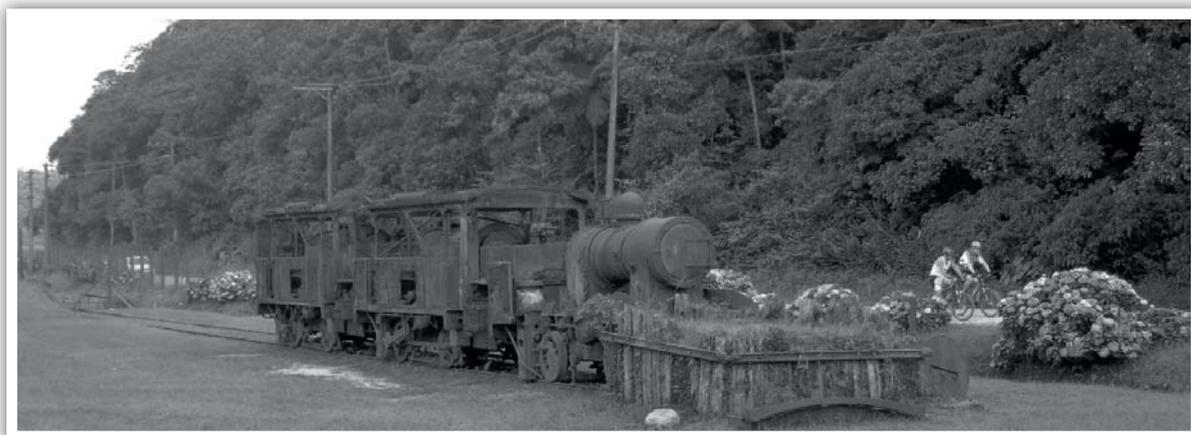


Fig. 25 – “Locobreque” na entrada da Vila pela Parte de Baixo. Foto: Denis Gianelli, 2015.

Mais uma vez, observa-se um paradoxo - postura que tende a ser tônica nos depoimentos na relação com a Vila – como se a todo o momento existisse a dupla “luz e sombra”.

Notam-se sentimentos contraditórios, tanto nos grupos dos mais velhos, quanto no grupo de jovens. A sensação de acolhimento, de *“sentir-se em casa”* se contrapõe ao

sentimento cotidiano de “*não ter casa*” ou de não conseguirem fazer da Vila seu próprio lar. De modo geral, esse sentimento de desterro tende a ser muito associado aos ressentimentos com a gestão local, por aplicar medidas legais de proteção que, do ponto de vista dos grupos, impedem que os moradores sintam que o lugar é, de fato, deles (tema que será aprofundado na seção 4). Portanto, Paranapiacaba permite à vivência, a presença de sossego e segurança (como *estar em casa*), mas também é um lugar onde “*nunca se está em casa*”, já que as casas não lhes pertencem.

Aos poucos, torna-se evidente que a Vila está longe de ser o que “os de fora” esperam que ela seja: um lugar exuberante, pacato e só... É verdade que uma das faces de Paranapiacaba é a pequena vila, tombada e protegida. No entanto, ao olhar de perto, ela é um lugar de múltiplas dimensões que pedem para ser reveladas.

A complexidade do lugar requer uma análise mais acurada.

A paisagem de Paranapiacaba deve ser compreendida em meio às múltiplas dimensões que a compõem, pois se paisagem implica *relação, conexão* ou, eventualmente, *disruptura* entre o humano e o lugar, ela abarca a complexidade da existência humana e a leitura crítica do mundo – matéria prima de planejamentos e gestões que procuram ser eficazes.

## 2 – UMA HISTÓRIA DE PESO:

Grande parte dos descompassos entre as expectativas do poder público e da comunidade ocorre pelo equívoco ao tratar a *localização da Vila* e sua *história* como aspectos desconectados. Os paradoxos comentados acima não se dão no vazio. Eles se dão dentro de uma história e essa história não é apenas um encadeamento de dados cronológicos que ficaram para trás.

A origem de Paranapiacaba como vivência temporal pulsa nos dias de hoje, o que exige que se entenda melhor como se desenvolveu essa história, capturando sentidos mais ou menos explícitos.

Por isso faremos uma releitura da constituição desse lugar, percorrendo por seus caminhos e deslocamentos. De onde vieram? Para onde estão indo?

A região de Paranapiacaba é riscada por caminhos e, por derivar das rotas de transporte de mercadorias, é produto de alianças cambiais em movimento.

Antes do século XVI a região foi marcada pelos trajetos que os indígenas faziam, ligando o interior com a orla do Oceano Atlântico. Esses grupos habitavam o planalto e durante

o inverno desciam para o litoral em busca de temperaturas amenas e alimentos como peixe e sal<sup>13</sup>.

Entre os caminhos que marcavam essa descida destaca-se a “Trilha dos Tupiniquins” ou “Caminho Velho” que, apesar da ausência de evidências arqueológicas e documentais, tem relevância histórica por ter sido o caminho *utilizado por Martim Afonso de Souza, em 1532 quando subiu pela primeira vez a Serra para visitar os campos de Piratininga, guiado por João Ramalho* (CARDOSO, 2016:02).

Outro trajeto relevante, o “Caminho do Padre José” ou “Caminho Novo” foi o primeiro caminho oficial português estruturado ainda no séc. XVI como tentativa de diminuir o isolamento que existia entre o litoral e o interior devido à declividade da Serra.

O Caminho do Padre José acompanhava as trilhas indígenas pré-existentes e era mais curto do que o primeiro – 6,5 quilômetros de São Vicente à Paranapiacaba - porém mais íngreme e perigoso. Esse percurso era feito a pé e as mercadorias eram transportadas nos ombros dos escravos, uma vez que os desníveis não podiam ser vencidos por animais.

Somente no século XVIII, quando o comércio do açúcar atingiu a escala de mercado internacional, houve investimentos em melhorias que garantissem mais fluidez no transporte entre o Planalto e o litoral. Isso e o desenvolvimento da atividade tropeirista<sup>14</sup> favoreceram a abertura de outros caminhos próximos<sup>15</sup> ao antigo Caminho do Padre José<sup>16</sup>, confluindo para o mar. (KLEEB, 2014:62).

Ainda nesse período, destaca-se a construção da Calçada do Lorena em 1772, um caminho pavimentado com pedras para melhorar o fluxo do açúcar e solucionar problemas decorrentes das condições naturais. Apesar de ser uma estrada tão estreita que não permitia a passagem de carroças, foi considerada um avanço, por favorecer a passagem de animais de carga de forma mais segura para o escoamento da produção e transporte de produtos manufaturados (idem: 62).

Em meados do século XVIII nasceu o ciclo econômico do café, chamando a atenção

13 - Diferente do que se imagina, as modificações do espaço natural da chamada América Pré-colombiana não ocorreram apenas após a chegada dos europeus. Destacando a ênfase que muitas pesquisas têm dado ao manejo cultural do ambiente durante as ocupações indígenas pré-históricas, PLENS (2016:33-4), faz referência à área onde hoje se localiza a Vila de Paranapiacaba, afirmando que processos semelhantes ocorreram na Mata Atlântica já na ocupação por grupos indígenas, antes da colonização europeia. Os grupos muitas vezes descritos nos relatos quincentistas como os principais habitantes da capitania de São Vicente eram os Tupiniquins, que utilizavam a Serra como fonte de recursos ao longo da Costa.

14 - A atividade tropeirista ocorria do interior de São Paulo, principalmente a partir de Sorocaba, e se irradiava para as regiões sudeste e centro-oeste da Colônia. Eram empresas organizadas com datas certas para partida e chegada, trajetos e tabelas de fretes fixados, compostas por entre vinte a cinquenta mulas (KLEEB, 2014).

15 - Assim como o Caminho do Pilar, a estrada do Oratório e a Calçada do Lorena - esta construída na última década do século XVII, a estrada era calçada de pedras e foi considerada um avanço para as condições de transporte.

16 - O “Caminho do Padre José” é hoje o chamado “Caminho do Mar”

do mercado internacional. Para se adequar a esse novo contexto foi necessário modernizar a política governamental de transportes, que até então não condizia com as demandas de exportação em larga escala. Assim sendo, uma das prioridades era facilitar o escoamento da produção de café, cultivado na região do Vale do Paraíba e transportado para o porto de Santos.

Símbolo de inovação tecnológica mundial do século XIX e especialidade das companhias inglesas, a estrada de ferro foi escolhida para solucionar os impasses no transporte do principal produto de exportação do país. Além disso, a ferrovia também veio para substituir por completo o sistema de transporte tropeiro, que naquele momento já não conseguia suprir as necessidades do mercado consumidor interno, com os costumes e necessidades peculiares dos núcleos urbanos que se formavam em consequência da economia cafeeira.

Foi assim que em 1856<sup>17</sup> o Marquês de Monte Alegre e o Barão Mauá receberam a autorização do governo para buscar no exterior a incorporação de uma empresa que construísse a estrada de ferro, posteriormente denominada “The San Paulo (Brazilian) Railway”, conhecida como SPR ou simplesmente a “Inglesa” e que começou a ser construída em 1860. (PASSARELLI, 1989)

Como bem diz o significado de Paranapiacaba, *Caminho que leva ao Mar*, a história inclui diferentes ciclos históricos da região que utilizaram passagens marcadas e decalcadas no chão. Essas marcas vão de aberturas de trilhas ao peso de uma estrada de ferro.

Assim é Paranapiacaba: *um lugar de passagem*.

No entanto, sua história pode ser também entendida a partir do signo da “*paragem*”, outra dimensão muito relevante entrelaçada à própria história da estrada de ferro.

É importante destacar que as transformações trazidas pelo empreendimento inglês não ocorreram apenas no local; ao contrário, deflagraram o *recomeço*<sup>18</sup> da história de

---

17 - Os interesses para a construção de uma estrada de ferro até Santos são bem antigos. Segundo PASSARELLI, os primeiros levantamentos para viabilizar a construção iniciaram em 1835, mas apenas em 1850 puderam contar com os esforços do barão de Mauá: “*Os esforços de Mauá para a construção de Santos-Jundiaí iniciaram-se quando lei geral do império concedia vantajosas condições de lucro aos investidores (Lei Cochrane de 1852). Em 1855, uma nova lei provincial estimulou, ainda mais, a realização do empreendimento e, no dia 26 de abril de 1856, o decreto imperial nº 1759 concedeu à recém-criada firma inglesa “São Paulo Railway Company Ltda” o privilégio de construção da estrada de ferro Santos Jundiaí e o prazo de 90 anos para sua exploração*”. (PASSARELLI, 1989:8)

18 - A expressão *recomeço* se refere às duas histórias de Santo André: a primeira, que começou em 1550 em algum ponto da atual região do ABC paulista, a partir de um povoado que foi constituído como a Vila de Santo André da Borda do Campo em 1553 pelo então governador Tomé de Souza, a pedido de João Ramalho. Apesar de ter sido constituída com força institucional semelhante aos municípios dos dias atuais, a unidade administrativa durou apenas sete anos quando foi totalmente transferida para a Aldeia de São Paulo de Piratininga em 1560. A Vila de Santo André da Borda do Campo é importante como referência do quinhentismo brasileiro, mas essa história se extinguiu quando ela se tornou um bairro de São Paulo. A história mais jovem de Santo André é outra. Como distrito Santo André nasceu em 1910, e a semelhança que guarda com primeira vila parece ser apenas o nome. Seu desenvolvimento está associado à implantação da SPR, com bases mais maduras que a primeira tentativa no que se refere ao poder político econômico e às modernizações - tanto na inovação como no planejamento. (CARDOSO, 2016)

Santo André – uma região que depois de trezentos anos de estagnação econômica passou a ter importância nacional devido ao afluxo de capital financeiro que proporcionava. Basta observar sua importância e sua sofisticação tecnológica para perceber o que a implantação da ferrovia significou para a expectativa de um futuro próspero, não somente para a região, mas para o país.

Dessa energia brota a Vila de Paranapiacaba.

Reconhecida como semente do ABC Paulista, foi uma importante conexão entre o litoral e o planalto e com isso obteve o seu prestígio, além de ter o charme de um lugar com boa estrutura num período em que vários núcleos urbanos ainda estavam em formação.

A Vila, que começou como um assentamento de trabalhadores da construção da ferrovia e posteriormente se consolidou para atender os operários de sua manutenção, partilhava da notoriedade da primeira linha férrea do Estado de São Paulo, trazendo a referência da modernidade para o modo de viver dos moradores.

Sua construção seguiu um modelo de implantação de residências operárias baseado em vários estudos e experimentações urbanas europeias ao longo do século XVII, quando alguns industriais começaram a planejar núcleos habitacionais para seus funcionários.

Essa iniciativa pressupunha que o investimento de recursos na melhoria das condições de vida dos trabalhadores refletiria diretamente no aumento de qualidade da produção. No Brasil, a implantação das vilas operárias previa habitação para trabalhadores; esse modelo foi implementado primeiramente na produção têxtil na Bahia e, posteriormente, nas companhias ferroviárias inglesas em São Paulo (PLENS, 2016:59-0).

A propósito, a arquitetura das vilas operárias diz muito sobre as relações de trabalho que nelas havia: desde a escolha da localização do empreendimento à organização dos espaços públicos e privados, a definição de materiais e métodos de construção, até as condições de uso, tudo seguia um projeto fortemente regido pelo *planejamento* e *controle*.

Sendo assim, a antiga Alto da Serra, foi pensada para ser uma vila ferroviária e ter no *planejamento* e *controle* suas características essenciais. Não por coincidência, a Vila tem como um símbolo um relógio<sup>19</sup> ao estilo inglês, como se por ele irradiasse seu projeto e razão de ser.

Eficiência e pontualidade, quesitos exigidos no trabalho ferroviário, parecem se entranhar na pele da cidade, projetando uma ideia de presente e futuro para ela, numa lógica em que *Chronos* dá as regras:

---

19 - 19 - Em Paranapiacaba há uma réplica do Big Ben de Londres, que se tornou símbolo da Vila. Erguido acima da torre da estação, era o marco referencial para a organização e o controle do tempo.

*“O relógio foi um elemento muito importante (...) pela função do controle e disciplina.(...) Os operários guiavam-se por ele para coordenar suas entradas e saídas do trabalho, as donas-de-casa (...) para o preparo do almoço e jantar, as crianças (...) para seus horários escolares, além de controlar a chegada e a saída dos trens. Em dias de neblinas muito forte, as pessoas se guiavam por suas batidas de sonoridade perfeita.” (CRUZ, 2007: 106).*

Aqui, observamos outro paradoxo: a Vila, formada sob a lógica da organização, está cercada por elementos que se contrapõem a essa organização. A paisagem do lugar, exuberante e “voluntariosa”, parece se contradizer e tensionar a lógica do controle, como veremos adiante.

Entretanto a preocupação com o planejamento e controle por parte da empresa se justifica, na argumentação de PLENS (2016), devido à possibilidade de “empoderamento” da classe operária que com o sistema de trabalho assalariado passou a ter cada vez mais acesso aos benefícios outrora inexistentes no sistema escravocrata: mais do que receber salários, podiam consumir produtos semelhantes aos das classes mais abastadas, além de terem a possibilidade de ascensão social.

O controle exercido sobre o indivíduo em muitos casos se refletiu na ordenação do território, usado como uma espécie de plataforma em que as regras, cada vez mais rígidas na imposição de certa ordem e etiqueta, resultassem mais sutis:

*“Desde meados do século XVII, a arquitetura vinha sendo planejada para servir às classes operárias, mas foi a partir do século XIX que passou a servir como um vetor para a naturalização das mensagens codificadas para que a população não se sentisse de fato vigiada, porém, cercada de cuidados de um supervisor que, atento a tudo e a todos, teria o poder de oferecer as mesmas oportunidades sociais a toda a comunidade, cabendo ao trabalhador alcançar o status desejado (...) a Vila de Paranapiacaba, se adequava ao conceito europeu, do século XIX, de vilas operárias, porque teve como princípio atuar como estratégia de manobra, no qual os subordinados se veem controlados, porém não coibidos.” (PLENS, 2016:94)*

Talvez o controle sem coibição explícita seja uma das razões pelas quais a memória da *Vila Inglesa* se mantém como registro afetivo positivo e presente nas narrativas de parte dos vivenciadores, apesar das aflições. Mesmo quando relatam as dificuldades sofridas naquele tempo, tendem a amenizar a responsabilidade da empresa inglesa, como se lhes restasse um sentimento de gratidão pelas benesses que ela proporcionou.

*“Desde que viemos para cá, tirando os percalços de ter que sair para comprar coisas fora, não tem muita coisa pra falar da Vila. Na Parte de Baixo era mais ‘o trabalho’; eu conhecia mais o meu colega de serviço do que propriamente as coisas de dentro casa. A quantidade de horas que a gente trabalhava era muito grande” – descreve um morador antigo.*

Poucos moradores pesquisados assumiram que “a Vila não era um lugar fácil de viver” e na maioria das vezes isso é atribuído a fatores como a difícil adaptação das pessoas à “dureza” do lugar:

*“Apesar de a Ferrovia ter sido aquela ‘mãezona’, que dava casa, estudo, passagem, férias... era um trabalho árduo, era uma vida difícil aqui, era muito difícil trabalhar por conta do tempo. As pessoas ficavam com a metade do corpo muito quente e a outra exposta a todas as intempéries. Também houve muitos acidentes... então teve muita dor, teve uma pessoa que morou aqui e me falou que viu muitos órfãos e muitas viúvas, muito choro e muita dor, por conta dessas coisas todas. “*

Há quem diga que para compensar as pesadas jornadas de trabalho, os ingleses foram bem-sucedidos ao oferecer facilidades que tornassem o lugar moderno para a época e também autossuficiente:

*“Tem a nostalgia de uma Paranapiacaba muito bem blindada e de uma tecnologia muito avançada (...). Há uma nostalgia que se alimenta da situação da Vila como uma caixinha, onde não era preciso sair para nada. Lá tinha a escola, o trabalho, o cinema...Tinha o Clube Lira, as atividades de lazer qualificadas (por exemplo, tinha uma banda de jazz, isso antes da década de 1950, que já aparecia composta por homens e mulheres!). Tinha o esporte, um campo de futebol – que enquanto campo com medidas oficiais, foi o primeiro do Brasil. Tinha o carnaval (...). Os ingleses tinham a noção que o trabalho era pesado e eram cuidadosos com a contraposição (na válvula de escape) para garantir o imaginário de um lugar ‘muito bom’ para manter a paz” – explicou um agente público*

Essa “nostalgia a que se refere o funcionário entrevistado, envolve a memória de um lugar intrigante: a Vila era autônoma, com infraestrutura moderna, opções de lazer semelhantes às de cidades maiores<sup>20</sup>, mesmo estando incrustada na mata nativa. Desde o início, “floresta densa e clareira antropizada” encontram-se lado a lado, fazendo de Paranapiacaba uma “pequena joia” em meio à “natureza selvagem”.

A história de Paranapiacaba contada por seus vivenciadores ressalta a *Vila Inglesa* como a memória mais marcante em detrimento, por exemplo, de sua trajetória como *Vila do*

20 - Apesar da peculiaridade de Paranapiacaba, marcada pela pujança natural da Mata Atlântica, CRUZ (2007) exemplifica a comparação com outras cidades industriais da Inglaterra de meados do século XIX. Era um núcleo isolado, mas não desconectado de algum grande centro urbano - que naquele contexto era Santos e São Paulo, mas, fazer a Vila “funcionar” o suficiente para garantir a permanência das pessoas ali era uma estratégia fundamental: “Esse isolamento era imposto pelos ingleses era expresso numa grande diversidade de serviços voltados para a cidade. Quando o novo núcleo urbano, a Vila Martin Smith, foi projetada, já contava com toda a infraestrutura de água e esgoto, sistema de combate a incêndios, além de novas moradias para os ferroviários. Outros equipamentos urbanos foram instalados, como mercado, escola, clube, sala de projeção, campo de futebol, quadra de tênis e playground” (CRUZ, 2007: 93-94).

*Trabalho*<sup>21</sup>. Nas entrevistas nota-se afeto e talvez reverência em relação ao que é estrangeiro: “Era como se fosse um pedacinho da Europa na América Latina”<sup>22</sup>. O relato da agente pública deixa transparecer uma Paranapiacaba peculiar, que exala uma atmosfera bem distinta do colorido tropical que nos identifica como país.

*“Acho que a própria arquitetura me remete a isso, a questão do pátio ferroviário, aquele visual ali é diferente de tudo, me remete um pouco a algum lugar da Europa... É como estivesse na Inglaterra. Não tem um lugar em São Paulo parecido com Paranapiacaba (...). Não sei te explicar, tem algo lá que eu gosto muito. Eu gosto do clima que é meio friozinho, tem um “lance” de Londres (...). Eu já morei em Londres, então me remete a muita coisa... eu sinto um amor por aquele lugar que não sei explicar de onde vem. Paranapiacaba foi colonizada pelos ingleses e tem até uma réplica do Big Ben (o relógio) e o clima é bem parecido, o friozinho, aquela neblina, assim... é muito parecido!”*

Muitos entrevistados se referiram à Vila como *um lugar especial*, cuja origem e história a distingue de qualquer outro. Os relatos indicam um sentimento de orgulho ao discorrerem sobre a história pregressa da Vila:

*“Eu morei na Serra, no segundo patamar. Era um lugar isolado, no meio do mato... ficava ao lado da linha de trem e o resto era mato... Mas, diga-se de passagem, as casas eram um brinco! **Cada patamar competia com o outro para mostrar qual patamar seria mais bonito.** Devem de ter foto da frente das casas, bem arrumadas e cheias de flores, os moradores limpavam os cantos dos trilhos que era cheio de graxa.”*

É possível supor que a vida num lugar autossuficiente e com acesso à tecnologia de ponta da época tenha conformado os arranjos sociais de maneira diferente do *modus vivendi* da região. O fato de seus moradores (operários ou comerciantes) se considerarem integrantes de um empreendimento de sucesso pode ter favorecido essa “distinção”, revelada nas feições do lugar e também no estilo de vida<sup>23</sup>.

21 - A memória relativa à *Vila do Trabalho* considera não apenas a oferta de trabalho operário, mas também o trabalho escravo, certamente utilizado na região onde se formou a Vila. Sob esse aspecto, apenas um entrevistado qualificou a Vila como a *Vila do Trabalho* e explicou que, apesar de não haver registro de que os ingleses tenham feito uso de mão-de-obra escrava, havia registros que confirmam terem empregado serviços de senhores de escravos, por ser uma prática comum no país durante o período escravocrata. O fato da memória *Vila do Trabalho* não se sobrepor a da Vila Inglesa foi uma das primeiras surpresas trazidas pelo campo. É possível que no início do processo a pesquisadora estivesse influenciada por análises históricas que consideram a “exploração colonizadora” como causa de grande sofrimento. A pressuposição (teórica) da pesquisadora pôde, então, ser confrontada com a verdade que se vive no lugar.

22 - Pedacinho da Europa na América Latina: esse argumento é bastante sustentado em documentário “PARANAPIACABA” A Inglaterra perdida nos trópicos - disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=E83lwATuNTw>. Acesso: 27-fev-2018

23 - Esse estilo de vida, mais focado “no ideário” da burguesia industrial inglesa, distinguia-se da dinâmica de vida rural em outras partes do ABC. A respeito das relações sociais, PLENS afirma que através das suas atividades sociais a Vila foi sendo adaptada gradativamente, ao sistema urbano. Esse processo ocorreu no início do século XX, no mesmo período em que “as regras e convenções sobre os costumes e etiquetas passaram a se popularizar no Brasil. A classe dirigente e sólida eram os modelos de comportamento das camadas populares, que tentavam reproduzir tais regras na força de trabalho e no tempo livre que dispunham” (PLENS, 2016:66).

Quem sabe isso tenha dificultado a identificação de seus moradores com os da área central de Santo André, por exemplo. Talvez o fato de se sentirem e serem vistos como diferentes tenha contribuído para um tipo de isolamento, tornando a Vila mais reservada, mais voltada para si, o que naquele primeiro momento assumia contornos positivos de *excepcionalidade*.



Fig. 26 - Casas dos operários na Serra, 1912  
– hoje demolidas. Acervo: MSAOAG.



Fig. 27 - Trabalhadores da estrada de ferro e casas ao fundo. Acervo: MSAOAG.

Quando a concessão de uso da SPR se encerrou em 1946, o patrimônio foi transferido para a União e passou a ser administrado pela REDE, isso teve grande impacto na Vila. Esse fato rompe o “invólucro protetor” sem, contudo, permitir que Paranapiacaba se reconectasse aos centros urbanos mais próximos. Ao contrário, a identificação com a *estranheza* perdura ali até os dias de hoje.

Mesmo sendo muito moderna, a Rede Ferroviária perdeu espaço no cenário nacional por causa da ascensão da política de mobilidade rodoviária. O esgotamento econômico do modal ferroviário levou à extinção da Empresa, processo que acentuou o isolamento da Vila<sup>24</sup>.

No decorrer do tempo, aquilo que um dia fora considerado único, particular, foi se tornando *decadente*<sup>25</sup>. O que a distinguiu em sua origem, a ponto de separar-se do

24 - “Dando continuidade à política de construir estradas iniciadas por Washington Luiz na década de 1930, Juscelino Kubitschek abriu as portas do país às multinacionais automobilísticas na década de 1950, começando assim um longo processo de sucateamento da malha ferroviária, com desativação de trechos considerados ‘poucos lucrativos’, degradação do material rodante e precarização dos serviços oferecidos aos passageiros. Este inclui a degradação da ferrovia Santos-Jundiaí, onde as manutenções de vários trechos deixaram de ocorrer com a mesma frequência, vagões da antiga SPR foram abandonados a céu aberto em terrenos da vila de Paranapiacaba, a decadência da malha ferroviária foi sentida violentamente pela vila ferroviária”. (ALAMINO, 2011:4)

25 - Essa *decadência* não foi diferente do destino sofrido por várias outras vilas operárias depois de perderem seu poder de atração - o trabalho: “Os operários que se concentravam para um trabalho logo após se dispersavam, em busca de outros trabalhos, desencadeando grandes migrações de operários. Com isso, ergueram-se e abandonaram-se cidades, muitas vezes dizimando populações nativas, em todo o continente”. (PLENS, 2016: 61).

entorno, transformou-se em esfacelamento de sua estrutura física, indicando que desta vez, o “isolamento” era consequência do abandono.

*“Teve um momento, entre 1997-1999, que a Rede Ferroviária ofereceu um incentivo para quem queria se aposentar e ir embora da Vila, chamado PID. Daí a Vila se esvaziou e foi ficando como se fosse abandonada” – relatou uma moradora antiga.*

Com o passar do tempo, a Vila foi minguando<sup>26</sup>. Mas a análise desse processo de encolhimento exige que se examinem outros aspectos além do sistema de transporte. Antes de tudo é preciso compreender que a saída da REDE feriu o modo de constituição da Vila e, com isso, interferiu nos propósitos que lhe deram sentido ao nascedouro.

Desde o início da sua construção, Paranapiacaba tinha um propósito, que foi golpeado pela saída da REDE<sup>27</sup>, atingindo muitas dimensões do cotidiano. Um antigo morador, também ferroviário aposentado, descreveu as relações sociais e uso dos equipamentos públicos no período em que a Vila estava associada à ferrovia

*“Eu acho que Paranapiacaba tem um valor histórico incrível, mais do que andar no mato. Tinha uma ferroviária, que hoje nós não temos. Mas ao contrário disso, nós sentamos em todo começo do ano só para falar de festival. A gente não senta para falar do trem, para falar em arrumar a estação, para falar de arrumar o relógio, não vamos falar do campo que está caindo aos pedaços (...), É uma pena que ninguém consegue ver que o Lyra deveria funcionar como funcionava antes, a gente deveria poder jogar naquelas duas mesas de sinuca, como antigamente (...). Quando a gente se reunia para jogar baralho no Lyra, o espaço era destinado aos funcionários da REDE. Para os funcionários! Todos os ferroviários eram sócios do Lyra. (...) Eu não sei bem o que os outros moradores fazem, acho que nem sabem mais jogar sinuca e nem truco. Mas o ideal seria ter essas atividades que nós tínhamos. Não era uma atividade constante, devido ao sistema de horário do trabalho que havia, mas mesmo assim, a gente tinha como se reunir” - descreveu um morador antigo.*

O que veio a seguir trouxe consequências profundas como, por exemplo, a chegada de um grande número de pessoas “de fora”, não enraizadas na comunidade. *Fora* do que inicialmente havia sido planejado para o lugar.

---

26 - Apenas para dar uma dimensão das transformações da Vila, podemos comparar as situações em termos de densidade demográfica entre o período inicial e o atual. Desde a sua construção, a Vila sempre fora habitada por trabalhadores da ferrovia e suas famílias. No início, eram em torno de 5000 pessoas e, posteriormente mais 2000 foram contratadas para a manutenção da ferrovia (PLENS, 2016:62). Sabendo que atualmente a população paranapiacabense é composta por menos de 1000 pessoas e que a maioria não tem ligação de trabalho ativo com a ferrovia (SANTO ANDRÉ, 2014), chega a ser difícil imaginar sua efervescência no século XIX.

27 - Boa parte dos moradores associa o início do abandono da Vila ao final da concessão inglesa da ferrovia em 1946, e o golpe final à saída da RFFSA. Esta, seguindo a diretriz nacional de abandonar o modelo ferroviário de transporte em favor do transporte rodoviário, dava mostras claras de falta de interesse em administrar qualquer outra coisa além do escopo mínimo de uma gestão sucateada, dedicando sua atenção apenas à estrutura do pátio ferroviário, ou seja, a Vila e seus moradores ficaram abruptamente desassistidos. À este período se atribui a aguda dilapidação de edifícios, demissões compulsórias em massa etc. (PASSARELLI, 1989; MORETTO NETO, 2005; ALAMINO, 2011)

É como se Paranapiacaba sofresse um fenômeno de gentrificação às avessas, pois à medida que perdia importância para a vida econômica do país, parte significativa da população deixava o local em busca de outras oportunidades e o lugar, agora depreciado, passou a ser a alternativa para novos moradores mais desfavorecidos e por isso, “expulsos da cidade grande”.

Vários relatos atribuem o abandono e o aumento da exclusão social que perdura até hoje à demissão em massa de funcionários pela REDE e às “invasões” ocorridas ao final dos anos 1990: *“Paranapiacaba ficou abandonada no tempo da REDE e depois empobreceu muito com a ruptura dela”*, relatou um antigo morador.

Nos relatos observa-se uma certa hostilidade em relação ao que os moradores identificam como *“estrangeiro”* ou aparentemente imposto. Apesar de saberem que a Vila foi constituída por forasteiros - ingleses, operários imigrantes e migrantes – os antigos moradores veem quem chegou após a extinção da REDE como *“invasores”*. Eles até hoje são chamados de *“morador recente”*, ainda que o processo tenha ocorrido há quase vinte anos.

Curiosamente, foi num período de administração pública (REDE) que ocorreu o declínio da Vila. Poderíamos supor que a entrada de uma gestão pública, menos *“forasteira”* que a empresa inglesa, conseguisse fazer uma gestão mais focada nos interesses públicos de seus cidadãos. Entretanto, não é assim que os entrevistados avaliam a situação.

Ao falar sobre o final do período da administração da REDE, que considera ser o ápice do abandono, um agente público e morador da área urbana de Santo André comenta a estigmatização sofrida pela Vila:

*“... antes da minha primeira vinda, que foi no Festival de Inverno, Paranapiacaba era um lugar que sempre me apresentaram como ‘ah, não vai pra lá não, só tem mochileiro!’. Então depois que fui para Paranapiacaba eu adorei, mas ainda não tinha o sentimento de pertencimento que hoje tenho hoje (...). Acho que isso me marcou mais: saber que eu fiquei 30 anos sem ligar a importância de Paranapiacaba com a minha vida.”*

Outro entrevistado, morador da Vila há menos de dez anos, comenta sua má impressão decorrente do abandono do lugar:

*“... aí eu não quis vir conhecer aqui [na década de 1990], porque os meninos saíam daqui debaixo de tiro. Antes era uma selvageria dentro do mato. Era muito lixo, dentro da mata. Tinha muita molecada, tiros, paramilitares. Era uma bagunça!”*

As citações referem-se ao período da transição entre a REDE e a Prefeitura, e tudo indica que do ponto de vista dos antigos moradores a sensação de segurança era maior até a administração da REDE, já que aquela administração conhecia bem os moradores e controlava a entrada e saída das pessoas:

*“Naquela época, na década de 1980, tinha a revista, porque os turistas gostavam de entrar no mato, depois eles podiam fazer a trilha. Então depois de um determinado horário, não ficava ninguém na Vila que não fossem os moradores ferroviários. Isso na Parte Baixa.”*

Apesar de tanto controle, a tendência foi de degradação e abandono. A REDE realizou várias intervenções sob o pretexto de modernizar a ferrovia. Mas a manutenção da qualidade da Vila parece não ter sido priorizada. Ao contrário, as obras de manutenção dilapidaram símbolos importantes, desfigurando a conformação do lugar.

Essa situação chamou a atenção de grupos sociais que se organizaram num movimento denominado “Pró-Paranapiacaba”, encampando um longo processo de luta pela preservação da memória da Vila. O grave incêndio da estação Ferroviária na década de 1980 esquentou as discussões que resultaram no pedido de tombamento junto ao CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo). Assim, a Vila passou a ter reconhecimento oficial como Patrimônio Cultural e Natural com seu primeiro tombamento, em 1987.

Essa situação chamou a atenção de grupos sociais que se organizaram num movimento denominado “Pró-Paranapiacaba”, encampando um longo processo de luta pela preservação da memória da Vila. O grave incêndio da estação Ferroviária na década de 1980 esquentou as discussões que resultaram no pedido de tombamento junto ao CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo). Assim, a Vila passou a ter reconhecimento oficial como Patrimônio Cultural e Natural com seu primeiro tombamento, em 1987.

O conjunto de valores que engloba a exuberância dos fenômenos naturais e a singularidade cultural e tecnológica foi considerado determinante para a excepcionalidade de Paranapiacaba. E *excepcionalidade* é atributo de grande valia para a área do Patrimônio.

Seguindo essa lógica, outros tombamentos vieram: na esfera federal, em 2002 pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional); e por fim, em 2003 na esfera municipal, pelo Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arquitetônico-Urbanístico e Paisagístico de Santo André (COMDEPHAAPHASA) considerando, dessa vez, o valor de seu conjunto paisagístico<sup>28</sup>.

Entretanto, o foco da preservação foi a integridade das edificações, mas ainda que

28 - O reconhecimento da excepcionalidade da Vila não se restringe à escala nacional. Assim como no momento de sua implantação, o cenário paisagístico e arquitetônico de Paranapiacaba teve repercussão em órgãos internacionais voltados à proteção cultural. Por isso entre 2003 e 2007 o WMF (World Monuments Fund) a classificou como um dos cem patrimônios mais importantes do mundo em risco. Além disso, em 2008 ela se tornou o primeiro patrimônio industrial ferroviário brasileiro a compor a Lista Indicativa (do IPHAN) para o título de Patrimônio da Humanidade da UNESCO (United Nations Organization for Education, Science and Culture).

os processos de tombamento terem contribuído em certa medida para frear a degradação física do patrimônio, eles não conseguiram atingir sua meta como instrumento de preservação. Nesse contexto, preservação corresponde à definição de KONIYOSHI<sup>29</sup>:

*“Preservação significa ter um bem cultural integrado na vida da população. Eu percebo que se pensa em preservar e pede-se o tombamento exatamente quando esse vínculo deixa de existir, ou está começando a enfraquecer. É uma tristeza ter que trabalhar com algo que está perdendo o sentido para a vida atual. E, no entanto, ele é carregado de referências à cultura, à memória, à história, não só de quem vive lá, mas de vários grupos e setores da sociedade”. (KUNIYOSHI apud CUNHA, 2001 – grifo nosso).*

Isto significa que a ideia de preservação de bens é resultado da necessidade de resgatar vínculos temporais que ligam o passado à vida atual. Assim, o tombamento pode servir para mediar aspectos e situações que levam em conta, em igual medida, a memória e a dinâmica cotidiana no presente, auxiliando o processo de integração do bem na vida da população. Essa mediação pressupõe vitalidade, movimentos contínuos e cuidadosos para capturar na linha do tempo aquilo que continua tendo sentido no presente.

Ao contrário disso, em Paranapiacaba a condição de bem tombado acabou por reforçar o processo de estagnação em curso, conferindo ao lugar características próprias. Segundo os relatos (e também observações da pesquisadora), a resistência aos esforços da Prefeitura gera impasses. A história de perdas da Vila e as dificuldades de integração entre segmentos de moradores contribuem para que a inércia tome conta e mine as iniciativas e propostas. Por outro lado, pesa na população um sentimento desagradável de nunca conseguir corresponder às expectativas, especialmente dos organismos de preservação, que tendem a ver no lugar apenas um cenário exuberante que precisa ser mantido a qualquer custo.

Nota-se ali o peso de um passado que se foi; o peso de um prestígio que se perdeu.

Sem dúvida, é um peso que incomoda e que pode ser percebido nos discursos de quem tem alguma ligação com o lugar. Além dos entrevistados, agentes públicos e profissionais do turismo contatados ao longo do processo de pesquisa, demonstram a necessidade um tanto melancólica de enaltecer a grandeza de Paranapiacaba que, por sinal, destoa do que está diante dos olhos: quando falam da Vila no auge do seu funcionamento citam a réplica do Big Ben, porém o que se vê é um relógio quebrado; quando falam da modernização que a ferrovia trouxe apontam para a única locomotiva que resta e que se encontra parada e enferrujada. O que se vê lembra ruína e deterioração!

Sobre esse aspecto segue o relato de uma visitante que já conhecia a Vila:

<sup>29</sup> - Celina Kuniyoshi, historiadora atuante na área de museologia, história e patrimônio cultural, participou da elaboração do relatório de tombamento da Vila de Paranapiacaba pelo CONDEPHAAT.

*“Eu flagrei em mim um desejo de que as pessoas que estavam ali pela primeira vez olhassem ‘aquilo’ [locomotiva] e vissem o que está além daquilo, quer dizer, não só a ruína. Quando a gente chegou lá no Locobreque e vimos aquilo ali me dei conta que eram apenas restos. Mas meu desejo era que as pessoas olhassem para aquilo lá e vissem uma grandiosidade que, infelizmente, não está lá. Só está na cabeça da gente, mas não está lá. Aquilo foi doloroso para mim, olhar aquilo e só ver restos. Talvez isso aconteça porque a gente sinte pena de ver que só colocaram duas possibilidades polarizadas para a Vila: ou enaltece demais ou joga fora.”*

Tudo leva a crer que os moradores, especialmente os mais antigos, querem lembrar de si (e ser lembrados) como parte de um passado glorioso.

A memória e a necessidade de glorificar o período áureo de Paranapiacaba devem ser analisadas com cuidado para que não se corra o risco de construir de maneira extrínseca uma identidade atrelada à Vila operária como contraponto à identidade” de Vila Inglesa. É certo que Paranapiacaba não é a *Vila Inglesa* fantasiada por alguns, mas é preciso refletir sobre os custos de arrancar a “capa de glória” que ajuda os moradores a manter um pouco de autoestima, expurgando a imagem de *Vila Inglesa* em nome da faceta de *Vila operária*.

Na verdade, hoje em dia a Vila não é mais uma coisa ou outra. Atualmente é uma mistura dessas *temporalidades*<sup>30</sup>. Se por um lado ela carrega marcas de sofrimento e degradação deixadas por esses tempos, por outro, suas lembranças lhe dão certo amparo.

No presente os moradores padecem com a percepção de inconsistência de projetos e perspectivas e pouca coisa no lugar guarda relação ativa com passado que se foi. No presente, Paranapiacaba é a sombra do seu passado.

Esse esvaziamento do tempo presente fica claro na dificuldade (ou resistência) recorrente do grupo de antigos moradores em falar sobre a Vila hoje. Quando convidados a falar sobre esse tema, em vez de falarem sobre o presente, voltavam ao passado, contando histórias dos tempos da ferrovia. É como se quisessem dizer: *“Pode não parecer, mas eu já fui importante; isso que você está vendo aqui já teve muito valor!”*.

Para eles o presente é desgastante, devido às difíceis condições da Vila, e além disso, por ter menos valor. Quem sabe por isso no lugar da dura realidade alimentam uma espécie de “sombra” do passado, que representa subjetivamente o que o lugar foi um dia. No entanto, apesar de fazer parte do que a Vila é hoje, essa sombra não é capaz de abarcar tudo

---

30 - O termo *temporalidade* acolhe a acepção de Assunto (2011), que se refere à extensão, à inclusão, ao prolongamento do passado no presente, e ao presente como antecipação do futuro; neste sentido, *temporalidade* é um contraponto à acepção de *temporaneidade*, outra noção de tempo que possui um caráter de simultaneidade e quantidade, típico do espaço industrializado, de produção e consumo. Segundo o autor, a paisagem está revestida de *temporalidades* infinitas que se fazem presentes nas relações estéticas com a natureza e cidade, contrapondo-se à limitação temporânea, sugerindo a consciência de um tempo absoluto.

o que acontece no presente e que, por ser sofrido, não é muito comentado. Cria-se assim uma ambiência “fantasmagórica”, como uma alma sem corpo.

A situação tende a se agravar quando o poder público, cheio de ótimas intenções, inicia os processos de tombamento, mas não consegue resgatar o vínculo das pessoas com os bens tombados, o que significa dizer que boa parte dos moradores não vê, necessariamente, sentido nas decisões de tombamento deste ou daquele bem. Sob esse ponto de vista é preciso considerar que ao priorizar apenas a valorização de bens patrimoniais, corre-se o sério risco de reforçar o sentimento dos moradores de estarem em meio a “uma estrutura sem alma”, como se fizessem parte de um cenário que não corresponde à realidade vivida.

É possível supor que do ponto de vista do poder público seja fundamental que a Vila apareça sempre em seu esplendor e exuberância. No entanto, ela não é apenas isso. Entretecida na paisagem maravilhosa, há uma paisagem (ou seja, uma relação com o lugar) corriqueira, cotidiana e, portanto, *banal* - talvez muito semelhante às relações que se dariam num bairro comum.

Seria lícito admitir que as expectativas em relação à Vila superam suas possibilidades? Afinal, não é cabível esperar que ela se comporte como *Vila operária*, se no presente nada restou dessa estrutura; menos plausível ainda é esperar que ela continue se apresentando como a “joia da coroa inglesa” - coisa que, aliás, nunca foi.

Ao invés de valorizar tanto o que se perdeu não seria mais oportuno perceber o que ainda permanece?

A expectativa desproporcional, formada em parte pela gestão do patrimônio, alia-se à expectativa gerada nos moradores que se veem como parte responsável pela preservação de um patrimônio cultural, sem ter clara noção do que isso quer dizer. Sem dúvida, o impacto do contexto nos moradores de Paranapiacaba não é pequeno!

Expectativas geradas pela gestão pública, mas não consumadas na prática, alimentam um efeito nocivo, composto pelo jogo pouco consciente, que alimenta a esperança de que projetos de melhorias se concretizem, quando no final não saem do papel. Assim a população oscila entre a expectativa de que o lugar volte a ser importante e reverenciado (por eles mesmos, inclusive) e a frustração de ver que, apesar do grande potencial, o abandono cresce e pode tornar o lugar inviável.

Em meio a esse panorama, a paisagem também sofre - o lugar parece estar assentado em bases pouco sólidas (ou pelo menos pouco evidentes), o que pode inibir as possibilidades de senti-lo como *pays*, no sentido de “meu lugar”, por exemplo.

O que se pode fazer com a ferida aberta por um propósito que se perdeu? Como

isso pode ser cicatrizado e, quem sabe, assumido?

A questão se relaciona com a constatação de que a Vila vive diferentes *temporalidades*. Considerando sua antiga razão de ser e o importante papel que assumiu, seus marcos são o movimento e a velocidade e sua referência é seu modelo de urbanidade. Lá era possível sonhar com a ascensão econômica da classe trabalhadora e, conseqüentemente, ter acesso a benefícios diferenciados dos trabalhadores “de fora”.

Portanto, o que se perdeu não foi pouco - o propósito, a razão de ser do lugar se esvaiu, deixando nos dias de hoje uma sensação desagradável de compasso de espera, o que potencializa a dor da perda e absorve a Vila numa espécie de congelamento no tempo, de certa forma reiterado no argumento do tombamento. Hoje, sem saber o que é e para onde vai, a Vila se perde em indefinições. É por causa desse presente esvaziado que enxergam o futuro como algo incerto e impossível de planejar.

As projeções quanto ao futuro da Vila foram tema de todas as entrevistas e grupos realizados e foi possível observar diferentes pontos de vista entre agentes e moradores: a maioria dos agentes entrevistados atrelou o futuro da Vila às obras do PAC-CH e foram unânimes em valorizar a decisão pela candidatura que, segundo eles, dará visibilidade para a Vila. Há quem aposte que o apelo ao belo que acompanha a revitalização dos prédios seja um incentivo à melhoria da autoestima e importante contribuição para superar a apatia no lugar. Entretanto, apesar de reconhecerem a importância dessa iniciativa, os entrevistados lembram as limitações do escopo do projeto:

*“Eu acho que é uma oportunidade, porque se não tivessem fazendo isso, não se estaria dando importância, nada estaria funcionando e aí a Vila estaria voltando para aquela situação antes dos anos 2000, que eu acho que foi a pior época da Vila. (...) Mas eu acho que não adianta a gente fazer as coisas por fora se não fizer por dentro (...). E a consciência daquela população, quem trabalha para cuidar daquilo? Ninguém está trabalhando. Estão querendo maquiagem por fora para ficar bonito de se ver na foto, mas e daí? (...) É, não adianta nada. Vai ficar bonito de se ver, fica bonito na foto, mas a gente que mora lá, ou que vive lá, sabe que, por dentro, tá tudo mofado” - opinou uma agente pública.”*

A preocupação com sucesso do investimento também se reflete no relato de agentes diretamente envolvidos com o PAC-CH, tanto no que diz respeito ao risco de degradação do patrimônio material pela população que rejeita (ou não compreende) o modelo de preservação, quanto pelo fato de os órgãos de preservação considerarem periféricos problemas que para os habitantes são da maior relevância, como a questão das moradias:

*“O PAC que é uma coisa maravilhosa, porque vai deixar tudo restaurado, mas vai ter seus conflitos, porque você vai ter que tirar as pessoas de uma casa para restaurar e para depois voltar. Em que situação elas vão voltar ali? Isso gera conflito. Por isso é que eu falo: não serão anos fáceis para o próximo gestor por causa disso.”*

Entretanto, nos grupos realizados com os moradores o assunto foi discutido timidamente ou até evitado pelos participantes. Será que isso revela a ausência de perspectivas para o futuro? Ou a descrença frente aos planos institucionais? Seja o que for, o descompasso entre a aposta do poder público e a expectativa dos moradores é flagrante.

Mais uma vez cabe a pergunta: em meio a isso tudo, como tem sido a relação com a paisagem?



Fig. 28 - Obras do PAC e com os “Tapumes Interativos” (projeto de educação patrimonial do IPHAN, desenvolvido com adolescentes da Vila). Foto: Israel Lopes, 2018.

Além do fato de que a degradação da Vila e da incompatibilidade entre gestão e moradores geram uma inércia que impede o avanço de propostas, a paisagem também convida a um “*compasso de espera*”. Aparentemente, tudo ali induz a um ritmo ralentado, como se a paisagem levasse ao bucolismo típico de lugares cercados por intensa presença de natureza. Uma observação mais atenta, porém revela que a vida pacata é apenas uma das facetas do lugar. Outra faceta, também diretamente relacionada com a vivência de certos aspectos da paisagem, provoca o sentimento de estar à mercê de algo que não facilita o planejamento ou o controle.

A farta vegetação e a natureza selvagem que rodeiam a Vila revelam uma paisagem cuja intensidade afeta diretamente os moradores. Chuvas repentinas, neblina espessa, frio e calor em curto espaço de tempo, são comuns no lugar e interferem diretamente na agenda do dia (tema a ser aprofundado adiante). Mesmo indiretamente, as manifestações naturais também afetam o ânimo geral: certa apatia ou desânimo são relatados em decorrência do

clima. Segundo depoimentos, em dia de chuva muitos não saem de casa e a atmosfera da Vila se torna mais melancólica. Quando a neblina baixa de forma mais intensa a Vila toda fica encoberta pelo *fog*; nesses casos não há o que fazer além de esperar que ela passe e se conformar em adiar os afazeres, o que contribui para a apatia local.

Em outras palavras, é como se a paisagem de Paranapiacaba predispuesse a indecisões, adiamentos, espera passiva. Mas, como tudo na Vila, a paisagem também tem várias dimensões. Ela pode ser hostil e refratária a qualquer interferência humana, mas também pode ser atrativa e acolhedora. Como um constate movimento intercalado entre “*ir e vir*”, “*mover-pausar-retomar*”...

Em contrapartida, a vivência da estagnação e indefinição quanto ao futuro tomam conta do lugar e contrariam esse movimento pendular, afetando em algum nível o modo de ser dos moradores. É importante notar que esse movimento está diretamente relacionado com a paisagem local (imposto por suas alternâncias climáticas, por exemplo), da mesma forma que a “atmosfera de estagnação” é reforçada pelo compasso de espera, em que *movimento/pausa* e estagnação forjam um emaranhado de vivências.

Mais uma vez, os contrapontos *aparecem* como marca do *ethos* da Vila quando descrevem um sentimento de *atração* e *frustração* que se mistura. Os jovens, por exemplo, queixam-se de que o dia a dia na Vila desgasta e imobiliza: “*Não tem nada que fazer*” ou “*Não se pode fazer nada*”, mas também afirmam que Paranapiacaba é lugar de oportunidades em potencial e isso os atrai.

*“Meu pai era autônomo e ele seguiu as oportunidades de marretagem. Mas Paranapiacaba nunca deixou de ser uma oportunidade [para ele].”*

*“Sou de Rancharia, interior de São Paulo. Mas morava em Mauá. Vim morar mesmo faz um ano. Sempre gostei daqui, e quando apareceu a oportunidade viemos para cá. A gente gosta bastante daqui. Não tem muito que fazer, né? Mas a gente gosta!”* – comentou o colega.

Em situação contrária, um jovem desempregado desabafa:

*“Minha parte é poder crescer, não dá pra viver assim o resto da vida, num lugar onde não tem no que trabalhar, não tem oportunidade, e se você vai procurar emprego lá fora, não consegue, porque mora em Paranapiacaba.”*

Expectativas e promessas não realizadas e soluções potenciais que não se concretizam geram outro aspecto importante: *enraizamento* e *desterro* andam lado a lado no lugar.

*“Sou nascido aqui, meu pai nasceu aqui com parteira, e fui criado aqui (...) Quando eu tinha uns dezesseis ou dezessete anos foi minha melhor época, mas agora eu tenho a necessidade de me bancar, eu tenho uma responsabilidade enorme de*

*cuidar da minha própria vida. Mas até os dezoito anos eu não queria sair.”*

*“Eu não sei direito, mas eu gosto de tudo aqui. Gosto da calma e eu não me imagino fora desse lugar (...). Nasci no Ceará e vim pra cá com quatro meses. Somos de Fortaleza e minha família veio pra cá em 1990. Meu tio veio primeiro, tinha casa e resolveram mudar. Eles vieram no tempo da troca da Rede, acho. E hoje eu tenho vontade de voltar porque não vejo oportunidades aqui.”*

Se considerarmos a paisagem como uma relação estabelecida com o morador e seu impacto sobre ele, pode-se concluir que a tensão *expectativa /decepção* também penetra na paisagem e, possivelmente, contribui para a sensação de impasse que perpassa o dia a dia de seus habitantes. Em certo sentido é difícil imaginar essa comunidade com autonomia o suficiente para planejar seu próprio futuro, quando questões cruciais de temporalidade que envolvem *história de peso* e *cotidiano* não são prioridades no planejamento e gestão da Vila.

### 3 – A AMBIGUIDADE DE SENTIMENTOS:

A Vila está ancorada numa *história de peso*, mas derrapa em incertezas que barram planos pessoais e dificultam a criação de uma identidade própria. A dificuldade em planejar o presente e o futuro passa, necessariamente, pela convivência desgastante com fatores que fogem do controle dos moradores. Um desses fatores mais relevantes é o fato de não serem donos de suas próprias casas, o que dirá da Vila, tombada há anos em todos os níveis hierárquicos. Assim, existe uma cascata de “não pertencimento”, que começa na casa onde vivem e vai até a natureza que os rodeia. Nada lá pode ser reconhecido como verdadeiramente deles.

Afinal, “A Vila pertence a quem?” e “A natureza pertence a quem”? Essas foram perguntas feitas aos grupos e as respostas reforçam as afirmações acima:

*“Paranapiacaba é dos turistas”;*

*“A mata pertence ao Estado”;*

*“A Prefeitura é quem manda”...*

Tudo lá pertence a alguém, mas nunca a eles. O que Paranapiacaba tem para oferecer parece estar fora de suas possibilidades como moradores (já que sempre é de outros ou para os outros). Do mesmo modo, fora de seu domínio estão a neblina que desce, a chuva que se instala por dias, as regras impostas... É certo que a Vila foi feita inicialmente para funcionar de modo ininterrupto e controlado, mas curiosamente é como se estivesse cercada de elementos que subvertem o controle idealizado e não se encaixam na programação

Não apenas as decisões do poder público escapam de sua alçada, mas principalmente os fatores naturais que parecem apontar para uma característica de lugar que

não se rende totalmente a qualquer tipo de “dominação”. A dimensão do natural se manifesta como algo capaz de invadir o lugar a qualquer momento, dominando-o por completo (questão a ser aprofundada mais adiante. A convivência com tantos aspectos além da possibilidade de intervenção do morador são, no mínimo, conflitantes com a ambiência anterior da Vila, onde a mão de ferro do colonizador inglês representava um tipo de contraponto à imperiosidade da natureza. Com o término do ciclo dos ingleses e a interrupção do transporte ferroviário, o que dava sustentação à *ordem* e ao *planejamento* se extinguiu e, em vez de *liberdade* e *apropriação* local serem a consequência, o que resta são *impasses* e *incertezas*.

Quem aprende a “ouvir” a Vila pode perceber que o lugar pulsa em meio a conflitos e paradoxos – o que significa que mesmo estando aparentemente paralisada, a **vida** na Vila dá seus sinais. Há á uma intensa vitalidade pulsando na paisagem – tudo pode mudar bruscamente, mas na aparência, é como se nada se movesse...

#### ▪ CONGELAMENTO: DECEPÇÕES, DESTERRO E DEGRADAÇÃO

Instabilidade, estagnação, apatia, são fatores que podem definir um lugar que também padece com os impasses nos projetos públicos. Como patrimônio tombado, a Vila está numa espécie de congelamento, que impinge lembranças melancólicas de um passado, sem alinhavá-las com projetos de presente e futuro aderentes aos moradores.

A aplicação de restrições legais importantes para a preservação, porém sem a necessária (e difícil!) conciliação dos objetivos da lei com a vida da população, gera o fenômeno conhecido por “congelamento”. Esse fenômeno deflagra sentimentos ambíguos de medo e revolta contra as pressões e cobranças cujas razões, segundo os moradores, nem sempre estão claras. O congelamento acirra as incompatibilidades entre comunidade e poder público, acentuando conflitos de atribuições, interesses, desejos e deveres.

É preciso considerar que a perspectiva técnica, por mais rigorosa e objetiva que seja, nem sempre dá conta de todos os aspectos do lugar e isso em alguma medida pode agravar a tensão do dia a dia. Apesar da boa intenção expressa em inúmeras iniciativas, os agentes públicos têm dificuldade de traduzir em projetos efetivos os desejos (nem sempre claros) dos moradores. Isso produz nos agentes públicos um sentimento de decepção frente à inércia da comunidade. Sem dúvida, a dificuldade em decodificar o que a população deseja, a aplicação de regras alheias/contrárias à dinâmica cotidiana, associadas ao modo de ser dos habitantes da Vila, consolidam a situação de impasse, indefinição e *estagnação*, que se nota até na sua aparência:

*“... Paranapiacaba foi uma Vila implantada pelos ingleses, que mantém sua arquitetura e mantém sua beleza natural, mas (...) é uma Vila que dá impressão que não acontece, dá impressão que está estagnada; dá impressão de que só existe patrimônio edificado, ferroviário e suas belezas naturais... Falta uso”* - explica um funcionário da área de patrimônio.

A sensação de ambiente *estagnado* também esteve presente nas falas de alguns frequentadores esporádicos<sup>31</sup>, que declaram terem sentido a Vila parada, sem vida. Pode-se dizer que a primeira impressão é de que “*a paisagem se move pesadamente...*”. Essa observação corresponde a outra sensação citada várias vezes por aqueles que frequentam a Vila habitualmente:

*“Aqui é parado, mesmo no calor e, no frio... parece que morreu!”*

*“A vila parece morta, não é fácil ver sinais de pessoas na rua.”*

Paradoxalmente, o traço de estagnação que tanto incomoda os moradores, revela-se como o mais fotogênico para os turistas e o mais explorado pelo turismo institucional. Nesse sentido, é como se a Vila fosse um cenário que não deve ser maculado pela vida cotidiana.

Apesar de ser uma prática bastante consolidada, o “congelamento” é reconhecido pelos próprios técnicos da gestão do patrimônio como insuficiente para a preservação efetiva:

*“Agora para o uso acontecer a gente precisa resolver essas questões de pessoas (...). O uso só faz sentido se tiver gente pra usar (...). O tombamento não chega ao local para congelar, mas para agregar. Um exemplo disso é a Europa. Se não fosse o patrimônio da Europa, o que seria dela? O que seria o turismo na Europa? Não seria nada!”* – explicou um dos agentes.

Apenas a título de observação, é preciso dizer que a forma como o poder público atua talvez necessite de “um ajuste de lente” para melhorar sua condição de mediador das questões relativas ao interesse público. Para isso, seria interessante assumir uma *postura de escuta* menos influenciada pelos pressupostos que já fazem parte das relações historicamente estabelecidas entre população e poder público. Afinal, um olhar mais acurado e aberto estará mais apto a perceber os movimentos no lugar (humanos e da própria paisagem) que, mesmo imperceptivelmente, indicam que a Vila não está (e nem aceita estar) congelada. Um dos agentes nos dá uma pista quanto a isso:

*“Paranapiacaba tem muito disso mesmo: parece estar congelada, mas não está. Ela tem sempre um movimento que por mais que a gente olhe e pareça que ela parou no tempo, não! Ela não está congelada, tem um movimento e os atores sociais dão essa dica. Há um congelamento do patrimônio, mas não tem o congelamento das pessoas que moram lá. Então a gente vai sempre encontrar esse ponto de interrogação... o que vamos encontrar lá? ... ‘Paranapiacaba vai ter o PAC, que legal! Mas que ciclo haverá depois do PAC? Então quais relações vão se estabelecer? Ela parece estar congelada, mas está pulsando lá!’”*

A pulsação indica a existência de forças que, mesmo paradoxais e ambivalentes, produzem uma energia que precisa ser reconhecida e valorizada para preservar a integridade

<sup>31</sup> - Aqui nos referimos aos agentes públicos que fazem vistorias na Vila (mas não têm posto fixo lá) e ao grupo de planejadores urbanos que foram ouvidos na oficina de Práticas Urbanas do ENANPUR.

atual da Vila

A *estagnação* que perdura no lugar desperta a preocupação de técnicos e especialistas do patrimônio. Um dos agentes pontuou a falta de estratégias para enfrentar a questão como sério risco de prejuízos para a gestão, especialmente quando se pensa na candidatura da Vila a Patrimônio Mundial:

*“Acho que isso [a vida, a festa, o encontro e as demais práticas culturais] faz parte sim. Se eles [UNESCO] perceberem que Paranapiacaba está congelada como está, acho que as chances dela serão pequenas, infelizmente.”*

Em linha com o descrito acima, um dos agentes entrevistados comenta a queixa de moradores quanto à forma como os órgãos públicos tratam a preservação da Vila:

*“... e a gente está no século XXI, portanto precisamos de algumas adaptações que naquela época, lá em 1940, era daquele jeito, mas hoje algumas coisas precisam ser diferentes, e a Prefeitura não entende: ‘Tem que ser assim e ponto final’ (...) Acho que Prefeitura tem interesse por essas mentes treinadas, porque assim ela pode controlar. Os meus amigos, de mentes mais livres, não são interessantes pra Prefeitura.”*

No ir e vir cotidiano da vila, nota-se uma *discrepância de temporalidades* que afeta a rotina e é reforçada pela comparação com outros lugares em que há oferta de empregos, infraestrutura, serviços, comércio. É como se os moradores vivenciassem no mesmo dia o século XIX e o século XXI! Essa vivência representa um choque e confronto entre o ritmo e a ambiência da Vila e a estrutura disponibilizada pela área urbana central. Mesmo quem não sai com frequência da Vila relata certa tristeza ao constatar que, enquanto falta o que fazer lá dentro, a TV mostra um mundo transbordante de possibilidades. Principalmente para os mais jovens, isso significa que se ficarem ali suas perspectivas de futuro diminuem a cada dia.

Nesse âmbito é fundamental observar que o congelamento prejudica a dinâmica da Vila ao sustentar uma espécie de ilusão de um lugar protegido e apartado do movimento do mundo. Lugar onde entra dia e sai dia tudo deve estar sempre do mesmo jeito!

Em outras palavras, o *Desenraizamento* pela *Inovação*<sup>32</sup> tem em Paranapiacaba as mesmas raízes e pode ser vivido de modo semelhante ao de um habitante de cidades maiores. A diferença é que na Vila, a possibilidade de usufruir os dividendos pessoais e grupais dessa

---

32 - De acordo com Luc Ferry (1994), a sociedade contemporânea é uma “sociedade desenraizada e inovadora”, ou seja, ela se tornou mais veloz para obter inovação e nessa lógica há uma tendência para o constante descarte, o que em muitos casos significa descartar as próprias raízes. Essa dinâmica urbana acelerada alterou o comportamento humano na relação com a natureza, com os outros e consigo mesmo. Mais do que compreender causas e consequência desses rompimentos é preciso aprender uma forma de adequação. É nesse sentido que, conforme Serrão (2004), a paisagem pode ser mediadora da desconexão causada pelas cidades industriais.

situação é muito menor.

*“... acho que as pessoas [que não moram na Vila] conseguem ter mais suas coisas que aqui, pois todos lá estão melhor de vida do que nós que viemos para cá”*  
- disse uma moradora.

Obviamente a ideia não é defender um modelo de projeto desenvolvimentista irresponsável para com a preservação. Ao contrário, é necessário um olhar acurado que considere a memória do lugar, evite o sufocamento da dinâmica da vida e defina a dimensão humana como eixo de análise.

A discrepância entre a Vila e o mundo e a sensação de *ser* da Vila, mas não *ter* a Vila como *sua*, aprofunda um sentimento de desencontro que faz surgir algo próximo a um tipo de desterro, onde oscilam momentos de *enraizamento* e total *quebra de familiaridade*.

Na paisagem destroços, restos, esqueletos nem são tratados como ruínas importantes para a memória do lugar, nem são descartados, o que aprofunda a impressão de um lugar em certo aspecto “fantasmagórico” (Fig. 29-32)

A respeito disso, uma jovem que fazia sua primeira visita à Paranapiacaba para uma atividade acadêmica<sup>33</sup> relata:

*“Eu fiquei muito triste, porque acho que aqui é um lugar do culto ao degradado, eu fiquei por aqui na Vila e eu só vi as pessoas tirando fotos do que elas diziam que era retrô, mas na verdade eram coisas quase demolidas ou enferrujadas. Eu fiquei muito triste aqui. Nossa, eu não moraria aqui de jeito nenhum.”*

Outro eixo de análise importante diz respeito à estrutura física da Vila - seu acervo arquitetônico e ferroviário - que padece de “fragmentações internas”. Seus “pedaços” de história não estão dispostos de modo a formar um todo articulado. O conteúdo patrimonial se encontra disperso, dificultando a visão da Vila como patrimônio, como disse o agente público:

*“...temos vários materiais museológicos espalhados pela Vila, mas quem chegar lá num sábado para passear e quiser conhecer um pouco da história de Paranapiacaba vai ficar perdido. Pois tem um pouco no prédio da ABPF, um pouco na Casa Fox, um pouco na Casa do Engenheiro... um monte de coisas espalhadas. Informações que não se juntam com as outras! Então uma pessoa que vai ali para conhecer a história de Paranapiacaba vai sair sabendo da mesma coisa que sabia quando entrou. A coisa não está junta, até isso é disperso em Paranapiacaba!”*

Como as pessoas, os ícones também parecem estar no *compasso de espera* imposto à Vila, como se esperassem o dia em que serão restaurados como resgate da história.

33 - A atividade acadêmica citada foi a Oficina de Práticas Urbanas do XVII ENANPUR, 2017 - descrita no Capítulo 2.



Fig. 29 - Vagão abandonado. Foto: Mônica Bertoldi, 2017



Fig. 30 - Imóveis à espera de restauração.  
Foto: Paula Vicente, 2017.



Fig. 31 - Residência no Morro. Foto: Ingo Grantsau, 2013.



Fig. 32 - Ruínas da Rua Direita- até a ancoragem está degradada. Foto Mônica Bertoldi, 2017.

▪ **AS FORMAS DE HABITAR E O MEDO DA REMOÇÃO:**

À sensação de desterro, melancolia e perda de propósito soma-se o medo da remoção. Segundo os grupos de moradores, o poder público não consegue estabelecer um discurso articulado que explique o sentido de “*não poder mexer em nada*”. Para alguns, a dificuldade de comunicação é vista como autoritarismo e talvez cause a impressão de uma tutela excessiva, expressa nas regras de uso das moradias das quais não podem ser donos<sup>34</sup>.

Na contramão do discurso hodierno de extrema (e às vezes nociva) valorização do “eu”, que propaga a pretensa liberdade de escolha e preconiza o discurso do poder “ser quem você quer ser”, a Vila está debaixo de um controle que reafirma sistematicamente que ela não tem condições de se gerir, num lugar onde quase nada é permitido. É como se o poder público alimentasse a fantasia de uma “*Vila alternativa*” (parada no tempo, alheia ao movimento do mundo atual), acentuando incompatibilidades e ressentimentos em relação à preservação.

O conjunto das moradias que formam a Vila assume o papel coletivo de uma “casa” na qual não se pode fazer nenhuma modificação individual, contrapondo uma sociedade que privilegia a busca por identidade e atribui à “casa” contornos de espaço onde se aconchega o íntimo e se reafirma a identidade pessoal. Nesse sentido, *morar* é muito mais do que ter abrigo! Morar significa reconhecer o lugar como “*meu lugar*”, é lugar de usos e normas pessoais, íntimas, instituídas pelo modo de ser do pequeno grupo que dele faz “sua casa” (ou lar).

Por sua vez, é importante também considerar que para quem optou por morar em Paranapiacaba, *estar lá* significa *estar em casa* e poder vivenciar a experiência de *aconchego* que se dá na “*volta para casa*”, como descrito pela jovem moradora:

*“É legal passar o dia inteiro em São Paulo, num monte de atrações, mas ter que voltar pra casa. Eu não consigo, eu tenho que voltar, porque eu tenho que dormir aqui, porque eu gosto daqui, da paz que tem aqui. Quando você chega vai estar tudo calminho. Quando a gente chega de madrugada, não vai ter ninguém na rua, sabe? Só os amigos!”*

Reconhecendo a fundamental imbricação entre “casa” e “lar”, olhar a moradia sob a perspectiva da identidade amplia a compreensão de como se dá a vida no lugar. Assim, identificar e saber como se constituem os lares que compõem a Vila é ponto importante para compreender como era Paranapiacaba e no que se tornou.

Muitos relatos indicam que a questão da moradia é diretamente impactada pela relação complicada entre a comunidade e a gestão pública, resultante de decisões “unilaterais”

34 - A questão fundiária em Paranapiacaba requer muita atenção e empenho técnico; as residências podem ser: (i) de propriedade da Prefeitura, no caso da Vila Velha e Martim Smith (e os contratos são de “permissão”); ou podem estar em terras devolutas, como os imóveis do Morro; ou ser uma ocupação irregular em área de risco, como o Rabique.

dos órgãos oficiais.

O trecho abaixo, extraído do minigrupo de moradores jovens, ilustra as visões sobre o projeto de restauração da Vila - o PAC Cidades Históricas:

- *Falaram que a casa da minha amiga vai virar um ateliê. [Falaram 'quem?']: O homem da Prefeitura (...) é, aqui existe muito 'falaram, falaram', mas a Prefeitura não conversa com as pessoas. A Prefeitura chega e fala o que vai fazer e pronto. É um comunicado.*

- *Mas dessa forma estão descaracterizando a Vila... Pra quê "fazer um ateliê?" Qual é o sentido de tirar as pessoas que moram na casa para fazer um ateliê?*

- *Vão fazer um ateliê para as próprias pessoas da Vila, parece... Eles vão pegar as pessoas que tem ateliê e que moram aqui e vão passar para elas, entendeu?*

- *Mas como fica a história daquela família da casa?*

- *Sim, hoje moramos na casa onde morou a minha avó, aliás todo mundo da minha família morou lá. Ali tem a história da minha família e eu não queria sair de lá!*

- *Veja só que louco, acabam preservando a história dos outros, não a história dela...*

Um dos entrevistados relata que em alguns casos o debate se agrava, gerando uma atmosfera de ameaça principalmente para o morador-permissionário<sup>35</sup>:

*"Ele [o morador] não se sente seguro aqui. Ele sabe que, o tempo inteiro, a hora que alguém da Prefeitura olhar feio pra ele, será mandado embora. As pessoas são reféns de um processo administrativo muito ruim. Na parte Alta, o povo também fica refém do governo, lá não se pode trocar uma telha sem autorização, mesmo que eles sejam os proprietários dos imóveis".*

A situação de indefinição de "ter ou não ter casa" afeta diretamente a estabilidade emocional. Um dos antigos moradores apresentou a situação da seguinte maneira:

*"Pra falar a verdade, hoje em dia é a Prefeitura quem manda e todo mundo tem medo. As pessoas de lá tem medo de falar o que está errado, porque depois a Prefeitura vai lá e tira a casa delas. (...) elas acham que podem ser perseguidas pelos funcionários da Prefeitura."*

Outro entrevistado também associou a alta incidência de casos de depressão na Vila à dimensão da moradia, fazendo a seguinte observação:

*"Aqui tem muita gente com depressão. Nós não temos psicólogos aqui, temos*

35 - Permissionário: refere-se ao tipo de contrato que a Prefeitura - que adquiriu os imóveis que pertenciam a RFFSA, em 2002 - mantém com os moradores da Parte Baixa da Vila; não se trata de contrato de locação, mas apenas de permissão de uso do imóvel. Para maiores informações a respeito da relação do contrato de moradia e a construção identitária dos moradores, consultar a pesquisa de JÖRG, Simone (2011), *Clinica da identidade: um estudo sobre o sofrimento psicossocial coletivo*. Dissertação, São Paulo, PUC-SP.

*muitos psiquiatras, o que torna a questão mais grave (...). Acho que essa depressão tem a ver com a falta de estrutura social (...) Quando os ingleses construíram as casas aqui, seguiram um modelo de arquitetura para operários, para que eles não tivessem integração social entre eles (isso já foi travado na época, era evitar o convívio). Então o social era externo, por isso se criou o campo, a bocha, o Clube, um monte de coisa para as pessoas saírem de casa, pois não havia espaço social dentro de casa. Mais recentemente, quando se elimina tudo isso, o que sobra de espaço social? Nada. Assim, eu não posso nem ‘respirar’ dentro de casa. As casas são travadas, não tem espaço social. Isso foi planejado na época dos ingleses. Daí você entra em depressão porque, você já tem uma casa marrom, você já não tem espaço social dentro de casa...”*

Parece haver uma clivagem entre o morador e o cidadão, onde este está alijado do processo que faz a cidade, o que agrava a insalubridade mental da população. O medo da remoção aparece como um forte indicador de instabilidade, em um cotidiano sempre imprevisível, mas controlado pela imposição de um ordenamento estranho aos valores e hábitos dos moradores.

Observa-se outro paradoxo: não há mudanças possíveis no cotidiano dadas as restrições impostas pelas normas, que fazem o cotidiano ser sempre igual, ainda que igualmente imprevisível. É provável que a imprevisibilidade e a decorrente desestabilização impeçam que se aproveite a *paz do lugar* e criem *desassossego* e *medo* de uma possível remoção qualquer momento. Em outras palavras, um cotidiano “sempre igual” não indica necessariamente cotidiano seguro; ao contrário, o sentimento que paira é de incerteza, instabilidade e medo.

As incertezas que desestabilizam o dia a dia criam uma atmosfera que não permite avançar nem desistir<sup>36</sup>. Essa dinâmica inclui, as duas instâncias - poder público e comunidade – que retroalimentam uma impressão dúbia de que há na Vila algo que pulsa, mas se retrai debaixo de uma *camada estagnante*.

Ainda a respeito da moradia, ao relatarem sobre suas dificuldades, uma moradora explicou havia se mudado para a Vila por causa do baixo valor de aluguel oferecido pela administração da Vila. Entretanto, quando questionada sobre o que faria, caso tivesse a alternativa de ter uma moradia na área urbana, ela surpreendeu com a resposta: “*Eu só mudaria daqui se fosse para morar perto da minha mãe e dos meus irmãos, porque eu gosto muito daqui*”.

36 - A respeito desse impasse, ao tratar das regras contratuais de moradia permissionária, JÖRG (2014) argumenta que o processo emancipatório da Vila tende a ser dificultado por um tipo de dupla mensagem implícita nas restrições: “*Se de um lado, atrelada à falta de segurança de permanência no imóvel, há uma ‘ausência de normatização’ no que diz respeito à renovação dos contratos, de outro, há ‘excesso de normatização’ no que diz respeito aos critérios de conservação do patrimônio*”. (JÖRG,2014:180)

Essa resposta remete à dimensão da *localização emocional* e diz algo muito peculiar sobre “o que é morar em Paranapiacaba”: é como se, apesar de tantos desgastes, existisse um vínculo afetivo quase tão intenso quanto os laços familiares.

De modo semelhante, um dos rapazes que participou do minigrupo manifestou sua disposição em deixar a Vila por não vislumbrar possibilidades de futuro, mas ao mesmo tempo expressou sua ligação com o lugar. Sua relação com a família, amigos e com a “natureza” parecem estar fortemente imbricadas:

*“Quando eu tentei mudar para Itapevi, só fiquei dois meses e não consegui ficar. Senti falta da minha família, de meus amigos e das coisas que tem aqui, principalmente a natureza. É uma coisa que me deixa em paz e me faz entrar em comunhão. Ah, eu achei legal lá, mas eu prefiro Paranapiacaba. Minha família toda está centralizada na Vila e é isso que me atrai bastante: meus familiares. Minha história toda foi construída aqui, então ela foi erguida aqui. O que eles começaram eu quero terminar, pois ainda não acabou. A geração está crescendo e a gente está passando por vários aprendizados que a gente deve passar para os próximos também.”*

Para um antigo morador, o enraizamento na Vila se associa ao gosto pela relação com a natureza e lembranças do passado:

*“Ah, aqui era uma delícia! Tinha chuva direto, chovia seis meses sem ter um dia de sol! Daí quando eu cheguei aqui eu falei: daqui eu não saio! Gosto daqui mesmo que agora faça mais sol. O que eu gostei daqui foi do tempo, mesmo”.*

O sentimento de insegurança, incerteza e instabilidade se articula com outro similar “provocado” pela paisagem - que ali se mostra multidimensional. Para compreender a paisagem é preciso abandonar pressupostos cristalizados e “*caminhar rente*”, apreendendo o que ela deseja mostrar.

Se à primeira vista pareciam existir indícios de um “lugar desenraizado”, repleto de vivenciadores sem conexão com a terra e, portanto, passíveis de remoção indolor, – sem perdas para as pessoas e para o meio, esses relatos mostraram outra realidade. À medida que fomos ouvindo os segmentos sobre como se relacionavam entre si e com o meio, o desejo de paisagem foi se revelando de forma vigorosa.

#### **4 – O SENTIMENTO DE INVASÃO**

No contato com os moradores, mas especialmente nos minigrupos, foi possível observar um intenso e frequente sentimento de ser invadido.

Mas o que significa isso? O que deflagra a invasão?

Paira entre os moradores uma forte sensação de que Paranapiacaba é feita para

“os de fora”. A paisagem valorizada é a que retrata a *exuberância*, que não é *vivida* no dia a dia (sobre ela se falará mais adiante).

Para eles, em nome da preservação ambiental e do patrimônio, a gestão da Vila às vezes é invasiva. Essa invasão é hoje denunciada pelos moradores no excesso de restrições, muitas vezes arbitrárias.

Talvez o traço da *invasão* esteja presente desde o projeto original da Vila, baseado na ideia de *organização* e *controle*<sup>37</sup> externos, como um vetor do possível sonho desenvolvimentista.

Os projetos estimulados pela Prefeitura recebem críticas recorrentes dos moradores porque são desenvolvidos exclusivamente pela visão e critério dos “de fora”, como descreve o jovem morador:

*“[Antes] tinha uma associação de empreendedores - ainda tem os membros, mas hoje não funciona - associação de moradores, associação de monitores, e todo o tipo de associação que você imaginar. São sempre as mesmas pessoas, que estão aqui até hoje. Mas por que essas pessoas não conseguiram dar continuidade em seus projetos? Porque a Prefeitura nunca pensou em agregar as pessoas daqui lá dentro, ela precisou sempre trazer ‘gente de fora’ para realizar o trabalho dela.”*

A visão patrimonialista, que se reflete na maneira de lidar e valorizar a paisagem, cria nos habitantes a percepção de um lugar que, embora seja parte indissociável de suas vidas, não lhes pertence, pois nem mesmo as casas onde moram podem ser deles! É como se lhes fosse negado o que é seu por direito para dá-lo aos “outros”, os “de fora”- na maioria das vezes, os turistas – diante dos quais se sentem sistematicamente preteridos.

Pesa ainda uma forte cobrança de deverem estar o tempo todo a serviço desses “que não são da Vila”. Durante a expedição etnográfica, por exemplo, notou-se uma postura distinta no modo de recepção. Os moradores da Parte Alta e Baixa da Vila - considerada a parte turística - pareciam “obrigados” a serem simpáticos e receptivos, enquanto os moradores do Rabique – um setor mais afastado do centro da Vila - demonstraram certo desconforto ao verem o grupo de pesquisadores na rua de suas casas.

Essa percepção confirma os relatos dos grupos de moradores que indicaram maior propensão a ceder o espaço para os turistas, como se estivessem lá para servi-los, mesmo que sua atividade não esteja ligada ao turismo:

37 - Não se pode esquecer que esses dois quesitos (organização e controle) são especialmente caros à história ocidental dos últimos dois séculos, o que nos dá a liberdade de inferir que a busca por tornar a Vila autossuficiente e dona de si não foi um mero acaso e sim, uma possibilidade amparada na atmosfera da época.

*“Meu marido gosta de entrar no mato, meus filhos gostam, mas eu não. (...) A gente acaba entrando no meio do mato para levar os amigos que chegam em casa e já chegam pedindo: ‘Vamos para o mato, a gente quer ver cachoeira, quer ver isso e aquilo’. Daí a gente leva.”*

Disposição semelhante surgiu no relato dos jovens:

*“... tem gente que se interessa pela história da Vila e vem acompanhar o que acontece com quem mora aqui dentro. São várias pessoas que fazem isso. (...) Direto acontece de aparecer gente lá em casa e pede para eu levar até o Poço. É do lado de casa e não tenho porque negar.”*

Manter a Vila à disposição dos turistas influencia até as crianças pequenas, como relata outra moradora:

*“... eles [os jovens] não têm mais nada para fazer em Paranapiacaba, porque o Lyra não é da comunidade, (...) o Campo não é deles, então a molecada não joga futebol. O Clube não é mais da população (...) tudo o que tem sido feito é para os de fora, para os turistas. Outro exemplo: sempre que eu subia a rua aqui, eu via uma árvore bonita e as crianças batendo nela com pau. Eu sempre conversava e dizia: ‘Por que vocês estão batendo na árvore, tadinha da árvore (...) Poxa, ela não fez nada contra vocês e, porque estão batendo tanto nela? Veja bem, ela abriga tantos passarinhos, tanta diversidade e tem flores tão lindas...’. Daí uma menininha que não tinha sete anos, tentando me ajudar, falou assim: ‘É isso mesmo, a gente tem que cuidar dela, para ficar bonita para os turistas!’.”*

Somam-se a essas várias frases colecionadas durante a expedição etnográfica, como: *“Estou num lugar que não me pertence”,* ou *“Não sou dono da terra e não sou dono da minha casa”* ou: *“Ao longo dos anos a Prefeitura foi tirando as coisas dos moradores”* que demonstram a dificuldade de apropriação do lugar. Um dos jovens entrevistados fala de seu ressentimento:

*“No meu entendimento Paranapiacaba é uma cidade feita para turista, pois os moradores não têm chance aqui. Para os visitantes que chegam aqui, no final de semana, tem bares, restaurantes, museu funicular - independente do que seja que o turismo envolve, tem tudo aberto nos finais de semana. Por que no meio de semana que é para a gente aproveitar, a gente não pode ir lá? Você quer ir na Pontinha? Tem que dar RG, CPF. Dependendo do morador, tem que fazer tudo o que o turista faz. Eles sabem que gente é morador, pois eles [Prefeitura] viram a gente crescer. Por que não deixar a gente ir no Poço Formoso, na Pontinha, Cachoeira da Fumaça e várias outras que tem aí, sendo que era a gente que devia estar aproveitando mais do que os turistas que chegam à Vila?!”*

Outro antigo morador explica que o sentimento de não pertencer ao lugar é generalizado:

*“Eles [os vizinhos] escutavam funk no último volume, daí juntava umas quinze ou vinte pessoas e gritavam: ‘Paranapiacaba é nossa!’”*

Interpretando essa atitude, o próprio morador explicou:

*“... mas não era um grito qualquer, parecia um urro ‘que vinha de dentro!’”*

Entretanto essa sensação de invasão também acontece em outras dimensões: por vezes, os moradores se sentem invadidos por outros moradores. Relatos coletados do minigrupo dos antigos moradores refletem as dificuldades de adaptação com a chegada das “novas famílias”:

*“Em 2000-2001, veio um pessoal para fazer isso que ele fez. O pessoal veio de São Paulo para fazer monitoria e restaurante. Mas eles chegaram e invadiram um espaço onde ainda já havia gente residente - ferroviário que era aposentado - mas que tinha aqui a sua casinha. Chegaram com muito ímpeto, achando que o pessoal não lia jornal (tudo bem, liam só a parte do futebol, mas sabiam quem era o presidente da república). Por isso o pessoal, no começo, demorou a aceitar esse negócio de Vila Turística. Além disso, tinha uma fantasia de que a Ferrovia nunca iria acabar, mas em 1990 parou o trem de passageiro. Daí começou a decadência para nós ferroviários”.*

É como se houvesse uma cascata de invasões: há o incômodo com os “estrangeiros” que chegaram após os anos 2000 e com os turistas, sendo que os moradores mais velhos um dia também foram *estrangeiros* na Vila, originariamente formada por trabalhadores imigrantes e outros advindos de várias regiões do país. É como um círculo vicioso - “me invadem e eu invado”.

Como valorizar a paisagem do cotidiano se a Vila é estimulada a se voltar para os de fora? Quando e como poderá olhar para si mesma?

Para isso, compreender como a *paisagem banal* – aquela que é vivenciada no cotidiano - afeta e é afetada por aqueles que a experimentam na rotina, parece ser um caminho interpretativo promissor. E isso inevitavelmente passa pela maneira como as pessoas se sentem parte do lugar.

A dor de não se sentirem pertencentes e verem o que deveria ser seu destinado “ao outro” parece acentuar um desgaste já existente pela combinação de fatores que os afligem e minam o cotidiano.

Um agente público que trabalha ali em período integral se solidariza com o sofrimento dos moradores quando também detecta em si esse desgaste:

*“Paranapiacaba tem um agravante: você ir lá dois ou três dias, o ar é bom, mas ir para lá mais que isso é muito desgastante. Trabalhar em Paranapiacaba é desgastante pela distância, pela relação com a Prefeitura e com a comunidade. A própria estrutura da Prefeitura faz com que se tenha um desgaste com os moradores.”*

Ao descrever sua trajetória profissional, um dos funcionários comentou que é apenas na convivência com aquele ambiente que se percebe a intensidade de uma paisagem que acolhe e hostiliza, pois por um lado ela se mostra bela, atraente, mas também densa, estranha, resistente, pouco aberta aos que não são de lá: “Trabalhar em Paranapiacaba te consome, Paranapiacaba é um lugar que te exaure!”. A faceta hostil da paisagem revela uma dimensão da natureza “exuberante”, mas também invasiva e desestabilizadora.

Paradoxalmente, a Vila, que nasceu como símbolo de civilidade - ideia que remete à *estabilidade* e *equilíbrio* contínuo – foi e continua sendo *invadida* por fenômenos intrinsecamente ligados à expressão de uma natureza pouco afeita à domesticação e ao controle. Esta característica contradiz e tensiona a pretensão de exibir Paranapiacaba como porta voz de uma paisagem-cenário, uma paisagem congelada.

A umidade, a mata, os bichos (aranhas, morcegos, cobras) ainda *invadem* a Vila em confronto direto com os moradores e sem levar em conta o pretensão projeto de “colonização”, inglesa ou local

*“Falando dos bichos, por exemplo, é uma coisa de lá que a gente não pode se importar, né? (...) A biblioteca é cheia de teia de aranha, não adianta tirar, porque amanhã ela vai fazer de novo. Então eu tenho que aprender a conviver com ela. Nunca vi tanto gambá na minha vida como tem lá; sempre vejo gambá morto lá na rua. Os pássaros e borboletas invadem direto a biblioteca e dá um trabalhão para retirar”* - explica uma das agentes entrevistadas.

No dia a dia, a *invasão* dos bichos pode ser fator de sérios incômodos. Quando questionados sobre possíveis inconvenientes de estarem tão próximos à natureza, uma participante do grupo de jovens responde prontamente:

*“Sim os animais, tipo cobras. Elas não entram em casa, mas vêm para seu quintal.”*

A neblina é outro fenômeno marcante e presente aos olhos de quem se aproxima da Vila. Sua presença se impõe:

*“Eu tive que me acostumar com a neblina da mesma forma que tive que me acostumar com aranha. Eu sou a intrusa do lugar. Na verdade eu acho legal a neblina, eu acho bacana os desenhos que ela faz, descendo o Morro: tem dia que dá vontade de ficar o dia inteiro só batendo foto da neblina (...).Uma neblina pode ser ruim, mas não é que eu não goste dela. Quando o tempo está muito fechado, é muito ruim para pilotar a moto, mas eu não desgosto dela por causa disso”* – comenta a agente pública.

Mesmo que *invadidos*, moradores e agentes também admitem que são invasores da “natureza” local. Novamente a contradição: “Eu me sinto invadido, mas também sou invasor” gera tensão nas relações com o lugar.

A sensação de ser intruso em um lugar que realiza movimentos antagônicos – como *acolhimento/expulsão*, também foi mencionado no grupo de pesquisadores da Oficina de Práticas Urbanas do ENANPUR:

*“Tive a impressão de entrar pelas portas dos fundos... a gente entra pelo fim da vida das pessoas, pelo cemitério. Normalmente a ‘porta da frente’ das cidades históricas é a Igreja, mas aqui se começa pelo cemitério. O fato de ter que entrar pela ‘porta do fundo’ me remete a uma sensação de invasão, sou uma visitante que não entrou pela porta da frente da casa, invadi sua intimidade. Parece que entrei na Vila, sem ser convidada.”*

Interessante notar que os depoimentos acima repetem um sentimento de invasão e de certa inadequação, semelhante ao sentimento entranhado nos moradores da Vila e que permeia fortemente as relações com a gestão pública do lugar. Durante a expedição etnográfica, uma moradora do Rabique fez a seguinte colocação:

*“Sei que aqui é um lugar onde não deveria ter gente, mas a realidade é que tem. Vim para cá porque precisava sair do aluguel (...), mas se eles [os agentes da Prefeitura] ao menos dissessem claramente o que era certo e errado, a gente não fazia errado. Ninguém aqui quer fazer o errado.”*

Os conflitos gerados pelo não cumprimento de regras que, segundo os moradores, nem sempre estão claras, pode colocá-los na condição de infratores a qualquer momento. Isso amplia a sensação de ser alguém indesejado e passível de repreensão.

A intensidade dos sentimentos aflorados pelo lugar - isolamento, solidão, abandono, tristeza, insegurança – parecem estar fortemente relacionados a uma paisagem cuja densidade provoca sentimentos distintos, inclusive o de *invasão*.

Sensações ambíguas em relação ao lugar, sempre tão presentes na Vila. São também mencionadas em relação à paisagem, como se reforçassem o embate entre o **imprevisível** e a **familiaridade**. Entre “a neblina que não deixa ver nada, que não deixa saber o que vai pela frente”; “a neblina que não se deixa prever”, “os bichos que aparecem e se instalam”; “as aranhas, as cobras, com as quais se é obrigado a conviver”; “a natureza esplendorosa, frente a qual o que resta é reverência e acatamento, subordinação...” perante o corriqueiro, na paisagem pequena, íntima, caseira, *banal*, presente na “conexão das janelas” que acontece no quintal de casa repleto de vegetação...

Muitas vezes, a “natureza” se impõe de tal forma que desperta o sentimento de que as pessoas são as invadoras, já que o lugar pertence às aranhas, às cobras, à neblina... Entretanto, a despeito dessa força, o projeto da Vila foi e continua sendo o de desenvolvimento e preservação de um núcleo urbano, sobretudo de moradia, ligado à memória da ferrovia.

Sob esse ponto de vista a lógica de invasão se inverte - pelo menos aos olhos do

planejamento – em que a “natureza” seria a invasora daquele empreendimento, há muito consolidado: a Vila Ferroviária

O emaranhado e a multidimensionalidade do sentimento de invasão questiona por si a ideia que gerou e originou a Vila como um lugar onde a *previsibilidade* e as *certezas* orientam o dia a dia; onde tudo funciona a contento (a presença do relógio ao estilo inglês não é casual) como se fosse possível pautar a lógica do lugar pela lógica do temporal.

Em certo sentido, as tensões entre o “modo da ferrovia” e o “modo da natureza” perpassam a história de Paranapiacaba como uma disputa interminável pelo território.

Em muitas dimensões Paranapiacaba é urbana, ainda que esteja sujeita às fortes interferências da natureza e tão afastada da área central da Cidade.

*“Paranapiacaba está cercada de mata pouco controlada, mas já nasceu urbana”* - explica o entrevistado.

O encontro entre as duas potências – selva e urbanização – se corporifica na paisagem sem muita mediação. A exuberância da natureza e a estrutura encorpada do conjunto ferroviário urbano compõem uma união *estranha*, fora do comum e, nesse sentido, a paisagem é *excepcional*.

E assim, mais uma vez, Paranapiacaba está isolada pela fisionomia *excepcional*. O lugar carrega sua *estranheza* por não ter a mesma feição que marca os arredores - a menos de uma hora da Vila estão lugares forte e intensamente urbanizados, como o entorno da estação da estação do metrô Tamandateí em São Paulo. Paranapiacaba, no entanto, parece estar muito longe dali...

Em depoimento, uma jovem urbanista que visitava a Vila pela primeira vez, reconheceu na organização espacial da Vila uma conformação bastante diferente dos outros lugares que havia visitado.

O término abrupto da densa vegetação logo na entrada de uma Vila tão “urbanizada” lhe causou um choque de imagem:

*“Vim de carro seguindo o Google Maps. No percurso tive a sensação de estar num ambiente cinematográfico: a estrada cercada de vegetação densa, a visão da represa, muito sol e muita luz, um ambiente bem gostoso, mas daí o Google Maps informou que a igreja estava a dois minutos de onde eu estava. Então eu estranhei, porque eu não consegui ver nada condizente com aquela informação. Como assim estava tão perto da igreja? Pois na minha cabeça, a igreja deveria estar no centro da cidade, então, como é que ela podia estar a dois minutos se eu não vi nada de cidade? Achei aquilo muito estranho, já estar perto da igreja, sem ter entrado pela cidade e chegado ao centro”.*

Por outro lado, para um agente público ligado ao patrimônio e que frequenta a Vila semanalmente, a sensação da chegada é de *acolhimento*, além de guardar a atmosfera dos lugares distantes:

*“É um lugar diferente de tudo: um lugar que tem natureza... é como se você estivesse num lugar longe, mas que não é tão longe de onde você mora. Paranapiacaba te dá essa sensação, parece que você viajou 500 km, 1000 km, sendo que você andou de Santo André apenas 20 km.”*

É importante notar que estar diante da *excepcionalidade* da Vila é diferente de “estar imerso” nela. Para quem apenas a visita (mesmo que sistematicamente), a atmosfera de lugar distante, afastado de tudo, mas ao mesmo tempo a poucos quilômetros da cidade tem um efeito positivo. Talvez isso seja resultado da possibilidade de administrar os polos “conexão e desconexão” com o mundo, uma condição muito diferente dos que vivem o dia a dia da Vila. Para estes, um sentimento de *estranheza* perpassa a experiência e se manifesta em nuances: entre as já mencionadas, está a sutil e desconfortável sensação de estar num lugar nem sempre familiar, aconchegante, seguro.

Em meio ao tudo isso surge a pergunta:

Como se constrói o sentido de paisagem num lugar que nasceu urbano, mas onde a mata não abre mão de sua presença pujante, *invadindo* territórios e desconsiderando as demarcações da “vila edificada”? Quais são os sentidos da natureza/paisagem para os moradores do lugar?

A formação da Vila levanta um paradoxo: apesar de ser considerada como a origem do ABC paulista (região de forte tradição operária) e ela própria ter se constituído a partir de um assentamento operário, sua feição deixa entrever um traço “forasteira”, (de *estrangeiridade*). Nos vários relatos sobre o passado parece haver certo desejo de manter “o registro da nobreza”, ainda que isso pouco tenha a ver com o seu modo de vida. Essa contradição revela que desde sempre sua constituição tem sido atender às necessidades dos “de fora”: não somente dos “ingleses”, mas do turismo<sup>38</sup>, também.

Paranapiacaba se formou a partir do ponto de vista dos “estranhos”; foi composta por “estranhos”, permanece até hoje como um lugar estranho, *fora do comum* e parece se mover numa constante tentativa de adaptação.

Um dos agentes entrevistados expôs sua sensação de estranheza de modo revelador: “*Paranapiacaba é como se fosse uma cidade de interior, mas parece um condomínio*”.

38 - Como já dissemos, os tipos de gestões em Paranapiacaba reforçam a sensação de estrangeiridade em uma paisagem que favorece a sensação de ser estrangeiro em sua própria terra..

Estranha, indefinida em sua identidade, pois por vezes parece ser uma coisa, mas na verdade é outra; ou demonstra que pode ser mais do que deixa transparecer à primeira vista. Esse movimento de “ser e não ser” manifesto a todo o momento se traduz em sentimentos paradoxais: carinho pela Vila e profunda insatisfação com o cotidiano do lugar

Os entrevistados revelam uma Paranapiacaba como um poço de contradições. É de fato difícil para o pesquisador enveredar por suas histórias, se entranhar na dinâmica do cotidiano, absorver anseios e desejos e sair dessa experiência com a certeza de haver obtido a resposta.

Por outro lado, as contradições expressam a complexidade que a cada passo revela feições diferentes.

O que indicam tantas ambiguidades? Como são experimentadas no dia a dia? Como interferem nas relações com a paisagem, com os símbolos arquitetônicos etc.?

Estas são questões importantes relativas à vida daquele lugar e que só podem ser minimamente compreendidas a partir da aproximação daquilo que as pessoas vivem e experimentam lá.

## PARTE II: JOGO DE PAISAGEM

Numa análise apressada e distanciada, corre-se o risco de concluir que a Vila de Paranapiacaba está abandonada e visualmente esvaziada. Entretanto, uma aproximação mais acurada revela movimentos incessantes, em que ambiente e pessoas se interrelacionam intensamente.

A paisagem denuncia esses movimentos. São os movimentos corriqueiros que revelam a vida que nela existe. Apesar de muitas vezes parecer paralisada, algo pulsa naquele lugar: O quê? Como? De que forma se mostra?

Na Vila de Paranapiacaba a paisagem se apresenta em movimentos abruptos, com fortes contrastes: o lugar intercala dias de neblina fria com dias de sol extremo; com natureza imponente, mas também melancólica; acolhedora e ao mesmo tempo majestosa e feliz... Completa a imagem da Vila o contraste evidente entre os finais de semana e feriados lotados de turistas e os dias da semana quase desertos de pessoas nas ruas.

Frio e calor, molhado e seco formam um jogo de cores na paisagem, principalmente na visada para a parte de baixo, onde se alterna a predominância do marrom e cinza, que se unem às cores sóbrias das edificações, muitas vezes envoltas em neblina, e o colorido vívido das roupas estendidas nos varais quando o sol aparece.

*“... de segunda a sexta-feira a Vila tem uma conformação e de sábado e domingo é outra. É quando o povo vem espaiar a cabeça da cidade (como São Paulo) por mais que a Vila esteja, na visão deles, abandonada e feia. Mas garanto para a senhora que se prevalecer a cor marrom, ela sempre será feia. Ela sempre será uma Vila triste. O marrom é triste! Não sei, podiam dar um destaque no Lyra ou no Castelinho, sei lá!” – descreve uma antiga moradora.*



Fig. 33 - Vista para a Igreja na hora da neblina. Foto: Paula Vivente, 2017.



Fig. 34 - Vista para a Igreja em hora de sol. Foto: Israel Lopes, 2017.

A *ciclotimia* é uma característica peculiar da paisagem de Paranapiacaba. É impressionante a rapidez e a intensidade de alternância dos momentos: é comum ao longo de um dia vivenciar chuva, sol e neblina, dando ao lugar aparências e atmosferas muito diferentes em pouco espaço de tempo.

A interferência dessa particularidade no cotidiano daquela comunidade suscitou discussões e opiniões como a da dona de casa:

*“Tem dia que você acorda com aquele sol, aí põe as roupas para secar, baixa a neblina, daí você tira a roupa, sai o sol de novo! Ah, não!”*

Outro participantes do grupo contrapôs:

*“Como monitor, é melhor trabalhar na chuva do que no sol. Imagina pegar duas ou três horas de trilha debaixo de sol! Naquele sol escaldante, nossa!”*

Para exemplificar como as mudanças abruptas alteram a rotina, a comerciante local explica:

*“Dia desses, tivemos o encontro dos fuscas na Vila. No dia anterior à noite estava tempo bom, estava tudo certo. Mas quando foi no dia pela manhã, fechou o tempo, caiu aquela chuva. Daí a gente teve que descer e fazer o evento assim mesmo. Era nosso trabalho, mas não é fácil!”*

Vários relatos carregam a impressão de uma paisagem que se movimenta intensamente em função dos fenômenos naturais. Recorrentemente foram lembrados os períodos de neblina e frio contínuos e excessivos; alguns afirmaram que na década de 1970 /1980 a Vila ficou seis meses sem ter um único dia ensolarado.

A neblina, um dos principais elementos citados nas entrevistas - ainda que sua intensidade tenha comprovadamente diminuído ao longo dos anos, muito provavelmente por influência das mudanças climáticas – se impõe a despeito de tudo, tomando o controle e interferindo na rotina, nos planos e compromissos do dia a dia.

*“A neblina também entra aí. É uma coisa bem característica que a Vila tem. **Não dá pra prever o dia que ela vem, a hora que ela vem.** Às vezes ela pode estar aqui pela manhã, ir embora na hora do almoço e voltar a tarde; às vezes é rala, às vezes é tão densa que eu não consigo enxergar nessa distância que você está”* - explica uma funcionária entrevistada.

A “natureza” é implacável e exige adaptações, como vemos no diálogo entre antigas moradoras:

*“Em Paranapiacaba não existe ‘hora’; existe o ‘tempo’. Eu acordo de manhã: o tempo está fechado, depois tem sol, depois está chovendo e depois está aberto de novo. É a hora que ele quer, ou a hora em que tenho que fazer alguma coisa.”*

Pesquisadora: “E essa história de ‘não ter hora’ transtorna muito a vida?”

“Não, a gente acostuma!”

Estar permanentemente exposto às regras da natureza muitas vezes é algo diferente do que se idealiza sob a ótica do turismo. Alguns relatos ressaltaram o incômodo e o desgaste decorrentes da forte presença do natural:

“... na escola, em dia de chuva, não dá pra usar a quadra, pra dona de casa, a roupa não seca... ou seja, **o fog chamoso pode não ser tão chamoso para quem mora aqui.**” – descreve a professora.

“A neblina é horrível, mofa tudo! Em algumas casas, mesmo fechadas, a umidade sobe do chão!”

E a outra moradora completa:

“Pois eu, quando fica assim por muitos dias e me sinto embolorada, viajo; fujo para a praia ou vou para Minas, dou um jeito!”

Mesmo com presença de sol mais constante do que em décadas passadas, a sensação de umidade persiste e há vários relatos de sentimento de tristeza e recolhimento em relação a ela:

“Paranapiacaba é um lugar úmido, meio triste, porque essa coisa de não ter sol, de ser frio, é meio triste. Aí vai de você, ser uma pessoa que não se afeta por essa tristeza, que é a mesma coisa que acaba acontecendo em Londres: o frio, aquele cinza, causa muita depressão nas pessoas.” – expõe a agente pública

Uma historiadora que visitava a Vila contou sua primeira impressão do lugar: o ambiente úmido, associado a edificações deterioradas, se interliga com a sensação acima descrita:

“Aqui foi a primeira vez que eu percebi um chão úmido. Confesso que senti um pouco de aflição, não é somente a umidade do ar, mas muito musgo no chão. E quando a gente começou a descer eu vi uma cidade muito umedecida. Eu percebi muito essa coisa da água em todo o canto, no ar, na terra. Eu fiquei aflita por enxergar um tudo que parece estar desmoronando, se deteriorando... que não é tão sólido quanto parece.”

Há também relatos sobre a sensação de mistério que a neblina provoca, trazendo consigo certo receio frente ao desconhecido, que tende a se estender às relações pessoais, como descreveu o funcionário público:

“... quando você está lá na Parte Alta, indo para Parte Baixa: quando não tem neblina a paisagem é lindíssima, mas quando tem neblina, você não consegue ver nada; você não consegue saber o que vai encontrar. Isso é marcante lá naquela ladeira, naquela hora que você está na neblina, em Paranapiacaba, entra a questão

*do desconhecido ... até hoje eu sinto isso, ainda mais pelas questões que eu lido no serviço. Quando eu cheguei lá pela primeira vez, eu lembro até hoje, era uma neblina que eu não enxergava nada. Realmente é um ponto de interrogação: 'O que eu vou encontrar lá? Quem eu vou encontrar lá?'. Você vai se maravilhando com aquilo que está a dois metros de você, mas você vai encontrar o desconhecido."*

Essa sensação de mistério parece incitar a necessidade de recolhimento, o que também faz com que se mantenha certa distância em relação ao outro. No vivenciador parece desencadear insegurança, como se o chão desaparecesse sem aviso prévio...

A relação entre moradores é mais um dos paradoxos da Vila. Na discussão em grupos dos mais jovens, as reações ao fenômeno foram diversas:

*"Eu já fico cabreiro com essa neblina. Talvez porque eu tenha vindo de São Paulo, acho que tenho um modo diferente de pensar de quem nasceu aqui. (...) Mas mesmo eu sabendo disso, quando eu vejo a neblina eu sinto medo e 'vazo' pra dentro de casa. Não é bem quando vem neblina, é quando vem neblina e está de noite. Porque eu, que moro no Rabique, fico na Vila praticamente o dia inteiro, e só volto para casa quando está anoitecendo. Tudo bem, eu volto de boa, mas com aquela preocupação na mente: não é medo de bicho ou assombração, mas de alguma maldade que possa acontecer. "*

Paralelamente ao medo existem os 'jogos de invisibilidade', que se estão entre sentir medo e usar a neblina como uma espécie de proteção. São jogos presentes nos arranjos sociais e na relação com outros fenômenos naturais, que não "obedecem" ao que se espera<sup>39</sup>:

*"Para mim, se tiver neblina é bem tranquilo. Gosto da cor dela tampando tudo. Gosto de passar e ninguém me ver. Passar despercebido, sem ninguém me incomodar" – confessa outro jovem.*

*"Eu também gosto da cerração. Como eu moro em um ponto afastado da Vila, quando dá cerração, eu costumo ir pela linha do trem, pois se tiver algum bicho por lá eu não vou conseguir ver. Nem ele vai me ver. Então, isso é uma coisa que gosto muito na cerração. Ela me dá segurança" - completou a colega.*

Os relatos sobre a neblina também mostraram sentimentos ambíguos e até mesmo contraditórios. Ela colabora, dando invisibilidade para quem não quer ser visto, intimidando os recém-chegados, mas ainda assim é considerada um cartão postal para o turismo, como afirmou um jovem morador:

39 - A sensação de mistério também se revelou nas entrevistas associada às várias lendas de assombrações - peculiares ao lugar – além das declarações de fundo místico relatadas por alguns dos entrevistados, o que atribui à Vila a categoria de "uma das sete cidades mágicas do mundo". Em contraste a essa visão, um entrevistado atribuiu o uso de narrativas de assombração pelos ingleses como forma de dominação através do medo do desconhecido

*“Uma grande diferença que existe entre nós e as pessoas que vieram de uma metrópole, é que **elas ficam assustadas com a neblina, com medo de assalto, medo de não estar vendo um palmo diante do nariz. Já a gente que nasceu no meio dessa neblina, a gente não sente medo diante do que não vê.** (...) É verdade que às vezes ela atrapalha, porque ela pode estragar algum compromisso da gente, como alguma atividade na mata. Mas a neblina é nosso maior cartão postal. O turismo de Paranapiacaba foi construído em cima disso aí. “*

A intensidade manifesta na natureza chega a intimidar o forasteiro e desencorajar o vivenciador. É preciso ter um forte motivo para enfrentar a atmosfera que a natureza convoca, como descreve uma antiga moradora:

*“Veja bem, quando você abre a sua janela de manhã e vê aquela neblina, aquela serração, você quer fechar e voltar para dentro. A gente só sai se tiver alguma coisa para fazer.”*

Paradoxalmente, as intermitências naturais manifestas na *paisagem banal* produzem *sensações de encantamento* com aquilo que se revela ou se insinua em partes e em momentos não esperados. Uma moradora descreve o que via quando abria a janela de sua casa (na Serra):

*“Ali no alto tinha muita garoa, cerração, e de lá eu olhava a Rua Nova com aquele solzinho, daí eu falava: ‘Caramba, só aqui não tem sol!’ e, às vezes, tampava e eu não via mais nada. Depois dava aquela abertura, assim... Daí ficava a cerração de um lado, tampando as casas e do outro ficava aquele sol! Era bem bonito, eu ficava sempre olhando... é que a casa que eu morava tinha um sótão bem alto, de onde eu ficava olhando.”*

Ainda que a intensidade da natureza revelada no cotidiano como paisagem banal possa incomodar seus vivenciadores com a dureza semelhante a lugares inóspitos, sua inquestionável exuberância está sempre presente - mesmo que embaçada pelo desgaste da rotina, podendo surpreender a qualquer momento. É como se no intenso jogo de *aconchego/hostilidade* ela se mostrasse *estranhamente bela*:

*“Às vezes, acontece da gente estar num mirante num dia de fiscalização da trilha e pega o dia com uma ‘paisagem favorável’, que te permite enxergar. Digo ‘favorável’ no aspecto da visualização que te choca quando você vê (mesmo com neblina) **algo que foge um pouco do que se está acostumado e te tira da rotina.** É difícil descrever o que se sente, você está lá com um objetivo, você está para cumprir uma rotina e de repente você se depara com algo que te faz falar: ‘Nossa que lugar bonito esse que eu trabalho!’ (...) Vindo para cá todo dia, normalmente não se percebe, mas acontece, às vezes, quando se está mais desligado... não sei direito o que dispara isso, né? Só que não é todo dia que eu consigo ver isso, como a gente atua aqui tão cotidianamente, não é fácil perceber assim. Mas tem hora que acontece da gente olhar para um lugar e sentir uma emoção, parecida com a vontade de chorar - mas não é chorar, eu não sei explicar isso - e pensa: ‘Nossa como é bonito!’ – descreveu um dos agentes.*

Ou seja, mesmo mergulhados na rotina, estar na Vila é uma oportunidade de ser surpreendido pela paisagem, com um choque de presença capaz de produzir um “descolamento de posição”, como se a natureza estivesse comandando a cena. É um dos modos de acolhimento do lugar; são momentos onde há menos espaço para o protagonismo humano por estar diante de um fenômeno muito forte, estrondoso. É como se esse fenômeno provocasse certo tipo de êxtase que requer imobilidade para sentir e reverenciar o que se mostra.

É a *Stimmung* dando forma à paisagem que (*in*)surge no meio rotina, como uma *quebra* na lida de todos os dias...

Os relatos sobre manifestações naturais na paisagem muitas vezes são relacionados a algo que *invade* e toma o controle, não apenas por *encantar em um choque presença*, mas por impedir a visão do que há pela frente, impondo assim a imobilidade, mesmo que momentânea - um tipo de dominação, mesmo sendo efêmera.

Esses são momentos em que o que foi construído pelo humano se torna um tanto esgarçado e, metaforicamente falando, tende a ficar embaçado pela névoa.

Como mencionamos, o *sentimento de invasão* que se expressa em dimensões diferentes e superpostas desestabiliza, produz incertezas e também é fator condicionante para medo, desânimo e desgaste, dificultando a concretização de planos pessoais. É provável que quando essas sensações ocorrem num lugar marcado pela forte presença da natureza e por uma paisagem intensa, seja mais difícil planejar e tomar decisões. É como se houvesse uma compressão da ação humana, que se retrai no terreno da reação. Nesse contexto, paisagem se torna uma plataforma ideal para perpetuar *esperas* por tempo indeterminado ou cristalizar a paralisia.

“...meu marido, que tem quase oitenta anos, disse que não vai pagar aluguel fora se tem casa e, assim a gente vive que nem os passarinhos que nem avoa e nem sossega a cabeça” – antiga moradora.

#### ▪ AS PESSOAS COMO MOVIMENTO DA PAISAGEM:

A paisagem revela o movimento das pessoas a céu aberto, de modo que elas próprias se tornam o movimento que marca a terra. A paisagem relatada pelos vivenciadores de Paranapiacaba traduz jogos de alternâncias que se estabelecem entre as pessoas e o meio, revelados entre o distanciamento e a aproximação, a reverência e o acolhimento. Se a neblina invade e exige adaptação do morador, esse mesmo morador tem acesso à mata e aos cursos d'água que o acolhem.

Com o passar dos anos, especialmente os antigos moradores estabeleceram uma relação mais reverente com a natureza e a paisagem. Aos muitos exemplos já apresentados acrescente-se o tipo de convivência desenvolvida com os animais que frequentam o lugar. Não

é hábito desses moradores sair para caçar. Ao contrário, eles desenvolveram uma noção de cuidado e intimidade no trato cotidiano com alguns animais:

*“...falaram que viram um macaco vermelho lá no Rabique.”*

Pesquisadora: *“Grande?”*

*“Não. Mas é comum ter sagui no Rabique. Na época de abacate, os saguis vêm comer. Mas conforme as pessoas entram nas trilhas eles se espantam. Eles são ariscos. No Morro tem mais tucanos, eles vêm comer mamões que o vizinho coloca no muro em frente de casa.”*

Pesquisadora: *“Onde?”*

*“Ali, ao lado do pé de cambuci”.*

*“Lá na minha casa (no Rabique) a gente dá bananas para os saguis pela janela; quando eu trabalhava na casa do Dr. Ronaldo também tinha e eu dava frutas pela janela”.*

Sem dúvida, isso retrata relações de grande vigor com o entorno, trazendo à tona uma dinâmica do humano com a paisagem bem distinta da propagada pelo turismo, que é fotografável, mas revela que a relação entre pessoas-paisagem-natureza ocorre em meio a constantes movimentos. Se preservar a Vida significa considerar crescimento e movimentos constantes, não é possível “congelar” a Vila como estratégia de preservação.

Vários são os relatos sobre a energia presente na relação moradores-paisagem-natureza. Um dos aspectos interessantes é a convergência de sensações e ideias inspiradas pela convivência com a mata. Com exceção do segmento de jovens, os outros segmentos ouvidos se mostraram mais inclinados a um encontro mais fortuito e distanciado com a mata que circunda a Vila. Nos três segmentos isso foi claramente associado à forma pela qual os diferentes níveis governamentais dirigem as normas de uso que, segundo eles, privilegia o uso turístico.

De modo geral, demonstraram ressentimento diante das restrições feitas pelo poder público quanto ao uso e contato com a **mata e cursos d’água** sob o argumento da preservação. A revolta com as proibições ficou clara nas entrevistas na forma de desistência ou distanciamento na relação com esses elementos naturais. Segundo relatos, regras preservacionistas inibiram ou desestimularam a aproximação direta.

*“Eu não procuro o mato, minha esposa é que faz percursos de caminhada na estrada. Mas, sinceramente, eu não tenho essa ligação, não. (...) Aqui [dentro da Vila] é muito agradável: como acontece de sábado e domingo, poder conhecer pessoas novas e, de segunda a sexta, por mais que a gente goste de ficar dentro de casa, chega uma hora que a gente precisa sair um pouco e arrumar um parceiro para fazer fofoca, falar de uma notícia do dia anterior, falar de política.”*

*“O quintal dos fundos [da minha casa] é uma mata!”*

Pesquisadora: *“A senhora costuma ficar no quintal?”*

*“Vou nada! Eu fico sentada, encolhidinha, no canto. Fico vendo televisão também. Eu gosto muito de ver reportagem, sabe? Não gosto de sair para o meio do mato!”*

Na opinião da maioria, o uso da mata não é para eles. Houve quem ironizasse dizendo: [A mata] *pertence a Deus, acho; porque aos moradores é que não é!*

Pesquisadora: *“Para que entram na mata?”*

*“Hoje vão para passear, acho. Antigamente caçavam; o pessoal armava arapuca, mas hoje entra por esporte. (...) Hoje é pra atividade de ecoturismo e passeios ecológicos(...). Outro dia eu fui ao Poço Formoso porque vi que as pessoas estavam descendo lá de carro. É uma coisinha de nada, eu sei, até porque ali também descia o jipinho da Eletropaulo. Mas isso a gente vê como uma invasão, por mais cuidado que elas tenham. Por outro lado, a gente sabe não pode só fazer críticas [à prática ecoturística], porque além de educar as escolas, é também é o serviço dele [monitor].”*



Fig. 35 - No caminho, voltando pra casa. Foto: Israel Lopes, 2018.

Numa leitura mais apressada, as falas acima podem sugerir que os moradores antigos não se importam com o entorno majestoso, mas a análise contextualizada revela uma profunda emoção, sobretudo nos momentos em que descreveram a vista contemplada das janelas de suas casas – *“Eu gosto de ver da minha janela”*, ou até mesmo na frase: *“Não gosto*

*de entrar na mata ou na água, mas gosto de chegar perto*". Semelhante emoção se percebe no alívio sentido no retorno à Vila ("*Quando a gente está voltando (...) parece que o coração até se abre*"), bem como no orgulho da própria casa que fica "*no meio do mato*".

Na discussão com jovens e com as mulheres, a queixa contra as regras de preservação tomou vulto. Para eles, sua aplicação é mais rígida quando se trata do uso cotidiano (e, portanto, dos moradores) do que quando se trata da prática do ecoturismo. Em outras palavras, os interesses econômicos acabam favorecendo "os de fora". Uma moradora relatou experiências que comprovam as restrições:

*"Eu sou aventureira, gosto de subir em árvore, dessas coisas perigosas (...) Só que eu não posso fazer isso, porque é tudo fechado! Outro dia eu fiquei muito aborrecida, minha irmã veio e pediu para ir um pouquinho na Pontinha; daí eu mandei meu filho buscar a autorização para entrar na trilha levando os documentos (RG, comprovante de endereço). Mas dali a pouco, ele voltou dizendo que não podia e que eu tinha que ir lá pessoalmente. Daí eu não quis ir mais não. Perdi a vontade de ir. Para que isso, gente? (...) Eu ouvi falar que até pode entrar na Biquinha dos Namorados. Daí, outro dia, cheguei com um casal de parentes e estava um funcionário lá, daí eu perguntei: 'Será que a gente poderia passar o portão?'; daí ele disse: 'Não, de jeito nenhum' (...) daí ele respondeu que se a gente fosse eu ia ter que pagar uma multa, porque ali não era permitido para morador. (...) Nossa, a gente não ia fazer nada de mais, era só para chegar perto do riozinho! Por isso não tenho mais vontade de sair, de fazer nada (...). A gente faz uma caminhada de manhã, vou até a Água Fria e volto, é um lugar no mato que tem um riozinho. Antes a gente chegava até uma cachoeira bonita, mas depois que caiu uma pedra, eles isolaram. Eu até já tomei um banho gostoso naquela cachoeira, logo que vim morar aqui, mas agora a gente não pode mais. Então essas coisas a gente vai desanimando."*

Um morador antigo destacou o que leva os que moram na Vila ao "cuidado com a mata": às vezes motivos econômicos, outras vezes, um sentido de apropriação do lugar

Como se quisesse chamar a atenção para as muitas tonalidades presentes nas formas de *cuidar* – que vão desde *administrar com eficiência* a *velar com carinho*, o morador relatou a sua própria forma de "cuidar". A disposição espontânea e atenciosa para aconselhar os incautos sobre o trato com a mata – mesmo que ela pareça não lhe pertencer mais - também indica um forte laço afetivo com o natural:

*"...existe uma vantagem comercial [em deixar as pessoas entrar na mata], não vamos negar, mas o que a gente pode fazer em relação ao cuidado com a mata é quando alguém aparece aqui e fala que quer 'desbravar' a mata, a gente aconselha que não faça isso."*

Por sua vez, o grupo de jovens reivindicou a apropriação de modo especial desses espaços preservados . O desejo latente pela experiência da paisagem nos pareceu óbvio e a busca pela fruição do natural como um direito. Um direito do qual não se mostraram dispostos

a abrir mão.

A discussão sobre a apropriação da mata também apontou para uma contradição sobre “o que” (e “como”) deve ser preservado em Paranapiacaba. A questão pareceu ir além do conflito entre poder público e população. A divergência de pontos de vista, que se estabelece entre o “olhar” tecnicista e o “olhar” do cotidiano, está presente entre os próprios moradores.

No relato abaixo, pode-se verificar o confronto entre a visão do morador sem ligação direta com o turismo e o morador monitor, que se mostrou mais alinhada com o ideário ecológico:

*“A comunidade não se apropria tanto [da mata], porque existe um problema sério com a comunidade local também, né? As tradições são meio complicadas. Eu conheço muitos caçadores que construíam jirau, que hoje são bem preservacionistas, que lembram com carinho, e sentem saudade dos bichos. Às vezes, eu estou lá no Morro vejo os comentários: ‘Escute... esse barulho é de não-sei-o-que... Poxa, antigamente tinha muito mais som de animais!’, então hoje eles gostam muito mais. Mas também tem gente que abre a janela e vê um macuco, um passarinho ali e fala: ‘Nossa, que vontade de botar esse bicho na panela!’. Daí a gente tem que ficar o tempo inteiro com as crianças, a gente tem que dizer o tempo inteiro ‘Não pode levar lixo’ e para os adolescentes: ‘Tira a garrafa! Vá usar droga lá fora, poxa, você não precisa usar isso aqui!’” - explica o morador monitor.*

Pesquisadora: “Os moradores estão preocupados com a mata?”

*“Não, eles não estão, porque os moradores não entram na mata. Ninguém vai plantar um mato, porque já está plantado. Ninguém vai tomar banho de cachoeira, nem nada. É a minoria que vai. Isso não é atrativo, porque é longe, são duas horas de caminhada (ida e volta). Agora, vou dizer uma coisa e vocês vão me desculpar: eu nunca entrei no mato, aliás, moro aqui há 35 anos e só entrei na mata três vezes. (...) Agora eu vou falar uma coisa: ‘o que está danificando o nosso mato?’, independente dos cuidados que se tem para não jogar lixo, não quebrar árvore, essas coisas, o que tenho notado é que nunca teve muitos caçadores em Paranapiacaba - tinha alguns que armavam arapuca, mas não tinha impacto relevante, ainda menos agora - entretanto eu acho que o mato é hoje muito mais invadido do que naquele tempo quando tinha o pessoal que armava arapuca. É invadido pelo turismo! Não é todo mundo que tem o mesmo cuidado que ele [que é monitor e morador] tem. É óbvio que colocar cem pessoas numa trilha vai espantar os animais, por mais ecológicas que elas sejam.” – contrapôs um morador aposentado.*

Há no relato um recado importante: com o intuito de preservar, a gestão local restringiu o contato direto do morador com a mata de entorno. Porém, ao fazer isso esqueceu o forte impacto causado pelo ecoturismo que permite a entrada de inúmeros forasteiros na mata.

Além disso, na visão dos “de fora”, a ideia de preservação está intimamente

atrelada à exuberância e grandiosidade da natureza, mas não contempla a vivência cotidiana, fazendo assim movimento contrário à intenção original de preservação da dinâmica da Vila. Com isso corre-se o risco de desproteger ou mesmo agredir a alma do lugar – e há de se convir que a “alma do lugar”, como aquilo que enuncia sua verdade intrínseca, vem daqueles que permanecem e vivenciam seu dia a dia.

Ao que parece, por motivos técnicos respaldados pela legislação ambiental brasileira que enfatiza as florestas<sup>40</sup>, tanto a gestão ambiental quanto o Patrimônio têm dado mais ênfase ao controle da mata, atentando para sua grandeza e exuberância. Pode ser que pelas exigências da lei ela tenha produzido uma preocupação maior em manter da mata *intocada*, medida não muito aplicável aos corpos d’água, por exemplo.

Independentemente dos motivos, observa-se na prática do dia a dia que o morador ainda consegue manter um contato mais próximo com a água do que com a mata fechada. Por esse motivo talvez a água tenha ficado mais marcada nas falas e na memória dos moradores como algo que ainda lhes pertence e no que se reconhecem:

*“É o riozinho que ouço no outro lado da rua;”*

*“É o corregozinho no fim da trilha que faço caminhada; “*

*“É a mina onde pego água pra beber.”*

Assim observaram-se várias relações sensoriais com a água. As relações podem ser diferentes para cada pessoa. O relato de uma das moradoras aponta para sensações paradoxais, como *satisfação* e *receio*, que podem surgir com a simples aproximação da água e, numa das dimensões de aproximação desse elemento está o desejo de se apropriar da paisagem que o poder público institucionalizou:

*“Gosto da água, não gosto muito de entrar, **mas gosto de chegar perto**. Já entrei na cachoeira, mas só um pouquinho. Porque tenho medo de me afogar. Eu gosto mesmo é de entrar no mato”. – confessou a mesma moradora que se sente aborrecida com as restrições da Prefeitura.*

Neste sentido, por estar espalhada em pontos difusos do lugar, é como se a água pudesse escapar um pouco dessa “intocabilidade institucionalizada”<sup>41</sup>, e estivesse mais disponível para as pessoas no cotidiano. Nas mesmas condições, essa relação com água proporciona à trabalhadora uma oportunidade de pausa, uma refrescante quebra na rotina de um dia quente, absorvida numa ampla experiência áudio-visual-sensorial:

40 - Trata-se do Novo Código Florestal Brasileiro (Lei Fed. 12.651/12)

41 - Para compreender melhor a “intocabilidade institucionalizada”, recomenda-se a leitura da dissertação apresentada à FAUUSP, intitulada “Navegando entre o sensível e a pressão - o caso da Sub-bacia do Córrego Taióca” (ALBUQUERQUE, 2012), particularmente o capítulo 2, que trata dos limites, conflitos e avanços da legislação protetiva ambiental em relação à gestão dos recursos hídricos em área urbana..

Fig. 36 - Poção do Rabique. Foto: Fábio Spavieri, 2014.

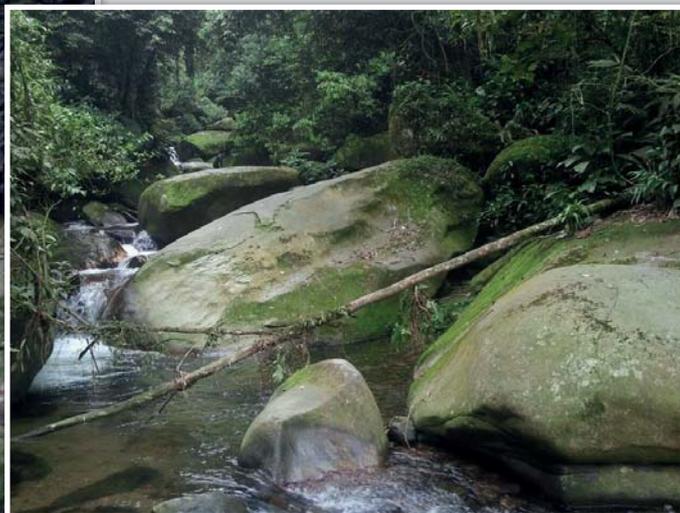


Fig. 37 - Poço do Formoso. Foto: Israel Lopes,



Fig. 38 - Água da fonte.  
Foto: autora, 2017.



Fig. 39 - Água do Céu. Foto: da autora, 2016.

*“...outras coisas pequenas que tem lá é do outro lado da rua onde trabalho. Lá passa um corregozinho que vem da nascente, então é o dia inteiro aquele barulho de água, uma delícia! Então quando está muito calor, arranco o tênis e vou lá molhar os pés na água. As crianças ficam nadando... a natureza se mexe muito naquela Vila que não está se mexendo. Sim, lá a natureza é muito vibrante! “*

Outra agente pública partilha sua experiência paisagística no caminho para o trabalho, na sonoridade da água, em que a visão não é a entrada sensorial principal:

*“... Eu gostava de fazer uma caminhada e parava em frente da entrada do ‘Parque Nascentes’ e ficava parada lá para ouvir o barulho da água ou, quando conseguia, andava de olhos fechado“.*

#### ▪ ENTRE A EXUBERÂNCIA E A INTERIORIDADE:

A exuberância da paisagem de Paranapiacaba é marcante... é impossível não percebê-la logo à primeira vista. Como já dissemos, é um aspecto bastante valorizado pelo turismo e notoriamente reconhecido por instituições governamentais, inclusive no âmbito internacional.

Assim como o poder público, os vivenciadores do lugar também valorizam a paisagem que é apreendida pela visada, relacionando-a a beleza. Vários deles citaram locais favoritos para explicar a paisagem como “vista panorâmica” e de longo alcance. Um dos jovens moradores citou o funicular como seu lugar preferido:

*“A minha vista predileta é no funicular, é uma paisagem sem fim... me sinto dentro de uma maquete. É uma visão infinita, do ponto mais perigoso ao mais confiável“.*

*“A vista da ponte, do Museu, acho muito bonita.“* - complementou outro jovem

Na paisagem banal o belo se derrama generosamente e fica à disposição do olhar do vivenciador no dia a dia, sobressaindo-se às adversidades da vida e do lugar que se revelaram ali:

*“... Tem a Caixa Preta ou a Colina do Vale, atrás da padaria, é um lugar que a gente costuma ir (...). Ali em cima no sentido do Instituto de Botânica para a mata tem as torres de transmissão que descem para o litoral. Ali tem um descampado bem bonito e se vocês quiserem ir a gente leva, é muito bonito.“* – convidou-nos um dos jovens.

Segundo os relatos, há lugares dentro na Vila em que a paisagem exuberante reincidentemente se revela no panorama. O alto da Cruz, o Locobreque, a Ponte (passarela que liga o Morro à Parte Baixa), o Castelinho e o Museu foram os pontos mais destacados nas

falas dos agentes, dos visitantes<sup>42</sup> e dos moradores. Um dos agentes públicos que prefere a vista da Ponte explicitou:

*“Eu gosto muito é de ficar na passarela, eu adoro ali. Por que ali está a divisão, é o marco. Porque a passarela tem a relação com o verde, com a Parte Alta e com a Parte Baixa. É como se você estivesse no ponto zero do núcleo, né? (...) Eu gosto de olhar para o relógio. Mas eu olho muito para o lado de lá porque a minha cabeça me remete ao tempo em que eles faziam o transporte para Cubatão. Fico imaginando: “Como será que era os trens transportando o café vindo do interior até Santos?... Começa a virar a página assim, acho muito legal. É uma viagem no tempo total!”*

Ainda que muitas vezes embaçada pela rotina do dia a dia, é nesses pontos que essa paisagem oferece (especialmente aos moradores) mais do que uma abertura para o olhar amplo, mas também abertura de espaço para o cultivo do encontro.

No desejo do encontro a céu aberto, os vivenciadores de Paranapiacaba nos revelaram que a paisagem vivida no cotidiano tem diversas dimensões, em que a exuberância também se manifesta na *paisagem banal*, na paisagem do dia a dia.

A *paisagem banal* inclui a dimensão do panorâmico – aquilo que está atrelado à sensação de altura e amplidão, comprovado pelo sentido do visual que vai ao longe, mas ao mesmo tempo, se estabelece na conexão com aquilo que está ao redor, no imediato.

A oportunidade para *se encontrar* (com os outros e consigo mesmo) foi citada várias vezes nos relatos, quase como um contraponto aos problemas de convivência dos dias atuais. Sobretudo no grupo dos mais antigos, a oportunidade de “se juntar” foi descrita como algo importante que se perdeu. É algo de que sentem saudade. Lamenta-se a perda de contatos e laços sociais que segundo eles foram se enfraquecendo a partir das rupturas históricas da Vila.

*“Hoje a gente não tem onde se reunir para conversar (...). O que acho que se perdeu daquela época era que em dias de festas as casas eram abertas, então não era preciso um convite formal para participar de uma festa. Era só entrar e conversar. Isso deixa um pouquinho de saudade (...). Quando uma casa ficava fechada por determinado tempo, a gente já ia verificar se estava acontecendo alguma coisa. É um tipo de preocupação que a gente ainda nutre lá na Parte Alta, quando a gente não vê as meninas [vizinhas, conhecidas] ou algum colega. Ainda ficou um pouquinho disso. “*

*“Isso mesmo, a gente se reunia; era um que jogava bola, outro nem*

42 - Visitantes: esse segmento não fez parte da amostra da pesquisa qualitativa, no entanto, conforme descreve o Capítulo 2, diversas falas coletadas durante a realização da Oficina de Práticas Urbanas (ENANPUR) corroboraram os relatos desta pesquisa acerca do que o lugar “fazia sentir”.

*tanto, e ficava assistindo, o outro abria a porteira... Se a gente queria fazer uma coisa, tinha essa convivência” - outro morador antigo completou.*

Os jovens, por sua vez, descreveram vários lugares na Vila que naturalmente atraem as pessoas e proporcionam o convívio, onde desfrutam da companhia de amigos e fazem novas amizades. É onde o fenômeno da *pracialidade*<sup>43</sup> acontece.

Pesquisadora: *“Qual é seu lugar preferido?”*

*“... O Locobreque, no gramado. Lá tenho amigos, é onde a turminha da minha sala se encontra sempre. É o lugar que mais gosto de ficar a noite. É no fim da estradinha, é um gramado e tem umas locomotivas enferrujadas. É um lugar gostoso. Para mim é sempre um ponto onde a gente se reúne. Acho que a grama é uma coisa que nos atrai para lá e quando a neblina desce é muito bonito. Eu gosto muito da neblina lá, me dá uma paz. Então, o lugar é bom e a neblina é gostosa para estar com pessoas que você gosta...”*

Pesquisadora: *“E se pudesse descrever com uma sensação física do corpo?”*

*“Ah, é parecido com um beijo na testa da minha mãe.” – explicou uma das moças que participou do grupo de discussão.*

Talvez o sentimento da jovem reflita o desejo de se apropriar mais dos espaços da Vila, da cidade. Talvez até pelo modo de vida, para os mais velhos essa exploração não seja mais necessária e a busca pela paisagem esteja em lugares próximos, ou melhor, na conexão com “o próximo”. Ao que parece, os mais velhos sentem saudade de uma coisa que aconteceu e que não tem muito a ver com a oferta de equipamentos culturais, mas tem a ver com um saudosismo de estar perto dos outros, de poder se ver.

Na perspectiva de um dos jovens, mais do que oportunidade para se reunir com os amigos, o desejo de paisagem inclui equipamentos e melhores condições para atividades recreativas e culturais. Entre queixas recorrentes, como “não tem nada pra fazer aqui” ou “não nos deixam fazer nada” – referindo-se às ações da prefeitura – lamentou: *“Eu gosto do Campo... e só de ver o como estragaram tudo e largaram abandonado, aquele lugar onde o meu time Coringão jogou, dá até um aperto no coração”*.

Os jovens desejam a cidade toda, querem “o acesso” em sua plenitude - a conexão com as pessoas, com o natural, com os espaços... tudo!

43 - Pracialidade é um termo cunhado por QUEIROGA (2001) para definir um fenômeno que acontece em lugares onde *“apropriações eventuais ou cotidianas e transcendem a funcionalidade mais específica do sistema de objetos, transformando-os em espaço de encontro e convívio públicos, de manifestações populares, da política lato sensu, da constituição cultural dos lugares, da razão comunicativa - vivida cotidianamente”*. Verificam-se, portanto, locais que apresentam forte pracialidade e que não necessariamente precisam ser propriedade pública, mas que se transformam em espaços de encontro e de manifestação pública (QUEIROGA *et alii*, 2013:09-10)

*“Quando está calor, a gente vai para a Pontinha, para o Poço Formoso, para as trilhas e cachoeira – [ou jogar bola]. Mas quando tem muita gente na ponte – principalmente de final de semana - eu não gosto, daí eu fico tipo uma hora e depois vou embora.*

Esses relatos mostram que ali há desejo latente de paisagem. E são várias as dimensões de desejo. Ele não pode ser entendido de uma forma só, uma vez que sua característica é a diversidade. Ele não é o mesmo para cada pessoa. Esse é um princípio importante a ser considerado por uma gestão que valoriza as pessoas e o lugar: não há um tipo de apreensão apenas e, dependendo da posição, o desejo de paisagem aparece de forma diferente

A *Paranapiacaba* descrita pelos vivenciadores deixa claro que sempre que alguém quiser considerar a paisagem, nunca poderá lidar com algo estanque, homogêneo, porque ela é diferente para cada um que a apreende.



Fig. 40 - Vista da Cruz. Foto: Paula Vicente, 2017

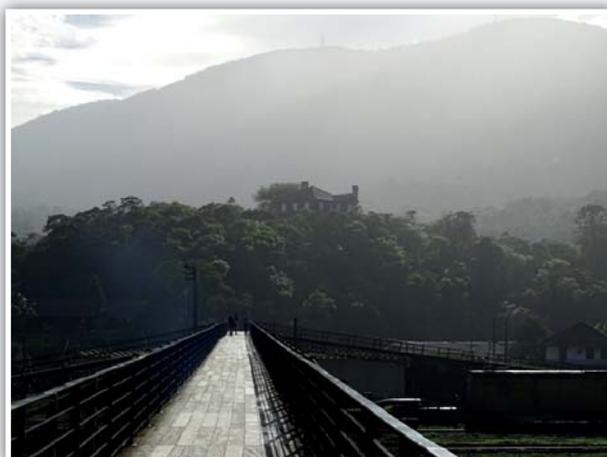


Fig. 41 - Ponte, para a Parte Baixa. Foto: Israel Lopes, 2014.



Fig. 42 - Locobreque. Foto: Paula Vicente, 2017.

É preciso estar atento para isso: os desejos e necessidades de seus moradores são diversos. Não é possível capturar uma única nuance desse desejo e supor que o representa.

Obviamente os mais velhos não estão pedindo equipamentos, mas valorizam a visão de suas janelas e desejam que a convivência seja restaurada, como se dissessem: “Eu quero compartilhar, eu olho as janelas (não somente no sentido físico, mas dos diversos tipos de relações) e vejo que muitas delas estão ‘fechadas’, mas eu quero conversar”.

Talvez essa seja uma questão que exige mais atenção do planejamento da Vila: *encontrar-se para conversar* é um jeito importante de se apropriar do lugar. E essa apropriação pode ser mais fortalecida na estruturação de pequenos lugares (cantos afetivos) onde seja possível sentar para conversar com o vizinho, ao invés de grandes equipamentos muito estruturados.

Por outro lado, nos relatos dos jovens percebe-se que há uma disposição para contestar a autoridade, não só porque isso é típico da juventude, mas para dizer: “Isso aqui é meu! Eu tenho direito de usar!”. Os jovens querem, buscam com inteireza e se entregam às experiências sensoriais de paisagem, não somente pelo olhar, mas com todos os sentidos. E nesse ímpeto, mesmo debaixo de diversas restrições, os jovens insistem na paisagem, como se fosse uma forma de brigar pelo lugar, por sua apropriação.

Esses sentimentos de paisagem mostram o tempo todo que a *pracialidade* pode estar em espaços institucionalizados para uns, mas para outros pode estar até mesmo em uma calçadinha com algumas cadeiras. Sob essa perspectiva, a gestão da Vila precisa valorizar e proporcionar os espaços em que esse fenômeno - essa convivência desejada, esse “estar mais perto dos meus amigos para conversar” - possa se estabelecer.

A vontade de estar junto está associada a um sentimento de cuidado com o outro, e nisso há uma possibilidade importante para a gestão, pois *Cuidado* é primeiro passo para que a preservação seja um valor permanente e efetivo na Vila. E esse processo tem um efeito em cascata.

Os relatos também mostraram que sendo exuberante e pequena ao mesmo tempo, a *paisagem banal* se manifesta no ato de “parar para ver” e “parar para sentir”. Em seus lugares preferidos, como o Alto da Cruz, os jovens vivenciadores descreveram uma paisagem de parada, que pode ser panorâmica e pequena ao mesmo tempo, intercalando momentos de conexão com a amplitude e momentos íntimos, mesmo que vivenciados no coletivamente

*“A gente gosta da Cruz. A gente pode ir para outros lugares, para o Locobreque, para a cachoeira, mas a gente sempre para lá. Ali a gente fica conversando, reúne os amigos... Quem não está trabalhando fica lá e quem está trabalhando para lá quando está vindo do trabalho (...). Lá, tem uma vista privilegiada. Dá pra ver a Vila toda, toda a parte das casas. Dá uma energia boa. De lá a gente vê nossos amigos saindo de casa. Lá tem duas palmeiras onde a gente montou um ‘slackline’ e aí a gente passa a madrugada ali conversando tomando um vinho ou uma cerveja. Então a gente consegue juntar a turma do slackline e a turma que quer curtir uma ‘breja’. Ali rola uma união.”*

Assim como na citação do jovem, um funcionário também descreveu seu lugar preferido, um lugar para “ficar assim”, lugar para olhar, memorar, meditar:

*“Ah, um lugar para ficar assim é lá no Locobreque... se eu pudesse ficar assim, seria lá. Fica num lugar que vai beirando o Pátio Ferroviário, logo na entrada da Vila pela Parte Baixa. Tem um gramado e tem um trem da antiga ferroviária. Ali seria o lugar que eu sentaria e passaria horas. Ali é nostálgico, tem aquele trem todo enferrujado com as marcas do tempo, naquele silêncio... ali é para ficar bastante tempo mesmo, ali tem bastante do passado... dá uma tranquilidade. Ali está a entrada e a saída, né? É uma entrada para você conhecer a Vila, mas também é um ponto para parar, pois é onde também está a nostalgia. É naquele ponto que quando você vai embora deixa uma marca: ou o desejo de voltar ou o ‘nunca mais eu volto’.”*

A conexão com a amplitude revelada na exuberância da paisagem pode ser percebida na descida do Morro, no simples trajeto cotidiano de uma moradora (fig. 43):

*“Quando a gente desce o Morro a gente vê a Vila inteira, aquela vista bonita, que gostoso, que linda!. Tem a ver com lugar grande. (...) Você desce assim, se não tiver cerração (porque se tem fica tudo fechado), quando tem dia de sol claro, parece que você chegou à um lugar bem gostoso, **parece que você vem de um lugar de muita agonia e chega à um lugar gostoso.**”*

Pesquisadora: *“Isso é paisagem para você?”*

*“Isso mesmo, quando estou na minha casa, eu quase não vejo nada, mas quando chego na Ponte, dá aquela sensação boa, porque parece que você está no alto...”*



Fig. 43 - Vista de quem desce a Ladeira da Memória. Foto: João Dantas, 2018.

Certamente a paisagem é vivida através de diversas entradas sensoriais, não apenas pela ampla visão. Mesmo quando se revela pequena, é vívida e, muitas vezes, intensa. Essas características revelam sua dimensão não programável, que a define como aquela que escapa do controle e portanto acontece fora lógica institucional. Talvez porque inspira o sentimento de liberdade (já que não se deixa ser controlada), carrega o sentimento de vigor, o alívio da repetição e o encantamento da surpresa.

Ao se manifestar no engajamento do humano com seu entorno, ela própria passa a ser a conexão entre essas duas instâncias.

Momentos em que essa conexão *acontece* foram mencionados de diversas formas, mas uma das agentes entrevistadas citou o contato com a natureza como uma das possibilidades de energizar a vida cotidiana na Vila, como um contraponto à sensação de apatia e desgaste comum nas dificuldades enfrentadas no lugar:

*“Sim, acho que essa questão da natureza nos energiza (...). Nessa semana, quando a gente chegou, demos de cara com um jacu numa árvore. Às vezes eu estou subindo aqui e dou cara com um tucano, então essa parte é gostosa. E mesmo a parte histórica, né? Se a gente pegar o Mercado e as casas, quantas tristezas e quantas alegrias não passaram por aqui?”*

Se a paisagem vivida no cotidiano é reconhecida como algo que energiza o lugar e as pessoas, favorecendo o lugar da vida, é ela também que organiza os pensamentos e que tranquiliza. Além dos relatos que descreveram a paisagem como uma grande aparição, um momento de manifestação surpreendente, parte significativa lembrou momentos ou pontos de fruição da paisagem, apreendida na escala pequena, sentida de maneira íntima e profunda. Uma das moradoras antigas relacionou sua busca de conexão com a natureza como algo que *traz paz de espírito e coloca as ideias no lugar*:

*“A mata é um lugar de paz e tranquilidade. (...) Eu não gosto de andar nela, sinceramente falando, não. Mas quando a gente se sente trancada num mundo escuro, a gente pensa: ‘Eu vou dar uma volta naquela estrada que é só mato’. Daí a gente sente aquele vento, aquele ar e vai se sentir bem. Pode ser qualquer estradinha, ou trilha, sabe? Que vai sair em lugar que tem água. Lá tem muitas casas de amigos nossos. Casas antigas, que a gente vai pra lá e não faz nada, vai pra lá pra sentar e bater papo... Que nem a minha casa, eu moro em meio de uma mata, não é uma cidade, é uma mata mesmo. Em baixo tem um rio e um bambuzal enorme, e quando eu estou perturbada das ideias, eu entro numa trilha que tem uma curva, aí eu sento no meio do mato e fico lá. Daí eu vou com as crianças (bem pequenininhas) e fico com elas sentada na grama por horas. Aí dá aquela sensação de paz espiritual, você fica leve, parece que tudo o que você tinha de ruim fica ali. Por isso é que eu digo, o mato é bom. Se estou perturbada da cabeça, eu pego meu neto e digo: ‘Vamos dar um passeio no mato?’*

A paisagem de Paranapiacaba é reconhecida por sua exuberância e imponência,

porém os vivenciadores deram pistas de várias dimensões em que ela se revela no dia a dia. É uma paisagem que não tem sido apreendida pelas distantes intuições do Patrimônio e muito menos pelo valor monetário do turismo. A *paisagem banal* aparece quase sempre como uma paisagem pequena, disponível, porém muito vibrante. Muitas vezes acolhedora e intimista. É uma paisagem que efetivamente pertence ao morador e é sempre descrita como algo que os afeta, como algo tocante e, como algo que sempre está à sua disposição.

Talvez esses vivenciadores possam dizer que essa paisagem é um bem acessível, algo que não lhes foi tirado e, quem sabe, está fora do alcance “dos outros”, dos “de fora”.

### PARTE III: PISTAS DA PAISAGEM PARA NOVAS POSSIBILIDADES

#### 1 - LAÇOS HUMANOS NA PAISAGEM DA VILA:

*“A paisagem é uma escapada para toda a Terra, uma janela sobre possibilidades ilimitadas: um horizonte. Não uma linha fixa: um impulso”*

(DARDEL, 1952:41)

Os depoimentos colhidos junto aos moradores permitiram ver que naquilo que vivenciam como *paisagem banal* da Vila há fortes sinais de um sentimento que pode se definir como pertencimento. Essa constatação ganha importância, pois em certos aspectos a primeira impressão que se tem é que sua relação com a Vila não tem vínculos mais profundos.

Sua vinculação com o lugar fica clara nos relatos que atestam que o motivo de permanência em Paranapiacaba, mesmo diante de tantas adversidades, entre outras coisas é a intensa relação com a natureza e um sentimento de acolhimento e segurança que não têm nos grandes centros urbanos.

Quando indagados sobre “*O que te faz permanecer aqui?*”, moradores e também os agentes públicos falaram da sua *ligação* com o lugar, da relevância da natureza e de sua intensa conexão com a paisagem diária, cotidiana.

Nos depoimentos sempre surgia a afirmação de que “*Paranapiacaba é difícil e, muitas vezes, hostil...*”, porém complementavam afirmando que o sentimento de paisagem vivenciado no lugar faz “*valer a pena...*”

*“por causa do vento no rosto”*

*“por causa da caminhada na mata para refrescar a cabeça”*

*“por causa da neblina que beija minha testa”*

*“por poder refrescar os pés na água fresca no meio do expediente”*

*“por causa do som da água corrente que entra pela porta”*

*“pela possibilidade de descansar os olhos nas montanhas verdes e aveludadas”*

*“porque, de vez em quando, me surpreendo com a paisagem grandiosa e colorida no meio da rotina difícil”.*

É preciso dizer que em Paranapiacaba a *experiência da paisagem* não se restringe ao momento de exposição *a céu aberto*; a visada das janelas e portas foi mencionada diversas vezes como ponto em que esse fenômeno pode ocorrer. É como se dissessem que por elas a paisagem entra em casa, se incorpora às pessoas.

Assim como no século XIV, a janela “se oferece” novamente à abertura da paisagem pequena, em meio à cena hegemônica e institucionalizada do exuberante. Parece haver no olhar de quem mora ali uma disposição para essa relação diária, que a seu modo reivindica a denominação de paisagem. É por meio das janelas que muitas vezes, a paisagem é vivenciada plena de sentidos, conectando moradores ao “seu lugar” e colaborando para que a experiência com a natureza aconteça:

Pesquisadora: *“Qual é seu lugar preferido na Vila?”*

*“Gosto do pôr-do-sol da janela da minha casa, fica muito bonito!”*

Para essa jovem moradora da Parte Baixa da Vila, o sentido de beleza pode ser capturado pela janela de sua casa. É como se ela oferecesse a natureza de pertinho.

Em outra resposta sobre a vivência do lugar, os jovens mencionaram a janela como um elemento de mediação, um enquadramento ou um anteparo para “ver” o seu entorno:

Pesquisadora: *“Como é morar em lugar que tem essa mata em volta?”*

*“É bom, eu prefiro abrir a janela de casa e ver a natureza do que ver carro pra lá e pra cá...e ver prédios...”*

*“Eu também gosto bastante e isso é muito diferente de São Paulo. Pelas fotografias que tiram do centro, a gente vê que as coisas são vistas de cima. De cima se vê a beleza, mas o que tem em baixo? Em baixo tem outra realidade. **Aqui, quando você abre a janela, você realmente vê a beleza e quando sai lá fora você vê o sol, você vê os animais, você vê que há uma boa ligação da natureza, com os animais...**”*

O hábito de abrir a porta e “ficar olhando o que há” também pode ser desfrutado como uma espécie de recompensa após um dia de trabalho, como descreveu a moradora no grupo dos mais velhos:

*“Tem vez quando a noite está bonita, a gente fecha o comércio e desce para casa, mesmo quando está caindo aquela neblina. Eu tomo banho e depois da casa limpinha eu **fico um pouco lá fora**. Eu gosto de admirar, **eu acho muito bonita a vista**”*

*da Parte Alta para a Parte Baixa, porque à noite parece uma árvore de Natal. Eu gosto de abrir a minha porta e ficar um pouquinho fora para ver”.*

Segundo os moradores, as portas, e em particular as janelas, favorecem a apreensão de uma dimensão peculiar da paisagem e descortinam nuances que só quem vive lá pode ter. Isso, portanto, representa um momento particular e, de certo modo, uma paisagem *só deles*.

Os relatos, carregados de emoção, apontaram para uma relação especial, que se manifesta em uma conexão íntima, quando a paisagem se derrama para dentro de casa, o que faz lembrar as palavras de BERQUE (1994):

*“A paisagem é mais que uma forma exterior oferecida à visão; é, mais uma vez, uma entidade relacional que envolve toda nossa sensibilidade. A paisagem não existe fora de nós, que também não existimos fora da paisagem. É por isso que falar de paisagem é sempre um pouco uma auto referência”.* (BERQUE, 1994:40)

Pela janela, a paisagem sinaliza se é hora de sair, chamando as pessoas para fora ou se as convida a se aninharem em suas casas. Por vezes a neblina, o sol, o som das águas definem se “me recolho ou me exponho”:

*“Quando abro a janela e vejo a cerração, fecho tudo correndo e volto pra dentro de casa e só saio se tiver algum compromisso”.*

Pesquisadora: *“E você quando abre a janela e vê a neblina **também tem vontade de não sair de casa?**”*

*“Não! (diz a outra moradora) - “Aí é que eu levanto e vou pra rua. Eu adoro e acho o máximo quando está assim, porque fica fresco”*

Pesquisadora: *“Quando você sai pela porta da frente vê o quê?”*

*“Eu ouço muito a água descendo naquele córrego que tem do lado (...) é como uma música, o dia inteiro” - diz a agente pública*

Pelo registro dessa vivência - as aberturas (portas e janelas) que proporcionam essa experiência sensorial intimista, de uma *paisagem “só minha”* – surge outra pista que contradiz a pressuposição de um sentimento de não pertencer ao lugar. Mesmo nas falas dos que pouco se expõem a céu aberto, a visada da janela traz a sensação de ligação, uma espécie de imersão no lugar, uma fusão em que a indissociabilidade com o meio parece aflorar.

São momentos “particulares” que inspiram a identificação e apropriação do lugar, como expressou a moradora que olha pela janela do fundo de sua casa:

*“... fico olhando para as árvores e fico pensando: Ai meu Deus, eu podia entrar no meio desse mato e morar numa árvore... Eu moraria em uma dessas árvores e viraria uma selvagem”.*

Pesquisadora: “E se pudesse, o que você faria?”

“Eu ia construir o meu ninho: meu ninho na minha árvore e ali eu moraria”.

A partir de relatos como esses a ideia de um *desenraizamento crônico* foi deixando de ter consistência e ao longo da pesquisa tornou-se clara que existem *vínculos com o seu lugar*, revelados na paisagem que se manifesta através de portas e janelas, mas também na alegria das meninas que se reúnem de noite no Locobreque; no ajuntamento dos rapazes no Alto da Cruz para ver a Vila de cima; na descida do Morro após uma dura jornada de trabalho; na manifestação encantadora da paisagem que quebra a rotina; no escape mata adentro para organizar os pensamentos.

Em suma, todos esses relatos chamam a atenção para os vínculos com lugar e como *se revelam na paisagem*. Esses depoimentos podem ser tomados como indícios que apontam para a existência de fortes laços com o meio, o que é informação valiosa para um planejador urbano.

Tudo isso são insumos para cultivar o pertencimento. São sementes de afeto que deveriam ser trabalhadas nas propostas de preservação do lugar.

## 2 - MOVIMENTOS NA PAISAGEM:

“Paranapiacaba parece estar congelada, mas está pulsando lá!”

(Agente público entrevistado)

A Vila nasceu como palco de intensos fluxos de ir e vir. As trilhas indígenas, o caminho para o transporte de mercadorias e pessoas, trazem em sua história a marca de um lugar resultante de *deslocamentos*. Ao mesmo tempo, devido à possibilidade de observar a orla marítima, Paranapiacaba se transformou em *mirante natural* de onde se avista a imensidão do mar, proporcionando assim uma ótima oportunidade para uma *pausa* no meio do longo percurso imposto pelo transporte de bens.

Sob essa perspectiva, não seria de todo arbitrário considerar que o lugar, marcado por movimentos de *caminhar* (para ver) e *parar* (para se refazer), carregue até os dias de hoje resquícios do “*mover/pausar*”, num movimento pendular presente em certas dimensões da vida na Vila, como por exemplo, na atração que exerceu sobre certos segmentos como lugar de oportunidades transitórias de emprego e moradia (estar lá, mas com a perspectiva de se mudar de lá), ou nas idas e vindas imprevisíveis da neblina. Um vai-e-volta, um *caminhar/pausar* constante. Um movimento peculiar que anima as mediações daquela paisagem<sup>44</sup>.

44 - Esse movimento remete à *trajection*, conforme denominou BERQUE (1994:41) - “... isto é, a conjugação, ao longo do tempo da história e no espaço dos meios, dos fatores subjetivos e dos fatores objetivos que concorrem para a elaboração dos meios”

Tudo indica que Paranapiacaba tem a vocação de “ser várias” - e nessa dinâmica está o seu movimento. Por isso, ela nunca se adequará à condição de *paralisia* ou *congelamento* propícia apenas para um registro fotográfico. Ao contrário, a Vila parece dar manifestações constantes de seu desejo de voltar a ter luz própria.

Como *lugar de pausa*, pode ser ideal para re-energizar e, nessa perspectiva, sua paisagem talvez represente uma quebra de ritmo automatizado e se ofereça como lugar *aconchegante*, que convida ao relaxamento e reflexão.

No entanto, não é apenas um lugar bucólico; há nela uma intensidade que indica não somente calma e estabilidade, mas movimento complexo e intenso. É justamente nessa intensidade – repleta de contradições e sentimentos ambíguos – que parece residir a energia potencial que o lugar reserva para voltar a se iluminar.

A aparente apatia que às vezes surge na própria feição física da Vila, indica, no entanto, uma resistência passiva que não se submete à expectativa de representar uma “alma” que não é dela.

A falta de iniciativa e colaboração com os órgãos públicos, por exemplo, dá pistas de um lugar que reivindica, mesmo que silenciosamente, um espaço para que sua luz própria apareça.

Ao reconhecer que dar ouvidos a esse clamor é um passo fundamental para a efetiva compreensão do que de fato é esse lugar resgata-se uma característica marcante de Paranapiacaba como grande potencial para a gestão, enquanto lugar que tem em sua constituição a história de importantes caminhos paulistas. Contudo, Paranapiacaba é mais do que um *lugar de passagem*, é também *ponto de ligação* entre lugares. Esta é uma peculiaridade de sua origem que remete à capacidade de conectar<sup>45</sup>. *Conexão*, portanto, é uma possibilidade que deveria ser explorada.

### 3 - PAISAGEM PARADOXAL:

“A Vila tem várias ‘Paranapiacabas’, de qual você está falando?”

(Moradora entrevistada)

A Vila de Paranapiacaba carrega um traço da multiplicidade que, em algum nível beira o paradoxal.

Ela pode ser descrita como Vila operária e inglesa ao mesmo tempo; é vivenciada como serena e acolhedora, mas também como intensa e hostil. Pode ser muito fria ou muito

---

45 - Essa capacidade de conectar lança luz ao sentido de paisagem em INGOLD (1993), sendo ela “... o mundo como é conhecido para aqueles que nele habitam, de quem habita seus lugares e jornadas ao longo de caminhos conectando-os”,

quente... Sombria e silenciosa, em certos momentos, e colorida, ensolarada em outros. Parece uma pacata cidadezinha de interior, mas se comporta como um condomínio, repleto de fofocas e intrigas.

Enfim, ela é e não é...

Entenda-se aqui paradoxo como aspectos opostos que convivem lado a lado dentro da mesma dimensão. Em outras palavras, às vezes os elementos opostos se encontram, se unem manifestando um quadro de fusões e misturas.

Pode-se dizer que a paisagem de Paranapiacaba é cheia de paradoxos. Não só nos aspectos onde os elementos naturais são os protagonistas, mas na relação vivenciador/lugar, podemos perceber o mosaico de que é feita Paranapiacaba: não se pode negar que a “mão inglesa” deixou marcas, que os pés indígenas riscaram aquele chão e que a vinda de imigrantes e migrantes de várias partes do Brasil compôs a vida local.

O tempo lhe conferiu várias feições, e hoje, Paranapiacaba não pode ser traduzida apenas como Vila Inglesa ou apenas como Vila Operária e muito menos somente como Vila Turística. A mistura desses vários aspectos compõe sua “alma miscigenada”. Essa “alma” reclama a valorização de aspectos que configuram seu dia a dia

Sua mistura particular de elementos precisa ser valorizada pelo prisma da multiplicidade! É um equívoco esperar ou exigir dela uma definição pura, pois Paranapiacaba é a composição dessas várias facetas. É isso que mostra sua paisagem.

A partir desse reconhecimento, é possível perceber que em Paranapiacaba a paisagem se revela *múltipla e paradoxal*, propícia para o “encontro dos opostos”, que em alguns momentos se alinham e se entrecruzam, oferecendo inúmeras possibilidades de fusão: de tempos vividos, do velho com o novo, das instâncias (comunidade e poder público), dos conhecimentos (técnicos, acadêmicos e vernaculares) do artificial e do natural, da ideia de preservação e do desejo de qualidade de vida urbana...

É assim que, ao evocar mais uma vez seu potencial de “ligação”, é preciso ressaltar a peculiaridade de ser um lugar de entroncamentos distintos (de caminhos, de sentidos, de possibilidades). Essa característica remete a um entrelaçamento de linhas (que chegam a ser nós), dando ao lugar uma “alma” e uma conformação mestiça, carregada de multiplicidades.

*“Onde os habitantes se encontram, trilhas são entrelaçadas, conforme a vida de cada um vincula-se ao outro. Cada entrelaçamento é um nó, e quanto mais essas linhas são entrelaçadas, maior é a densidade do nó”. (INGOLD, 2017:219)*

Somente uma proposta que valorize a natureza plural, complexa e misturada da paisagem de Paranapiacaba poderá explorar todo o seu potencial.

É sob o foco da mistura e da capacidade de promover o “entrecruzamento” que o lugar se tornará uma referência mais próxima de sua própria *verdade*. Em outras palavras, seria como suspender a visão idealista de Patrimônio Mundial para se aproximar da vivência real de seus moradores. Retomar Paranapiacaba como ela *realmente é*, é a chave para que ela volte a se conectar.

Curiosamente, este *lugar do encontro* precisa se encontrar; precisa se aceitar em suas múltiplas dimensões: em sua banalidade, em sua feição ordinária, em sua mestiçagem e não somente na “capa de glória”. Em outras palavras, a fala verdadeira da Vila parece ser: *Sou o meu avô imigrante que tomava chá inglês, sou minha avó que veio do nordeste do Brasil, sou operário, sou descendente da inovação... Assim sou meio operária, meio inglesa! Meio caipira, meio vanguardista ...*

A dimensão mestiça da Paisagem de Paranapiacaba - essa vocação “do encontro com o diferente” – vai além da exuberância que o Patrimônio e o turismo tanto valorizam.

É preciso retomar o recado que os modernistas nos deram sobre o valor de ser miscigenado. É preciso entender que é no híbrido, na intensidade de opostos, nas suas múltiplas faces, que se encontra a *excepcionalidade* de Paranapiacaba.

#### 4 - MÚLTIPLAS TEMPORALIDADES:

*“Paranapiacaba não tem hora, tem tempo...”*

(morador entrevistado)

As temporalidades como diferentes percepções de tempo coexistem e se sobrepõem. Em Paranapiacaba, o *tempo da natureza* está presente na neblina que visita a Vila várias vezes por dia e quando quer; o tempo daqueles que ao sair para o trabalho todos os dias encontram o ritmo metropolitano, e ao final do dia retornam ao modo de viver no tempo na Vila; o tempo da relação da Vila com o turismo, que cria uma diferença entre dias úteis e finais de semana; o tempo do patrimônio histórico, do que foi congelado no tempo.

Essas temporalidades proporcionam mudanças bruscas que afetam profundamente a vida de quem habita o lugar, pois têm duração e periodicidades diferentes, que produzem contrapontos.

Há ali também um registro de temporalidade muito particular: a Vila de Paranapiacaba surgiu *à frente de seu tempo*.

Desde o período anterior ao colonial, a vista de longo alcance do Alto da Serra para o oceano permitia a “antecipação”, a previsão do que está por vir (elemento estratégico fundamental para o planejamento e gestão).

Além disso, a Vila de Paranapiacaba nasceu com a criação da primeira Linha Ferroviária do Estado de São Paulo, marcando a origem do lugar com inovação, tecnologia. Vista por esses ângulos, desde o início Paranapiacaba significou futuro!

Mas há outro aspecto que aponta para a vanguarda Paranapiacaba: ela é reconhecida, principalmente pelo segmento turístico e religioso, como a Sétima Cidade Mágica do mundo. Essa pista nos conduz a momentos da história em que ideias à frente do seu tempo eram relacionadas à ação de divindades, numa clara alusão ao que pode não ser apreendido racionalmente, mas é compreendido no plano místico<sup>46</sup>.

A paisagem misteriosa de Paranapiacaba, sua atmosfera às vezes sombria e recolhida, acentuada pela neblina, se reflete na presença dos destroços e ruínas. Tudo isso inspira um ambiente místico que confirma seu poder de atração do segmento esotérico (a exemplo da Convenção de Bruxas e Magos), associado às lendas urbanas e histórias de assombração contadas sobre o lugar.

As observações acima permitem supor que a história de Paranapiacaba testemunha uma vocação para o florescimento daquilo que está além do tempo presente.

Este tempo presente, no entanto, coloca um grande desafio para gestão do Patrimônio:

**Como essa vocação pode se compatibilizar com a ideia de congelamento?**

**Como entrelaçar inovação e passado, e simultaneamente, construir o futuro?**

A questão está no modo como essas temporalidades têm sido tratadas. Tudo indica que a Vila tem sido chamada a olhar para o seu passado (o que, diga-se de passagem, faz todo o sentido), mas pouco incentivada a cultivar seu ímpeto original pelo novo (o que pode recrudescer tensões e sentimento de paralisia).

Esses questionamentos confirmam a necessidade de considerar também as temporalidades nas ações de planejamento e intervenções da Vila.

## **5 - OUTRAS OBSERVAÇÕES DA EXPERIÊNCIA PAISAGÍSTICA POR JANELAS:**

A relação daqueles moradores com a paisagem por meio das janelas inspirou um possível partido de projeto sobre o trato com a *paisagem banal*, que valoriza o pequeno, a discrição e a delicadeza - em vez de grandes intervenções, voltadas na grandiosidade e na monumentalidade.

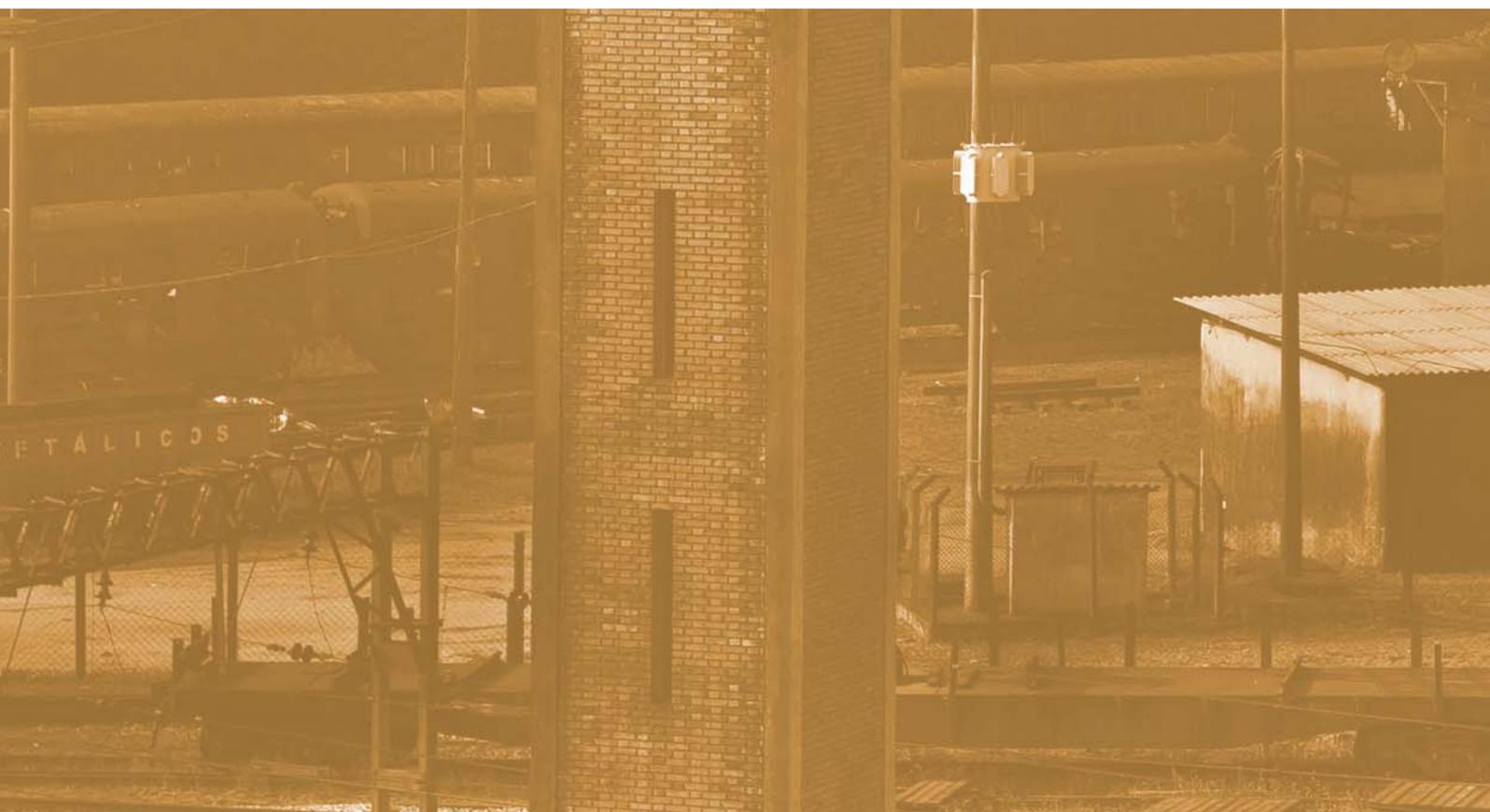
<sup>46</sup> - Essa pista que associa a ambiência misteriosa da Vila e sua atração para o místico como indicador de inovação foi desenvolvida por MAGNANI, em conversa pessoal com a pesquisadora.

Ao observar que o movimento da experiência estética de paisagem mediada pelas janelas nasce de dentro para fora, identificamos pistas para outras formas de elaborar projetos que, ao invés de partir de *olhares forasteiros*, aproveitam os valores intrínsecos ao lugar com atenção para os movimentos que ali se sucedem.

Partindo dessa diretriz, as proposições devem ser alinhadas à natureza real de Paranapiacaba, interagindo com seus movimentos pendulares *mover/pausar*, seus paradoxos em múltiplas faces e dimensões, suas temporalidades

Assim, do mesmo modo como nas janelas das pinturas renascentistas, abrir “pequenos enquadramentos” para valorizar a paisagem banal pode ser uma boa maneira de retomar, de fato, uma proposta de preservação da Vila que faça sentido para os moradores. Um exemplo seria investir em pequenos espaços qualificados como *cantos de acolhimento*, com o propósito de favorecer o *cultivo do encontro e da convivência* na dinâmica cotidiana do lugar.







SÍNTESES E CONSIDERAÇÕES SOBRE O DESVELADO

Fig. 44 - A Volta do Trabalho  
Foto: Israel Lopes, 2016



A paisagem foi aqui considerada como um fenômeno pertencente ao mundo vivido. Para compreender como ela *acontece* em Paranapiacaba, a investigação baseou-se nas percepções daqueles que tecem o cotidiano e fazem da Vila o que ela de *fato* é.

A paisagem vivida é complexa e não pode ser compreendida puramente por uma única visão, pois se define nos entrecruzamentos de múltiplas e distintas dimensões. Por essa razão, ouvir os que vivenciam aquela paisagem foi o modo adotado para ficar o mais rente possível do movimento que a constitui.

Ao reconhecer o caráter relacional, dialógico e dinâmico da paisagem, a pesquisa também mostrou várias possibilidades de engate entre “diversos olhares” - vivencial, técnico e acadêmico.

A fusão desses olhares, baseada na identificação de certas dimensões do humano, impôs questões, cobrou reflexões e aprofundamento sobre o que estava sendo tratado, do mesmo modo que também corroborou a visão da pesquisadora. Foi, portanto, o entrecruzamento de olhares que apontou um sentido de proposições mais condizentes com o tema da paisagem vivida.

A pesquisa se estruturou em uma abordagem qualitativa, fazendo uso de um conjunto de ferramentas metodológicas - entrevistas, discussão em grupo e expedição etnográfica urbana - cuja junção rendeu preciosas lições para os estudos de paisagem no campo do urbanismo, pois à medida que favoreceu a abertura para o “Outro”, qualificou a escuta e o diálogo e potencializou o entrecruzamento desses conhecimentos.

Após uma acurada consecução de campo, a pesquisadora permitiu-se “voltar à escrivaninha” com *fragmentos de realidades* consistentes o suficiente para aprofundar os detalhes de paisagem capturados, confrontá-los e alinhavá-los em uma composição de análise. Neste produto, as pistas, constatações e possibilidades de sentidos a serem exploradas no futuro puderam ser organizadas sistematicamente e produziram uma noção bastante rica de como a paisagem cotidiana de Paranapiacaba se revela para quem vive ali.

Por sua vez, a *dimensão sensível* da paisagem foi a opção conceitual da pesquisa, considerando que apreender a paisagem no campo dos afetos significa remetê-la ao seu sentido ontológico, que implica na disponibilização humana à experiência estética da paisagem em busca de uma ligação – permitindo colisões e fusões entre o sujeito e o mundo, entre a interioridade e a exterioridade. Como diz respeito à condição humana de existência na Terra, a paisagem pela dimensão sensível é uma proposta de *ver o mundo*.

Ao longo da pesquisa percebeu-se que a paisagem que acontece no cotidiano representa um objeto importante para os estudos da paisagem e da cidade, porque revela um fenômeno que interfere e interage diretamente com as pessoas que pertencem ao

lugar e revela a forma como se dão essas ligações. Esta perspectiva de paisagem lança luz, principalmente, sobre as questões da preservação patrimonial e ambiental no meio urbano, uma vez que procura desvelar os *vínculos afetivos* que sustentam o bem protegido, além daqueles evidentes nos aspectos físicos e monumentais.

De um modo geral, a pesquisa constatou que a *paisagem banal* que acontece no dia a dia de Paranapiacaba tem movimentos de inconstâncias e ambiguidades que, por vezes, se revelam de maneira intensa, mostrando que apesar de ser uma relação de afetos, nem sempre é uma a relação afetuosa – contrapondo-se à noção comum de uma natureza romantizada. Mais que isso, as sensações decorrentes dessa relação estão repletas de paradoxos, capazes de se apresentar simultaneamente através de sentimentos de *estrangeiridade /acolhimento, alegria / irritação por se sentir imobilizado, expectativas /decepção*. Nesses sentimentos, a paisagem marca sua posição no pacto firmado entre as pessoas o lugar onde vivem.

A *paisagem banal* também mostrou como suas diversas temporalidades – muitas delas discrepantes – interferem diretamente na vida e propósitos dos seus vivenciadores. Entretanto, as mesmas temporalidades testemunham que ali há um potencial de inovação, visto que a Vila já nasceu como algo à frente de seu tempo.

Naquele cotidiano há também uma paisagem exuberante, que é a mais evidente e, muitas vezes, relacionada à grandiosidade, à beleza, à monumentalidade. Por sua vez, além de significar distanciamentos próprios de grandeza, a exuberância da paisagem foi institucionalizada e passou a ser vista como “a paisagem” em sua totalidade. Aliás, o tipo de institucionalização à qual aquela paisagem foi submetida sugere uma blindagem - como se pertencesse apenas aos órgãos governamentais de proteção, o que a torna ainda mais distante das pessoas que habitam o lugar<sup>1</sup>.

Em compensação, esse processo de investigação revelou outra dimensão da paisagem que ainda não foi abarcada pela institucionalidade e que sobrevive à margem de um “reconhecimento” oficial como se não existisse. Talvez isso aconteça por essa paisagem não ser considerada como tão importante quanto a exuberante, ou porque ela mesma possui características que escapam à visão tecnicista - base do planejamento daquele território.

Nesse sentido, além de ambígua e paradoxal, aquela paisagem se revelou em suas múltiplas feições: não somente grandiosa, monumental e exuberante, mas simultaneamente, pequena, trivial, recolhida. Caracterizada por uma mistura que inclui diferentes camadas de temporalidades e contradições, ela mostrou sua capacidade de favorecer o entrecruzamento de dimensões distintas, retomando seu sentido de “ponto de ligação” e, portanto o “lugar do

---

1 - Isto não quer dizer que a exuberância da paisagem de Paranapiacaba – em sua beleza e a grandiosidade - não deva ser valorizada, apenas que a paisagem não pode ser interpretada a partir de um único aspecto.

encontro”. É nesse aspecto híbrido e miscigenado que ela indica onde repousa um forte valor de sua *excepcionalidade*.

Ali, as ligações estéticas da paisagem podem *acontecer* no embevecimento frente à beleza natural da Serra do Mar, da imensidão verde da Mata Atlântica, da larga vista sobre o mar sem fim. Mas ela não está só ali, às vezes está muito mais perto, à mão de qualquer ser humano – pode estar no recolhimento corporal provocado pela neblina, no acolhimento presente nas amoras disponíveis pelo caminho da escola ou até mesmo no encontro inesperado com uma flor que desabrochou onde não se esperava. Trata-se de uma conexão que não se reserva para “quem está preparado” para interpretá-la (seja artista, seja técnico), mas está disponível a quem é humano e vive lá. A partir da perspectiva que acontece nessa conexão, destacou-se a paisagem banal na esfera do dia a dia.

A constatação da paisagem banal que acontece ali revelou seu papel, pois à medida que permeia o cotidiano, coopera no pulsar da vida que há debaixo da espessa camada monumentalizada e esteticamente sublime. É uma paisagem que fala muito da Vila e, ao remontar ao sentido de *pays* - como pertencimento e vínculo com o lugar – ela sugere que o enlace entre seus habitantes e o lugar é mais forte do que se pode imaginar.

Confirmando que a experiência de paisagem acontece por meio de conexões que entrelaçam as *disposições anímicas* (SIMMEL), inúmeras formas de conexões com a paisagem foram descobertas ali – às vezes afetuosas, às vezes nem tanto.

São conexões que, por vezes, *acontecem* a partir da iniciativa de quem sai em busca da paisagem, expondo todo o corpo à experiência desse encontro: “*O homem procura a Terra, ele espera e chama por ela com todo seu ser. Antes mesmo de encontrá-la, ele vai ao seu encontro e a reconhece*”. (DARDEL, 1990:60). Mas também podem ser deflagradas de maneira inversa, quando a estonteante presença da paisagem surpreende as pessoas em meio aos seus afazeres, provocando uma pausa de reverência e contemplação, ou interferindo e até mesmo impedindo a ação programada.

Além disso, descobriu-se que o efeito da paisagem banal não se restringe à exposição do corpo a céu aberto. A *experiência sensível da paisagem* também pode ser mediada pelas aberturas das casas - e nem por isso é menos emocionante. Por meio das janelas, como se fosse um anteparo, as pessoas decodificam o que a paisagem está dizendo: se é hora de sair ou de se recolher. A paisagem escorrega pelas janelas, invade as pessoas e comparece como em um encontro fortuito na austeridade da neblina e no vento empoeirado, ou na delicada presença do por do sol.

Desta forma, a fruição mediada pelas janelas de Paranapiacaba também mostrou o quanto as pessoas se importam com a *sua paisagem* e como isso as enraiza naquele lugar. Isso se torna ainda mais relevante num contexto em que essa experiência experiência é uma

das poucas maneiras para se apropriar do lugar com liberdade.

É assim que a *paisagem banal* mostra às pessoas a possibilidade de se conectar a qualquer momento; como que se oferecendo generosamente em oportunidades exclusivas e assim tão preciosas para quem vive naquele contexto de incertezas, desterro e indecisões.

Fortalecendo a tese de que existe uma dimensão da paisagem que se manifesta no cotidiano das pessoas, a *paisagem banal* de Paranapiacaba mostrou que participa da vida da Vila por meio de uma relação de afeto mútuo com seus vivenciadores. Mais que isso, por sua característica de se manifestar no decorrer da vida, da rotina, do corriqueiro, aponta para os *laços de pertencimento* que se conformam no *âmbito da permanência*. Ou seja: a paisagem banal afeta e é afetada por seus vivenciadores e também ressignifica o sentido do que é “viver ali”, criando vínculos com aqueles que são dela, ao mesmo tempo que se permite ser apropriada pelos que são seus.

Desta forma, no passar dos dias a paisagem reforça sua mensagem aos que nela habitam: “Vale a pena ficar um pouco mais!”. Afinal, é na experiência com a *paisagem banal* que o vivenciador é lembrado de sua indissolubilidade com o mundo e que sua participação na constituição da vida é indispensável. Detecta-se nisso, um sentido de pertença.



Locobreque



Estação Reformada

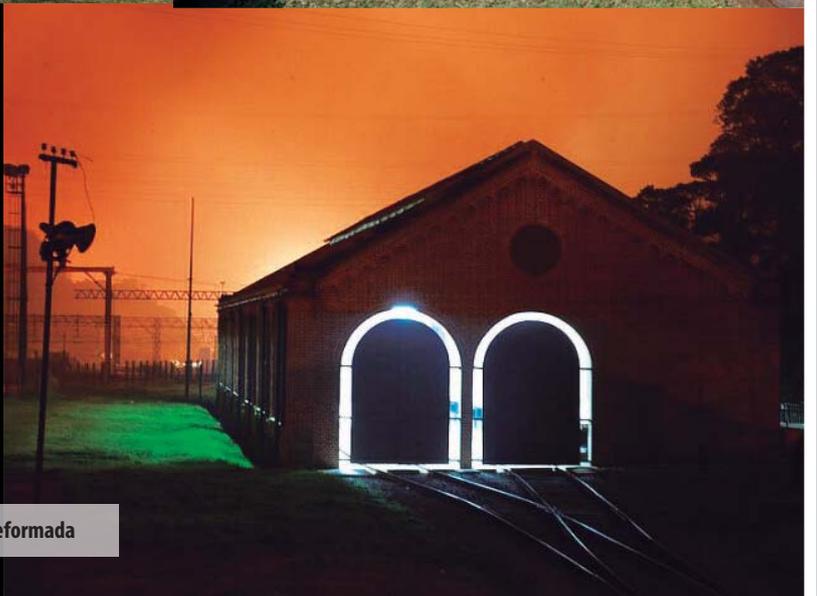


Fig. 45 - Fotos Paranapiacaba, fotos: Julio Bastos, 2018



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALAMINO, Caroline. *Vila de Paranapiacaba: paradoxo de um patrimônio histórico e um ponto turístico*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH. São Paulo, 2001. Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300581234\\_ARQUIVO\\_artigo\\_paranapiacaba1\(1\).pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300581234_ARQUIVO_artigo_paranapiacaba1(1).pdf)> Acessado em: 24-jan-2018.

ALBUQUERQUE, Elaine Moraes de. *APP fluvial urbana: navegando entre o sensível e a pressão. O caso da sub-bacia do córrego Taioca - no ABC Paulista*. 2012. Dissertação (Mestrado em Paisagem e Ambiente) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. doi:10.11606/D.16.2012.tde-04032013-104734. Acesso em: 2018-07-05.

ASSUNTO, Rosário. *A paisagem e a estética*. In: SERRÃO, Adriana Veríssimo (Coord.). *Filosofia da paisagem: uma antologia*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011. (Coleção Aesthetica, 1750).

BARTALINI, Vladimir. *A paisagem vivenciada*. OCULLUM, n.4, PUC/Campinas, Campinas - SP. 2005 - pp 116-123.

\_\_\_\_\_. *A paisagem em arquitetura e urbanismo*. In: Paisagem Textos I. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo - SP, 2013 - pp. 06-17.

BERQUE, Augustin, (dir) – *Cinq propositions pour une théorie du paysage*. Seyssel. Editions Champ Vallon, 1994

\_\_\_\_\_. *La pensée paysagère*. Paris: Archibooks, 2008.

BESSE, Jean-Marc. *Ver a Terra. Seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. Tradução Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CARDOSO, Vitor. *Santo André, a vila perdida na borda do campo*. Disponível em: <http://ib.rc.unesp.br/Home/Departamentos47/Botanica/victorjose/santo-andre-a-vila-perdida.pdf>. Acessado em: 23 – fev- 2018. Pp 1-15.

CRITELLI, Dulce. *Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. EDUC, Brasiliense, São Paulo - SP, 2006.

CRUZ, Thais. *Paranapiacaba: arquitetura e o urbanismo de uma vila ferroviária*. Dissertação de mestrado do programa de Pós-graduação em teoria e história da arquitetura e do urbanismo. Escola de engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo. 2007.

CUNHA, Maurício. *Olhar Ecológico - Paranapiacaba*. São Paulo, Fundo Municipal de Cultura de Santo André, 2001.

CUSTÓDIO, Marluce. *Introdução ao Direito de Paisagem: contribuições ao seu reconhecimento como ciência no Brasil*. Rio de Janeiro: Lumen Iuris, 2014.

DARDEL, Eric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. Tradução Werther Holzer - São Paulo: Perspectiva, 2011.

DONADIEU, Pierre. PÉRIGORD, Michel. *Le paysage. Entre natures et cultures*. Paris, Armand Colin, 2007.

FERRY, Luc. *A nova ordem ecológica: a árvore, o animal, o homem*. São Paulo: Ensaio, 1994.

Freire, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 24ª edição. Paz e Terra, 1996.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo/ tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback*. Petrópolis: Vozes, 2008.

HILLMAN, James. *Cidade e alma*. In: *Cidade & alma*. Coordenação e tradução: Gustavo Barcelos e Lúcia Rosenberg - São Paulo, Studio Nobel, 1993 - Cidade aberta.

INGOLD, Tim. *The Temporality of the Landscape*. In: *World Archaeology*, vol. 25, No. 2, Conceptions of Time and Ancient Society (Oct., 1993), pp. 152-174.

\_\_\_\_\_. *Estar Vivo: Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

JÖRG, Simone. *Do sofrimento coletivo à clínica da identidade*. São Paulo: Editora APPRIS, 2017.

KLEEB, Suzana. *Paranapiacaba e o patrimônio histórico e urbano*. In: *Paranapiacaba – um patrimônio para a humanidade*. São Paulo: Ed. Marquise, 2014, pp. 61-81.

LIMA, Catharina et al. O direito ao (in) compressível: arte, cidade, paisagem e transformação social. *RUA*, Campinas, SP, v. 23, n. 2, p. 291-309, dez. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8651144/17232>>. Acesso em: 24 fev. 2018. doi:<https://doi.org/10.20396/rua.v23i2.8651144>.

LIMA, Catharina et al. *Sob a neblina, os sentidos da paisagem* – In: *Colóquio Cidade & Alma | Perspectivas*, 2017, São Paulo. Colóquio Cidade & Alma: Perspectivas, 2017.

MAGNANI, J. G. C. *A etnografia como prática e experiência*. Horizontes antropológicos. Vol.15, N.32, Porto Alegre, jul./dez. 2009.

\_\_\_\_\_. *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. Revista Brasileira de Ciências Sociais v.17, N.49, São Paulo, junho 2002. DOI : 10.1590/S0102-69092002000200002.

MARIA, Yanci. *Paisagem: entre o sensível e o factual - Uma abordagem a partir da geografia cultural*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2010.

MORETTO NETO, Marco. *Protagonismo Comunitário Em Paranapiacaba: O impacto das ações governamentais no desenvolvimento socioeconômico-comunitário da Vila de Paranapiacaba no período de 2001 a 2004*. Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Administração da Universidade Municipal de São Caetano do Sul. 2005

PALLAMIN, Vera, ARANHA, Carmen, BARTALINI, Vladimir, LIMA, Catharina. **Fenomenologia e Paisagem: espaços de transitividade em intervenções associadas ao paisagismo e arte contemporâneos**. Pesquisadora responsável: Vera Pallamin. Pesquisa realizada com apoio da FAPESP-2012-2014 - proc. nº 01735-1.

PASSARELLI, Sílvia. *Sobre a Vila de Paranapiacaba*. In: Paranapiacaba: estudos e memórias. Santo André PUBLIC gráfica e fotolito, 1989.

PLENS, Cláudia. *A arqueologia da São Paulo Oitocentista: Paranapiacaba*. Annablume Editora, São Paulo, SP. 2016.

PSA, *Anuário de Santo André - 2016: ano base 2015*. Disponível em: <<http://www.santoandre.sp.gov.br/pesquisa/ebooks/381434.PDF>>. Acessado: 17-fev-2018.

PSA, *Sumário de Dados de Paranapiacaba e Pq. Andreense*. Santo André. Prefeitura de Santo André, 2008.

QUEIROGA, Eugenio & GONTIJO, Marina. *Espaços públicos da metrópole contemporânea: reflexões sobre o caso de campinas*. OCULLUM, n.4, PUC/Campinas, Campinas - SP. 2005 - pp 76-87.

RIBEIRO, Rafael. *Paisagem Cultural e Patrimônio*. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.

RITTER, Joachin. *Paisagem - função da estética na sociedade moderna*. Besançon, Les Éditions de L'Imprimeur, 1997.

ROGER, Alain. *Natureza e Cultura. A dupla artialização*. In: Filosofia da Paisagem. Uma antologia. SERRÃO, A. (coord.). Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.

SERRÃO, Adriana. *Pensar a natureza e trazer a paisagem à cidade: leituras introdutórias*. In: Psicologia Social e Imaginário. Organização: Sandra Maria Patrício. Ed. Zagodoni. 1ª ed. - São Paulo - SP, 2012 - pp. 62-71.

\_\_\_\_\_. *A paisagem como um problema da filosofia*. In: Filosofia da Paisagem - uma antologia. Coordenação: Adriana Serrão. Ed. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2013.2ª ed. - pp.13 - 35

SIMMEL, Georg. *Filosofia da Paisagem*. In: Textos Clássicos de Filosofia. Tradução: Artur Morão, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2009. Disponível em: [http://www.lusosofia.net/textos/simmel\\_georg\\_filosofia\\_da\\_paisagem.pdf](http://www.lusosofia.net/textos/simmel_georg_filosofia_da_paisagem.pdf). Acessado: 26-jan -2018.

VERAS, Lúcia M.C. *Paisagem postal. A imagem e a palavra na construção de um Recife urbano*. Tese de Doutorado. MDU/UFPE, 2014.